



PASSADOS *revelados*

FERNANDA CALEFFI BARBETTA



PERIGOSAS NACIONAIS

PASSADOS REVELADOS

FERNANDA CALEFFI
BARBETTA

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

“É mais fácil enganar as pessoas do que convencê-las de que elas foram enganadas.”

Mark Twain

1

O LIVRO

Naquele dezembro de 1989, alguns dias após a morte da filha, o senhor John se refugiou no escritório da casa de Brentford com um objetivo bastante claro e urgente: encontrar o livro de Claire. Poucas semanas antes do terrível acidente, ela havia garantido a ele que o livro estava praticamente finalizado.

Após questionar o genro sobre o livro e receber uma resposta bastante vaga e desinteressada, o senhor John começou a vasculhar cada vão daquele imponente móvel de madeira que ocupava uma parede inteira do escritório.

Não foram necessários muitos minutos para que
PERIGOSAS ACHERON

ele desse sua busca por vitoriosamente encerrada. Assim que começou a movimentar os livros posicionados lado a lado na estante, percebeu que atrás de alguns deles havia uma fina caixa de papelão retangular intencionalmente camuflada, como se tivesse sido cuidadosamente escondida ali.

Sem conter sua ansiedade e curiosidade, ele tirou rapidamente os livros que estavam na frente e pegou a caixa com as duas mãos. Ao abri-la, comemorou com um sorriso contido o sucesso de sua breve e afortunada busca.

Seus olhos percorreram em êxtase o conteúdo recém-descoberto. De dentro da embalagem de papelão, ele tirou um maço com cerca de 100 folhas de papel cor champanhe datilografado caprichosamente na máquina de escrever. Manuseando o precioso conteúdo como se estivesse em posse de algo de valor inestimável, ele agradecia em pensamento a sorte de tê-lo encontrado antes de qualquer outra pessoa.

Na primeira página, centralizado, o título: “O Sentido da Vida”. No rodapé, o nome de solteira da responsável pela obra: Claire Miller.

Como se devorasse cada uma daquelas páginas, em poucas horas, o senhor John leu

silenciosamente aquele conteúdo inédito. Foi interrompido apenas uma única vez pelo chamado da esposa para tomar um chá. Convite que ele recusou de maneira quase grosseira, atitude à qual nem ele e nem a esposa estavam acostumados. Mas, como todos enfrentavam uma situação extremamente atípica à qual também não estavam acostumados, qualquer mudança abrupta de comportamento passou a ser aceita como algo previsto e justificado.

Após finalizar a leitura do último parágrafo datilografado no papel champanhe, o senhor John vivenciou um sentimento de angústia ao confirmar suas lastimáveis suspeitas: a filha não tivera tempo de concluir seu terceiro livro. Ele estava diante de uma promissora obra inacabada.

Contraditoriamente, apesar da angústia, o senhor John estava também feliz e satisfeito. Aquelas páginas eram exatamente o que ele esperava: um sucesso literário garantido, não fosse a trágica morte precoce de sua filha querida.

Ainda sozinho e em silêncio, o senhor John ficou debatendo consigo mesmo sobre qual destino daria ao terceiro livro da filha. Pensou em finalizar a trama, já que parecia faltar tão pouco para que ela

fosse considerada uma obra acabada e pronta para edição. Mas logo afastou aquela ideia, repreendendo a si mesmo por ter cogitado interferir na criação inédita de sua filha.

Depois, pensou em aparecer na sala com a caixa em mãos e dividir com os demais aquela novidade recém-descoberta. Mas novamente inibiu seu impulso e hesitou. Primeiro, porque julgava que ninguém havia demonstrado o devido interesse pelo livro desaparecido. Segundo, porque tinha receio de que a esposa insistisse para que ele o finalizasse e o lançasse como sendo seu ou como uma obra póstuma de sua querida Claire. Mas talvez sua decisão tenha sido baseada mesmo na intenção egoísta de ser o único conhecedor daquela trama inacabada. Assim, resolveu mantê-la em segredo, como seu tesouro particular.

Quando foi colocar o maço champanhe de volta na caixa, notou que ali dentro havia um envelope pardo, o que certamente a ansiedade de horas atrás o havia impedido de enxergar. Presumindo que estava prestes a conhecer os últimos capítulos do livro, o senhor John abriu o envelope tomado por uma nova onda de esperança.

Ansiosamente, tirou de dentro do envelope outro

maço de folhas datilografadas, bem mais fino que o anterior. Deu uma folheada rápida naquela dezena de folhas e viu que se tratavam de textos curtos, possivelmente anotações, ideias e pensamentos colocados ali sem a pretensão de fazerem sentido como um todo. Suspeitou que não eram capítulos finalizados do livro, mas muito provavelmente fragmentos referentes ao desfecho da obra.

Debruçou os dois olhos e toda a sua expectativa sobre a primeira página. Após concluir a leitura daquele primeiro texto, o senhor John parou e tentou absorver o conteúdo que havia acabado de ler. Constatou, com certa decepção, que nada do que estava escrito naquela primeira página possuía qualquer relação com a terceira obra de Claire. Ele logo suspeitou que não encontraria ali anotações para os últimos capítulos faltantes, mas que muito provavelmente estava diante de material para uma próxima trama literária.

Com a curiosidade ainda mais aguçada, decidiu continuar sua leitura silenciosa. Logo no primeiro texto, o conteúdo chamou a sua atenção. Seus olhos ansiavam por mais. Seus dedos tateavam impacientes em busca das próximas páginas. De repente, ele parou, sobressaltado. Debruçou os

papéis sobre a mesa, com a boca entreaberta e os olhos arregalados. Ficou naquela posição por alguns segundos. “Não pode ser”, sussurrou a si mesmo, com a voz quase muda.

Hesitou. Chegou a se arrepender de ter encontrado aquele envelope repousando inocentemente naquela caixa quase vazia. Mas, apesar de hesitante, o senhor John já não se sentia capaz de voltar atrás. Seus olhos foram atraídos para as próximas páginas de maneira quase inevitável. A conclusão das dez páginas se fez obrigatória. Não tinha mais volta.

Tomou fôlego e foi até o fim. Quase sem respirar.

Ao final da leitura, ele estava arrasado. Apesar das personagens principais não terem seus nomes revelados, ele já as havia identificado.

Sem coragem para se desfazer de algo que revelava tão intimamente a alma de sua filha predileta, algo que a tornava ainda mais viva do que suas obras literárias, o senhor John guardou o pequeno maço juntamente com o livro inacabado e colocou a caixa no fundo de sua mala, sempre atento para que a esposa não descobrisse sua existência. Estava resolvido, ele levaria tudo com

ele para New Jersey.

Assim que chegou de volta à sua casa em Warren, o senhor John foi para o quarto desfazer sua mala e, sem que a esposa o observasse, levou a caixa até o escritório e a guardou dentro de uma gaveta em sua mesa. A única trancada à chave.

Nos anos que se seguiram, não foram poucas as vezes em que ele destrancou aquela gaveta. Quando as saudades da filha apertavam, ele se fechava em seu escritório e relia o livro inacabado com exagerado zelo. Muitas vezes, tirava o pequeno maço do envelope pardo e vacilava. Mas não resistia. Sabia que era naquelas páginas que ele a encontrava de verdade, sem máscaras, sem retoques, sem clichês, sem edições, revisões ou censuras.

Assim, sem revelar a ninguém a existência de um ou de outro, ele os manteve secretos, quase inéditos, quase imaculados. O seu tesouro particular.

2

O PRESENTE

Lisa acordou ansiosa naquele dia 27 de novembro de 2004. Quando colocou os pés para fora da cama, Peter já estava lá, olhando para ela e abanando o rabo, como se quisesse avisá-la de que aquele seria um dia especial.

Não, Peter não sabia que naquele dia haveria festa para comemorar o 15º aniversário de Lisa, mas o seu faro aguçado lhe assegurava que o bolo que a avó preparava em ocasiões especiais estava prestes a sair do forno. E Peter tinha razão.

Talvez ainda mais ansiosa do que Lisa, dona Eleanor se levantou da cama cedo naquela manhã para começar a preparar o seu renomado bolo especial de nozes que somente ela era capaz de fazer com tanta maestria.

Ao entrar na cozinha e surpreender a avó já separando os ingredientes para a cobertura, Lisa

abriu um largo sorriso e caminhou em sua direção, quase saltitante:

—Sabia que a senhora faria esse bolo para hoje — disse, dando uma espiadela no forno perfumado.

Dona Eleanor mal ergueu os olhos de sua bancada de mármore e começou a quebrar os ovos, separando as claras das gemas de forma precisa e profissional.

—Você está uma moça e já não quer mais as festas aqui em casa. Uma pena. Mas o bolo de nozes eu faço questão de fazer — respondeu a avó, carregando as palavras com uma boa dose de ressentimento.

Percebendo que aquela conversa caminharía facilmente para uma explícita chantagem emocional, Lisa foi se dirigindo para a sala, deixando a avó com seus ingredientes e suas lamentações:

—Eu também faço questão do seu bolo. Vai ficar perfeito.

Apesar do claro descontentamento da avó por não ser ela a responsável pelos salgados e doces que seriam servidos na festa daquela noite, Lisa estava bastante feliz por poder finalmente comemorar seu aniversário em um salão no centro

da cidade. Aquela comemoração menos caseira, de certa forma, representava para Lisa a sua independência. Ou pelo menos o início dela.

Às 17h30, quando apareceu na sala com um vestido azul e um casaco branco, os longos cabelos castanho-claros presos por uma delicada fita, brincos de ouro e uma leve maquiagem, Lisa foi coberta pelos já previstos elogios. Enquanto a avó dava sinais de que derramaria suas habituais lágrimas e Peter pulava freneticamente, querendo atenção, Ryan olhava para a filha, orgulhoso, como se fosse ele o responsável por tanta beleza e graça. Apesar de, especialmente naquele momento, ela deixar bastante evidente a sua inegável semelhança com Claire.

—Vamos, pai. Está na hora — disse Lisa, irritada com o comportamento do pai e da avó, que arruinava seus planos de libertação e contrariava a proposta de maturidade que ela havia planejado para aquele momento.

Enquanto a avó foi buscar o bolo na cozinha e o pai se dirigiu ao carro, Lisa tirou a fita que amarrava parte de seus cabelos e os balançou no ar. Olhou-se no pequeno espelho que havia na entrada

do corredor e deu um meio-sorriso. Talvez aquele singelo penteado fosse o responsável pelo desacordo entre intenção e fato. Sentiu-se mais madura.

Quando chegaram ao salão, finalmente decorado com flores e fitas no mesmo azul daquela que Lisa levava no cabelo até poucos minutos atrás, ela se deu conta, com certa decepção, de que sua libertação ainda estava longe de acontecer. Mas seus devaneios foram logo interrompidos pela chegada dos primeiros convidados.

Amigos e mais amigos foram chegando em grupos, e logo o salão estava quase lotado. Entre um jovem e outro, chegaram os familiares de Warren, que haviam aterrissado em Londres naquele mesmo dia.

Entretida com seus convidados, Lisa só se deu conta da presença deles, quando Anne tocou timidamente em seu braço. Quando Lisa se virou e a viu ali ao seu lado, um imenso sorriso despontou em seu rosto e ela a abraçou com carinho.

—Fico feliz que esteja aqui, mãe.

—Eu também, minha filha. Não via a hora de chegar — respondeu Anne, apertando ainda mais o abraço e o prolongando por mais alguns segundos.

Em seguida, foi a vez de Bruce e dos avós matarem as saudades. Eles não se viam desde o início daquele ano, após as festas de Réveillon que haviam passado juntos nos Estados Unidos.

Aqueles reencontros eram sempre cheios de beijos, abraços longos e palavras afetuosas. Além de muitos presentes e lembranças. Naquele aniversário, o presente que mais marcou foi o que o senhor John deu à aniversariante.

—Minha pequena, venha aqui comigo. Este é o seu presente — disse o avô, enquanto caminhava até um sofá, demonstrando que queria alguma privacidade com a neta naquele momento.

Intrigada com a atitude quase cerimoniosa do avô, Lisa logo suspeitou que aquela caixa deveria conter algo muito especial e importante. Então, o seguiu até o sofá, onde ele sentiu-se suficientemente confortável para realizar algo que planejava fazer há muitos anos, desde que havia descoberto que Lisa era filha de Claire. Então, estendeu a caixa para a neta, como se entregasse a ela um verdadeiro tesouro.

Lisa a abriu apressadamente, sem se dar conta de que o senhor John a observava atentamente. Ao se deparar com uma página quase toda em branco

contendo o nome de Claire na parte inferior, Lisa se virou para o avô, um tanto confusa e surpresa.

—O que é isso, vô? É da Claire? Da minha mãe?

—Sim. É um livro que ela estava escrevendo. Está quase finalizado — disse o senhor John, com a voz carregada de emoção.

Sentindo-se completamente incapaz de proferir qualquer palavra que pudesse corresponder às expectativas de seu interlocutor, Lisa se restringiu a agradecê-lo com um beijo no rosto e um sorriso sem graça. Mas o avô não se deu por satisfeito. Quando Lisa se levantou do sofá para guardar a caixa e cumprimentar outros amigos que estavam chegando, ele disse em tom quase solene:

—Você tem o dom da sua mãe. Quem sabe essa leitura não desperta em você a vontade de publicar um livro também. Você seria, certamente, uma excelente escritora.

Ainda mais desconcertada do que antes, Lisa deu um meio sorriso e torceu para que algum convidado recém-chegado intercedesse em seu socorro. Mas ninguém ousou interromper aquele momento tão familiar. Então, ela agradeceu o presente mais uma vez e se afastou, sentindo nos ombros o peso das expectativas e da

responsabilidade que o avô colocava sobre eles.

As expectativas do avô tinham uma explicação bastante plausível. Desde que aprendera a ler e escrever, Lisa demonstrou a mesma desenvoltura com as palavras que havia rendido à sua mãe biológica o precoce sucesso literário. Além do carisma, da beleza, da postura de liderança e dos belos olhos azul-turquesa, Lisa também havia herdado da mãe o talento com as palavras.

Assim que percebeu a familiaridade da neta com o papel e a caneta, o senhor John tratou logo de traçar seu destino. Mas, talvez justamente por causa daquela certeza que o avô e toda a família possuíam de que ela obteria o mesmo sucesso de seus antecessores, Lisa estava decidida a realizar a mesma trajetória, não tão brilhante, de sua outra mãe: estudaria Arquitetura.

Logicamente, o senhor John não se conformava com a decisão da neta de seguir um caminho diferente daquele que, segundo suas convicções, estava predestinado a ela. Insistentemente, aproveitava qualquer oportunidade para garantir à neta que ainda havia tempo para uma justa mudança de planos.

E sua convicção vinha de longa data. Assim como havia feito com Claire, o senhor John lançou seu oitavo livro quando Lisa fez 10 anos e o dedicou à neta, a quem se referiu-se generosamente como “a futura escritora da família”.

O destino de Lisa já estava traçado. Na fonte Times, tamanho 12.

3

A MÃE

DESCONHECIDA

Após receber aquele livro escrito pela mãe que ela nunca conhecera, Lisa não soube precisar muito bem sua própria reação àquela novidade.

Assim que chegou em casa e retirou o original novamente daquela caixa, Lisa o segurou firme com as duas mãos e o encarou por alguns minutos. Enquanto passava os olhos repetidas vezes pelo nome datilografado na primeira página, ela se dava conta, com certa tristeza, de que sua mãe de sangue pouco ou quase nada havia representado em sua vida até então.

Quando soube da existência de Claire, aos quatro anos de idade, Lisa a imaginou muito mais como uma princesa de contos de fadas do que como

uma mãe lamentavelmente ausente. No início, Ryan se esforçava para fazer com que a filha a admirasse e soubesse que ela era sua verdadeira mãe. Um dos artifícios utilizados por ele naquela tarefa era lançar mão daquela caixa com as poucas fotografias da mãe, que era aberta e apreciada com certa frequência. Mas, aqueles momentos duraram pouco. Logo após Lisa completar cinco anos de idade, a caixa foi sendo abandonada na prateleira mais alta do armário de Ryan.

Aos poucos, Lisa foi se esquecendo de Claire. Nas raras vezes em que demonstrava algum interesse pela mãe ausente e questionava algo além daquilo que já haviam dito a ela, Ryan, Anne e toda a família se revelavam completamente incapazes de saciar a curiosidade da pequena, dando a ela sempre respostas imprecisas e, muitas vezes, até contraditórias. Os avós maternos eram os únicos que sentiam prazer em falar sobre Claire, mas repetiam sempre as mesmas histórias carregadas de emoção. E Lisa logo se cansou de recorrer àquelas lembranças saturadas de saudades.

A verdade é que as vagas informações de Ryan e Anne e as exageradas recordações dos avós fizeram com que Lisa se afastasse cada vez mais da mãe

que ela nunca conhecera.

Porém, naquele dia, após completar 15 anos, segurando em suas mãos aquele sólido maço de páginas cor champanhe, Lisa sentiu que talvez a vida estivesse dando a ela uma nova oportunidade de deixar a mãe desconhecida fazer parte de sua vida.

Sem querer perder mais um só dia, Lisa começou a ler o livro naquela mesma noite. E só parou quando chegou à última página.

4

AS MENTIRAS

A trama de mentiras que as duas famílias de Lisa criaram e precisaram alimentar para justificar a mentira original foi algo que definitivamente saiu do controle.

A primeira dificuldade foi lidar com as questões judiciais. Assim que descobriu as mentiras de Anne, Ryan tinha a intenção de, além de reconhecer sua paternidade na certidão da filha e dar seu sobrenome a ela, restituir também o nome materno de Claire na certidão de Lisa. Mas, como aquele procedimento exigiria um complexo, demorado e incerto processo judicial que envolveria, além da confissão de culpa de Anne e da exposição da família, a alteração na certidão de óbito de Christie, Ryan foi convencido pela família a desistir da ideia.

Essa decisão gerou outro problema. A certidão

de Lisa permaneceria com o nome de Anne como sua mãe legítima. Como Ryan não abria mão de contar à filha sobre a sua real descendência, e Anne não queria que mais tarde Lisa questionasse o fato dela não ter a sua guarda definitiva, não restou outra saída a não ser dizer que Anne havia assumido a maternidade legal da sobrinha após a morte da irmã, compartilhando, além da criação dela até os quatro anos de idade, o registro em sua certidão de nascimento.

Mas nem todos foram categoricamente enganados em toda essa história. Os familiares e amigos muito próximos foram informados de toda a verdade, por pior que pudesse ser a aceitação deles diante dos fatos. Não havia outra saída plausível, bem porque seria muito improvável que eles compreendessem a repentina entrega de Lisa a Ryan sem que estivessem a par de toda a situação. Mas, obviamente, em troca da verdade foi exigido sigilo total e absoluto.

Para os meramente conhecidos e os que vieram a conhecer depois daquele incidente, preferiram manter a tal trama criada por eles. Mas o maior problema não foi ocultar a verdade da justiça e das pessoas que eles pouco conheciam. O grande erro

foi quando decidiram esconder a verdade de Lisa, aquela que eles diziam mais amar.

No início, Ryan não se mostrou nem um pouco satisfeito com a ideia de ocultar a embaraçosa troca de bebês realizada por Anne. Porém, após muitas discussões familiares, todos acabaram se convencendo de que seria menos prejudicial a Lisa mantê-la na inocência, longe de toda aquela farsa.

Anne também fez amplo uso do argumento de que, por ser ainda criança, Lisa não conseguiria guardar o segredo da família e driblar os curiosos. E garantiu veementemente que no futuro, quando Lisa pudesse entender melhor a situação e fosse capaz de manter o segredo, eles contariam toda a verdade a ela. Mas, quando o futuro chegou ninguém teve coragem de confessar que a haviam enganado por tanto tempo.

Como para Ryan o mais importante era manter a guarda de Lisa e garantir que ela soubesse que ele e Claire eram seus legítimos pais, ele acabou aceitando, mais uma vez, manter encobertas as mentiras de Anne.

A infância de Lisa até os quatro anos de idade também foi mantida, de certa forma, na

obscuridade. Confiando na teoria de que guardamos pouca ou quase nenhuma memória de nossa primeira infância, foi prazeroso e reconfortante imaginar que seria fácil fazer Lisa acreditar naquela criação compartilhada e aceitar a genuinidade de sua biografia um tanto atípica.

Realmente, foram raras as vezes em que Lisa citou algum acontecimento anterior a 1994, mas não demorou muito para sua memória trazer à tona recordações, um tanto superficiais, daquele desastroso piquenique em um parque em Warren, quando Ryan e Anne revelaram que ele era seu pai também. Questionado pela filha, Ryan fingiu achar graça daquela história e garantiu que aquilo que ela achava ser uma lembrança do passado era certamente um terrível pesadelo. Curiosamente, aquela recordação acabou se tornando de fato um pesadelo, e Lisa logo considerou que uma situação inusitada como aquela não poderia mesmo ter acontecido de verdade um dia.

Se Lisa recebeu apenas vagas informações sobre sua mãe legítima e confusas referências de sua primeira infância, sobre o que aconteceu naquele fatídico 1º de dezembro de 1989, ela não soube

quase nada. Repetiram a ela o enredo superficial e, de certa forma, verídico, de que enquanto voltavam da maternidade de Brentford com suas filhas recém-nascidas, Claire, Anne e Eric sofreram um acidente de carro. Claire, Eric e a filha dele com Anne, Christie, haviam morrido instantaneamente.

Nas poucas vezes em que questionou sobre o acidente, Lisa recebeu informações muito breves, sempre interrompidas bruscamente com a desculpa de que era um acontecimento delicado e triste demais para ser lembrado. Julgando que aquelas lembranças os faziam sofrer, Lisa desistiu de perguntar sobre o passado e de impor a eles aquelas tristes lembranças.

Quando Lisa teve acesso ao computador, foi impossível controlar o acesso que ela tinha às informações. Para alívio de toda a família, como a morte de Claire havia ocorrido alguns anos antes da propagação e popularização da internet, Lisa encontrou pouco material sobre o assunto. Os resultados das buscas nos sites de pesquisas traziam algumas citações breves sobre o terrível acidente e outras mais breves ainda sobre a jovem escritora Claire Miller. De interessante mesmo ela só encontrou uma matéria publicada em um site de um

impresso local que trazia recortes de um exemplar da época do acidente. Nos recortes, o jornal informava que a promissora escritora americana Claire Miller havia morrido junto com sua filha e cunhado minutos após deixarem a maternidade.

Ao ler aquela notícia, Lisa ficou confusa e comentou com o pai sobre as informações desencontradas divulgadas no site. Ryan não se mostrou nem um pouco incomodado e nem surpreso com os questionamentos de Lisa. Pelo contrário, ele se mostrou bastante preparado para esclarecer o equívoco do jornal, que havia publicado a matéria sem averiguar antes as informações corretas.

A explicação dada de maneira tão clara e convincente não deixou nenhuma dúvida. Lisa estava certa de que as informações veiculadas pela imprensa certamente não era muito confiáveis, e que devemos duvidar de tudo aquilo que lemos, até que se prove o contrário.

5

A CURIOSIDADE

No domingo, já eram quase 11 horas da manhã quando Ryan apareceu no quarto da filha.

—Já são quase onze, Lisa. A Anne deve chegar daqui a pouco. Vamos.

Enquanto Lisa se esforçava para abrir os olhos, Ryan foi acendendo a luz e caminhando pelo quarto para chegar até a janela. Assim que passou pela mesinha que ficava ao lado da cama, notou um amontoado de papéis, e foi impossível não reparar no nome de Claire logo na primeira página.

Sem entender do que se tratava, Ryan se aproximou e fez menção de tocar naquele maço de papel cor champanhe, mas hesitou assim que percebeu que Lisa já havia acordado e estava com os olhos sonolentos voltados para ele.

—É o livro que minha mãe estava escrevendo — disse, enquanto de livrava das cobertas e se

sentava na cama.

Ryan ficou encarando Lisa como se precisasse de alguns segundos para absorver e compreender aquela informação. Não disse nada.

Levantando-se da cama e dirigindo-se ao banheiro, Lisa resolveu dar mais detalhes, a fim de eliminar algumas rugas da testa de seu pai.

—O vovô me deu ontem à noite. E eu já li ontem mesmo, antes de dormir.

As rugas continuaram lá. E Lisa continuou falando, apesar de não parecer muito capacitada para saciar a curiosidade de Ryan:

—É um livro bonito, mas muito triste.

—Livro triste? — perguntou Ryan, franzindo ainda mais a testa.

—Ela era triste? — perguntou Lisa, mudando o foco do assunto.

—Triste? — perguntou Ryan, compreendendo cada vez menos aquela conversa.

—Não está finalizado. Não deu tempo — falou Lisa, colocando um pouco de emoção na voz.

Ryan já não parecia mais ouvir o que Lisa dizia. Sem se aproximar muito do bloco de papéis, ele esticou a cabeça, se esforçando para conseguir ler o título da obra, escrito com o pequeno tipo da

máquina de escrever.

Sugerindo que o pai demonstrava interesse pela obra, Lisa completou, já fechando a porta do banheiro:

—Se quiser ler, eu te empresto. Mas tem que me devolver.

Ryan permaneceu ao lado da mesinha, encarando a brochura, ainda tentando entender do que se tratava e indeciso se a pegava ou não. Então, ele saiu do silêncio:

—Seu avô tinha o último livro de Claire e o guardou por todos esses anos sem falar nada? — perguntou de forma indignada, quase gritando para que sua pergunta ultrapassasse a porta fechada e o barulho do chuveiro ligado.

Lisa gritou de volta:

—Sim. Guardou pra mim.

Ryan esticou o braço quase involuntariamente e folheou algumas páginas. Quando finalmente o seu interesse pela obra começou a surgir, sua atenção foi roubada pelo grito de Lisa vindo do banheiro:

—Depois precisamos conversar sobre ela. Tem muita coisa que quero saber sobre minha mãe Claire.

Ao ouvir aquilo, Ryan tirou rapidamente a mão

dos papéis e chegou a se arrepender de seu súbito interesse pela obra inacabada da ex-esposa. Fazia tempo que ele não falava sobre Claire e ele não estava muito disposto a retomar aquele delicado assunto.

Imaginando que Lisa pudesse sair do banho a qualquer minuto, cheia de novas perguntas e propostas, Ryan decidiu deixar o quarto, sorrateiramente, sem dizer mais uma só palavra. Fechou a porta atrás de si torcendo para que aquele interesse pela mãe fosse, mais uma vez, algo passageiro.

6

O ALMOÇO

Às 11h30, Bruce, Anne e seus pais apareceram na porta da casa de Brentford para buscar Lisa para um almoço especial no restaurante preferido dela, em Londres. Lisa mal entrou no carro e já se dirigiu ao avô, cheia de entusiasmo:

—Vovô, eu li o livro. E gostei muito.

Ansioso para saber mais sobre a opinião de Lisa e decidido a tornar aquele debate literário o assunto do encontro dominical, o senhor John foi logo exigindo mais detalhes:

—Mas me conte mais. O que você achou da trama?

—Achei a história excelente, mas confesso que ainda prefiro o anterior.

Os demais presentes naquele carro ficaram calados, sem saber na verdade como entrar naquele

assunto que desconheciam completamente. Então, neta e avô, continuaram o diálogo animado.

—Mas a escrita está muito mais elaborada. Acho que ela se superou na linguagem — continuou o avô, como se quisesse convencer a neta de que aquela obra inacabada era ainda superior ao livro anterior.

Começando a suspeitar que o assunto debatido naquele diálogo animado era algo escrito por Claire, Anne decidiu participar da conversa.

—Afinal, do que vocês estão falando? Quem escreveu o quê?

Percebendo o tom irritado na voz de Anne, Lisa ficou muda.

E o senhor John respondeu:

—Estamos falando do terceiro livro de sua irmã.

—Terceiro? Mas ela escreveu um terceiro livro? E onde estava este livro até agora?

—Estava comigo. Mas não está finalizado. Faltou pouco. Muito pouco — respondeu o senhor John, em tom quase melancólico.

Anne, que naquele momento já estava virada para trás, ficou olhando para o pai com a testa franzida, como se esperasse mais explicações. Então, ele continuou:

—Eu encontrei o livro há muitos anos e o guardei para a Lisa. Dei a ela ontem.

Anne, então, direcionou os olhos para dona Laura, que estava sentada do outro lado de Lisa, apenas observando.

—Nem olhe para mim. Eu só soube deste livro na semana passada. Para falar a verdade achei um livro muito triste — disse, tentando se desculpar pela omissão do livro que ela nem imaginava que existisse.

—Não é porque é triste que é ruim — interferiu o senhor John, mantendo sua firme missão de enaltecer o trabalho de Claire e fingir que não percebia a indignação de Anne.

—Não disse que é um livro ruim ou mal escrito. Mas achei um pouco depressivo — disse dona Laura, sustentando sua opinião.

Utilizando um tom que beirava o sarcástico e o arrogante, Anne tomou a palavra mais uma vez:

—E o senhor, já está preparando mais um livro? Talvez seja uma boa ideia publicar esse da Claire, já que é tão bom.

—Não, este não será publicado, ficará na família. É da Lisa — respondeu, mostrando-se ofendido, não pelo tom de Anne, mas pela

suposição de que ele deveria publicar a obra inédita de Claire.

Todos ficaram em silêncio.

Percebendo que o clima não estava nada favorável dentro daquele carro apertado, Bruce, que não havia dito nada até então, resolveu tentar salvar o almoço em família e garantir que aquele encontro fosse animado como todos haviam planejado.

—Ansiosa para a nossa viagem, Lisa? — perguntou, referindo-se à semana que passariam juntos em Paris, ainda antes do Natal.

—Muito. Nem acredito que ainda vou ter mais de duas semanas de aula antes da viagem. Vai ser muito bom — disse Lisa, aceitando com alívio e bom humor a tentativa desesperada de Bruce de mudar bruscamente de assunto.

Como aquela viagem para Paris era algo esperado ansiosamente por todos, ela logo se tornou o tema principal daquele encontro.

7

A NOVIDADE

Lisa foi para a escola no dia seguinte ansiosa para reencontrar seus amigos. Além de ser o dia do seu aniversário, era o primeiro dia de aula após a sua festa, e ela sabia que seu baile seria um assunto amplamente comentado no seu círculo de amizades. Mas, outro motivo a deixava ainda mais inquieta naquele dia: ela tinha uma novidade para contar.

Assim que chegou, Lisa recebeu cumprimentos calorosos e foi logo alertando cada um de seus amigos mais íntimos que ela tinha uma novidade para contar. Como era a sua intenção, todos ficaram curiosos.

Na hora do intervalo, os amigos a seguiram até a mesa onde costumavam tomar um lanche rápido nos 15 minutos de intervalo entre um período de aula e outro.

—Vocês não imaginam o que eu ganhei de aniversário do meu avô — disse, tomando rapidamente a atenção para si.

Todos ficaram mudos, olhando fixamente para ela. Não ousaram dar palpites ou fazer qualquer intervenção que atrasasse ainda mais a tal revelação.

—O livro da minha mãe.

A plateia se entreolhou confusa. Alguns até se lembravam de que sua mãe de sangue era escritora, mas também se lembravam de que ela já havia morrido. Outros imaginaram que Lisa estivesse se referindo à sua outra mãe, a que morava na América.

Diante do silêncio de todos, ela continuou.

—Era para ser o terceiro livro dela. Só que não está finalizado. Ela morreu antes de acabar.

Naquele instante, não restou dúvida: ela falava de sua mãe falecida, aquela sobre a qual eles tinham nenhuma ou quase nenhuma informação. Lisa havia comentado sobre a mãe escritora, falecida num acidente, pouquíssimas vezes, bem superficialmente, nunca demonstrando muito interesse ou muita informação sobre o assunto.

—Mas por que você só ganhou ele agora? —

perguntou Carolyn, engolindo rapidamente um gole de suco.

—Estava com meu avô. Ele estava guardando pra mim.

—E é bom? — perguntou sua melhor amiga, Emily, julgando que não houvesse outra pergunta mais apropriada.

—É sim. Pena que não deu tempo de finalizar — respondeu Lisa, com um repentino toque de drama.

Aproveitando que ela estava colocando na roda aquele assunto tão pouco debatido até então, Daisy mudou o foco da conversa.

—Você não fala muito dela. Nem me lembro do nome dela.

—Claire. O nome dela era Claire. Na verdade eu não sei muito sobre ela.

Assim que o assunto tomou um inesperado rumo mórbido e triste, ninguém soube o que falar. Então, Robert, o mais curioso e indiscreto de seus amigos, tomou a palavra:.

—Você já foi visitar o túmulo?

As amigas olharam imediatamente para ele. Umas com expressão de susto, outras, de recriminação. Mas Lisa pareceu não se importar

com a pergunta.

—Não, nunca fui. Meu pai não gosta de falar dela, do passado, do acidente. Acho que ele também não vai lá. Deve ter se esquecido dela — respondeu, com os olhos baixos.

O sinal que alertava para o retorno à sala de aula soou, e, de certa forma, pareceu um alívio para Lisa. Afinal, a novidade não tinha tomado exatamente o rumo que ela desejava.

Com exceção de Robert, que ainda parecia muito interessado no assunto, o término abrupto da conversa foi um alívio também para os demais. Talvez eles não tivessem sido preparados para aquela imprevista notícia e não soubessem muito bem como lidar com aquela questão. Na verdade, nem Lisa se sentia preparada para aquela novidade.

No dia seguinte, assim que viu Lisa entrar na escola, Emily foi ao seu encontro.

—Oi, Lili. Sobre o livro. Depois você me empresta? Eu queria ler.

—Eu não sei se minha mãe Anne vai querer ler antes de voltar pra casa dela. Mas depois eu te empresto.

Assim como Lisa havia previsto, no mesmo dia

PERIGOSAS NACIONAIS

Anne pediu para levar o livro para o hotel, prometendo devolver até o final da semana. Mas não precisou tanto, no dia seguinte ela o devolveu dizendo que era um livro muito bom e que sentia muito pelo fato de não ter sido finalizado.

A avó Eleanor foi a próxima. Assim que viu o livro novamente nas mãos da neta, pediu para ler. Devolveu alguns dias depois. Até discutiu alguns pontos com Lisa, comentando algumas passagens e elogiando muito a escrita de Claire. Lisa ficou contente com o interesse da avó.

Quanto a Ryan, ele nunca pediu para ficar com o livro e não tocou mais no assunto. Mas Lisa fez questão de deixar o maço de folhas cor champanhe sempre à mostra no escritório para que o pai pudesse saciar sua curiosidade, caso ela surgisse.

PERIGOSAS ACHERON

8

OVERDOSE

Nos dias que antecederam a sua viagem a Paris, assim que saía da escola, Lisa encontrava Anne, Bruce e os avós esperando por ela, sempre cheios de planos para o dia inteiro. Primeiro a levavam para almoçar em algum lugar escolhido por ela e depois partiam para atividades variadas, como passeios no shopping, cinema, teatro, boliche, museu de ciências e patinação no gelo.

Lisa adorava os paparicos e se aproveitava da situação para comer em seus restaurantes preferidos e passear em lugares que muitas vezes Ryan não a levava, como na vez em que sugeriu que eles fizessem o “Tour do Jack, o Estripador”, um passeio sinistro pelos lugares onde o assassino matou brutalmente suas vítimas no final do século 19.

A avó relutou em aceitar a sugestão, dizendo

que talvez fosse um passeio muito pesado e que pudesse não ser bom para a neta. Mas todos sabiam que, na verdade, era ela que estava com receio de perder suas próprias noites de sono. No fim, todos aceitaram e foram para Londres fazer o tal passeio sinistro.

No dia seguinte, Lisa se sentiu mais à vontade para fazer mais uma sugestão singular, julgando que seus parentes americanos estivessem dispostos a tudo para agradá-la.

—Hoje, a gente podia ir no cemitério. Queria ver o túmulo da minha mãe — disse Lisa, entrando no carro.

Silêncio absoluto. Ninguém nem respirava. Aquela sugestão de passeio estava muito além da sinistra caminhada por vielas iluminadas com lamparinas a gás e visitas a teatros assombrados.

Mas ela esperava uma resposta.

—Iremos outro dia. É um passeio muito triste. E hoje temos planos para um dia muito animado — respondeu Bruce, aguardando um contra-argumento.

Lisa tentou persuadi-los, mas todos estavam unidos e irredutíveis no propósito de negar o seu

inusitado pedido. Ela julgou que talvez o passeio do dia anterior tivesse sido muito pesado para eles e desistiu de insistir. Pelo menos por enquanto.

Assim, os dias se seguiram até a viagem a Paris. Uma verdadeira overdose de passeios, almoços, jantares, mimos e conversas. Mas ninguém estava se importando com aquele ritmo frenético que era comum todas as vezes que a família americana passava férias em Brentford.

Parece que a overdose só fazia mal mesmo a Ryan, que, apesar de relativamente acostumado com essas visitas anuais, ficava sempre irritado com a falta de tempo com a filha e com a presença constante dos americanos em sua casa nos finais de semana.

Peter também não gostava daquelas ausências de Lisa. Ficava todos os dias aguardando que ela chegasse da escola e, quando percebia que já havia passado muito da hora, se deitava no meio da sala e ficava olhando para a porta da entrada. Quando Lisa chegava, qualquer que fosse a hora, Peter fazia uma enorme festa para recepcioná-la.

A avó já se mostrava mais compreensiva com a ausência da neta e não reclamava nem se irritava. Mas fazia questão de ter ao menos uma tarde

PERIGOSAS NACIONAIS

reservada para darem continuidade a uma tradição natalina, que elas mantinham desde que Lisa foi morar na Inglaterra: o preparo dos biscoitos de gengibre.

Lisa e a avó preparavam, com muito capricho, uma grande quantidade dos saborosos biscoitos natalinos. Juntas, cuidavam do preparo da massa, controlavam o tempo de forno e embalavam cada doze unidades em caixinhas vermelhas com laços dourados. Já a decoração com glacê, ficava a cargo somente de Lisa. No início, ela fazia apenas alguns riscos coloridos, que depois evoluíram para estrelas e, mais tarde, ganharam formas mais rebuscadas e delicadas.

O momento de fazer os biscoitos era sempre o mais aguardado pela avó. Tristes eram os Natais em que Lisa passava nos Estados Unidos. Na ausência da decoradora oficial, não havia biscoito, nem sem glacê, nem com rabisco, nem com estrela e muito menos com desenhos mais elaborados.

Felizmente, naquele ano teria biscoito decorado para a família e os amigos. Ao final do dia, aqueles pacotinhos vermelhos e dourados, colocados lado a lado no balcão da cozinha, significavam para dona Eleanor que naquele ano teria Natal.

PERIGOSAS ACHERON

9

EM PARIS

Na quarta-feira, dia 15, Lisa acordou bem mais cedo e muito mais agitada. Antes das 8h, Anne, Bruce e seus avós a buscariam para juntos tomarem o trem rápido em Londres, com destino a Paris.

Quando entrou na cozinha já com sua mala pronta, encontrou o pai tomando seu café da manhã. Enquanto a avó preparava algumas frutas e biscoitos para que ela levasse para a viagem, o pai já preparava o tradicional discurso que ele proferia sempre que Lisa se afastava de casa. O consagrado sermão incluía recomendações sobre tomar cuidado e prestar atenção a todo momento, ser educada e obediente e telefonar para ele e para a avó todos os dias.

Assim que Ryan acabou seu discurso, a campainha soou. E aquela coincidência deixou Lisa bastante aliviada, pois ela sabia, graças a experiências anteriores, que se sobrasse algum

tempo, o pai reiniciaria as suas recomendações. Antes que ele as reiniciasse mesmo sem tempo sobrando, Lisa se despediu dele, da avó, deu abraços apertados em Peter, pegou o lanche e foi abrir a porta.

Ao ver Lisa ali com a mala em uma mão e o habitual lanche da avó na outra, Anne não conseguiu esconder sua alegria e satisfação. A abraçou com força e demoradamente, como se quisesse congelar aquele momento para a posteridade.

Logo atrás veio Peter, que encheu Anne de lambidas, como costumava fazer quando a encontrava. Atrás de Peter, dona Eleanor. Após cumprimentar Anne, ela fez um aceno para os demais que estavam no taxi e abraçou Lisa, reforçando algumas das recomendações enunciadas por Ryan há poucos minutos.

Assim que Lisa e Anne entraram no taxi, Peter deu dois latidos e abanou freneticamente o rabinho, talvez pedindo para ir junto ou desejando boa viagem.

Após uma rápida viagem de trem, eles chegaram a Paris, onde permaneceriam por uma semana,

PERIGOSAS NACIONAIS

visitando os principais e disputados pontos turísticos. Naquela época do ano, a Cidade Luz estava especialmente lotada de turistas.

Para azar de Anne, mesmo diante de monumentos históricos e paisagens espetaculares, o assunto Claire e seu novo livro frequentemente ressurgiam entre os assuntos do dia. Obviamente sempre surgiam dos lábios de Lisa ou do avô, que pareciam ter encontrado no tema um laço comum e particular que os unia ainda mais.

Um dia, enquanto saboreavam um crepe cheio de pasta de chocolate com avelã e caminhavam pela Champs Elysées, Lisa se virou para a Anne e pediu que ela falasse um pouco sobre Claire.

Anne quase engasgou com o crepe e, diferentemente das outras vezes, em que havia evitado a todo custo falar da irmã, Anne a descreveu com generosidade e emoção.

—Ela era muito bonita. Assim como você. E muito esperta e inteligente. Todos gostavam muito dela — disse com os olhos cheios de água.

Percebendo que todos olhavam para ela com certa dose de pena e surpresa, Anne enxugou as lágrimas que ainda não haviam se desprendido de seus olhos e falou de maneira encabulada:

PERIGOSAS ACHERON

—Acho que Paris deixa a gente mais sentimental.

Após aquela resposta emocionada de Anne, Lisa se sentiu ainda mais encorajada a colocar o tema Claire nas pautas diárias.

Definitivamente, aquele livro havia feito Lisa se interessar pela mãe de sangue de uma forma que nunca havia acontecido antes. E, certamente, todos estavam sendo convidados a desenterrarem Claire junto com ela.

No entanto, naquela viagem, outros personagens também foram ressuscitados do passado.

No último dia na cidade parisiense, quando saíam do Museu do Louvre, Anne identificou um rosto familiar no meio da multidão. Assim que percebeu que também havia sido reconhecida e que ele estava caminhando em sua direção, Anne soltou a mão de Bruce e olhou para ele, fazendo um sinal para que esperassem por ela um pouco mais adiante. Mesmo sem entender os motivos da esposa, Bruce levou todos para um lugar um pouco menos lotado, a poucos passos dali.

—Anne? Quanto tempo. Tudo bem? — disse, demonstrando com seu sorriso amarelo que havia tomado a iniciativa de cumprimentá-la mais por

acreditar que não houvesse uma escapatória digna do que por vontade legítima de estabelecer um contato.

—Oi, Ethan. Tudo bem. E com você? — respondeu quase sussurrando, como se o nome dele fosse algo impronunciável.

Se o surgimento de Ethan no meio da multidão já não foi uma surpresa agradável para Anne, ver a esposa ao lado dele foi ainda mais embaraçoso. Com a habitual postura de superioridade e o olhar de reprovação, Gizella a cumprimentou secamente, apenas com um aceno, sem dizer uma só palavra.

Assim que se voltou novamente para Ethan, Anne teve outra surpresa desagradável, Lisa não havia seguido o pai e acabara de chegar e se colocar ao seu lado. Anne sentiu um frio na espinha e um rubor no rosto.

—É ela? — perguntou Ethan, olhando para Lisa com curiosidade.

Aquela era a terceira vez que ele a via. A primeira foi na ocasião do enterro de Eric, quando ela era ainda uma recém-nascida. A segunda ocorreu rapidamente, dois anos depois, em uma visita relâmpago que ele fez a Anne, em Warren, ainda acreditando que aquela criança era sua

sobrinha legítima. Bruce viajava na época e não presenciou aquele momento épico. Quando foi informado, por telefone, que a filha de Eric na verdade havia morrido quase cinco anos antes e que Lisa não representava nada em sua árvore genealógica, Ethan nunca mais apareceu, nem por telefone. Certamente ele já estava predestinado a ser um tio ausente de qualquer maneira.

—Sim, é a Lisa — respondeu, pegando nos ombros da filha com firmeza.

— Como ela cresceu. Uma pena ela não ser dele.

Anne quase perdeu os sentidos. Empalideceu.

—De qualquer forma ela também não se parece com o pai. Ryan, não é?

—Sim — sussurrou Anne.

—Ela herdou a beleza das Miller — completou Ethan.

Silêncio constrangedor.

Os músculos da mandíbula de Anne ficaram tensos involuntariamente. Porém, apesar da sua momentânea paralisia, ela conseguiu pensar em algo para tirar o foco de Lisa.

—E o Richard? — perguntou, referindo-se ao sobrinho que ela só via por fotografia. Apesar dele

sim, ser seu sobrinho legítimo.

—Richard já não viaja mais conosco. Faz tempo que se casou e tem a vida dele.

Naquele instante, Gizella disse algo no ouvido do marido e Anne aproveitou a deixa para se livrar daquele encontro desconcertante.

—Acho que precisamos ir. Nem sei onde está minha família.

Ethan e Gizella, que também pareciam não estar apreciando aquele encontro incômodo, aceitaram logo o término abrupto da conversa e se despediram, prometendo se encontrarem novamente. Ambos sabiam que se tratava apenas de mera formalidade.

Quando reencontraram Bruce e os pais, Anne mal conseguia esconder a expressão de susto que ainda estava estampada em seu rosto. Bruce, que nunca tinha visto Ethan até aquele momento nem imaginava de quem se tratava. Mas, notando o estado da esposa, preferiu não tocar no assunto.

Já os pais de Anne, que nem conseguiram se aproximar direito, nem o reconheceram.

—Quem era? Eu acho que já o vi em algum lugar — perguntou dona Laura, forçando a memória para se lembrar de onde o conhecia.

—Um casal de amigos, mãe — respondeu Anne, de forma ríspida, deixando claro que o assunto estava encerrado.

10

PASSADO E PRESENTE

Apesar de já ter sido cogitado por Anne, aquele encontro com Ethan, um acontecimento afortunadamente evitado por 15 anos, era uma das situações consideradas por todos como muito pouco prováveis.

Mas aquele susto no meio da Cidade Luz não foi a única ocasião em que Anne sentiu o passado chegar tão perto de seu presente a ponto de colocar em risco o seu futuro. Apesar de sentir-se suficientemente preparada para convencer as pessoas de sua versão ensaiada, houve vezes em que ela foi pega completamente desprevenida.

Um exemplo disso foi um fato ocorrido quando Lisa tinha 7 anos de idade e passava as férias de

verão em Warren. Uma conhecida de Anne que não a via fazia alguns anos se aproximou enquanto elas estavam sentadas no banco de um parque:

—Anne, que surpresa. Que bom te encontrar com sua filha. Fico até aliviada. Quando voltei da Europa alguns anos atrás eu ouvi dizer que de uma hora pra outra a sua menina tinha ido embora com o pai.

Com o olhar de desespero, Anne quase nem respirava. Lisa olhava atentamente para a mulher que falava sem parar.

—Imagina que a Elizabeth. Aquela do salão, lembra? Ela me disse que você tinha perdido sua filha no acidente. Mas eu disse pra ela que quem tinha morrido era a sua sobrinha. Imagina que loucura. As pessoas falam demais — tagarelou, sem pausa para respirar e sem perceber a sua indiscrição diante de um assunto tão delicado.

Sem saber como reagir àquela enxurrada de comentários inconvenientes, Anne respondeu de forma seca e rápida.

—Realmente as pessoas falam demais — disse, sem convicção de que aquela era a melhor tática.

A conhecida intrometida ficou parada, olhando para Anne, aguardando uma réplica mais completa

e aceitável para suas indagações. Mas as respostas que ela desejava não vieram. Anne disse que precisava ir embora e foi se afastando com Lisa, sem olhar para trás, assumindo um comportamento talvez tão estranho quanto o de sua interlocutora.

Para a sorte de Anne, Lisa não deu muita importância àquela conversa, quase um monólogo. Talvez pelo jeito espalhafatoso e intrometido da tal amiga, não foi difícil Lisa considerar que ela estivesse inventando todas aquelas histórias ou que fosse mentalmente insana.

Enquanto se afastavam, Lisa olhou para Anne e reiterou as suas palavras:

—As pessoas falam demais. Aquela mulher fala demais, né, mãe?

A realidade é que quando decidiu não revelar a verdade a todos e, principalmente, a Lisa, Anne sabia que não estava imune a situações como aquela. Ela até ensaiou alguns possíveis discursos, imaginou os mais desconcertantes questionamentos, fugiu de conhecidos enxeridos, evitou encontros desagradáveis, mas suspeitava que certamente acabaria sendo pega de surpresa e que teria que agir no improviso.

PERIGOSAS NACIONAIS

E Ryan também não ficou imune a estas situações constrangedoras. Não foram poucas as vezes em que ele foi confrontado por vizinhos, colegas do trabalho ou meros conhecidos sobre a sua filha ressuscitada. Apesar de sempre ter sido muito discreto sobre seus problemas pessoais e ter falado muito pouco sobre a morte de sua esposa e filha, não era novidade para ninguém que ele as havia perdido naquele trágico episódio.

Para muitos, Ryan acabou fugindo do *script* pré-definido em família e resolveu contar a verdade, deixando sempre clara a sua inocência e a atitude monstruosa de sua cunhada. Para alguns disse o que havia combinado com o restante da família. Para outros preferiu não disse nada, fingiu que não ouviu e mudou de assunto, compartilhando da opinião de que as pessoas falam demais.

Entre mentiras, meias-verdades, desculpas e silêncio, nenhum acontecimento previsto ou não colocou a aparente tranquilidade familiar em risco. E, pelo menos até então, eles foram se mantendo ilesos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

11

A CAIXA E A PASTA

Após uma semana fora de casa, Lisa voltou para Brentford cheia de novidades para contar e ansiosa para fazer algo que ela havia decidido fazer desde que lera o livro de Claire, mas que havia adiado até aquele momento.

Como finalmente ela teria um dia inteiro livre, sem escola, sem passeios com a família americana, sem viagem para Paris e sem biscoitos para confeitar, Lisa amanheceu em Brentford decidida a dedicar todo o seu dia àquela tarefa.

Quando entrou na cozinha, Lisa encontrou o pai em pé ao lado da mesa, engolindo, apressado, um pedaço de brioche com geleia.

—Bom dia, pai.

—Bom dia, meu amor — disse Ryan, já se dirigindo à sala para pegar a sua maleta.

Percebendo que o pai logo partiria para o trabalho, Lisa o seguiu até a sala e entrou no assunto que realmente a havia feito se levantar da cama tão cedo naquela manhã.

—Onde o senhor guarda aquela caixa com as fotografias dela?

Após dizer aquilo, Lisa parou e estudou a reação do pai ao assunto. Mas ele parecia apressado demais para demonstrar qualquer reação a qualquer assunto que fosse. Então, ela continuou:

—Eu andei pensando e acho que é hora de eu conhecê-la melhor.

—Quem? — perguntou Ryan, já com a maleta na mão, confirmando as suspeitas de que a pressa o impedia de dar a devida atenção aos questionamentos de Lisa.

—Eu estou falando da minha mãe. Da Claire. Queria ver de novo aquelas fotos que você me mostrava quando eu era pequena.

Percebendo que o assunto Claire não seria tão passageiro quanto ele havia imaginado (e desejado), Ryan respondeu, já abrindo a porta:

—Está lá no meu armário. Depois eu pego pra você.

Sem dar atenção à última frase, assim que Ryan

fechou a porta da casa, Lisa já estava a caminho do quarto dele. Peter, que ainda estava acordando, olhou para ela, levantou as orelhas e a seguiu em silêncio, como se suspeitasse que aquela era uma empreitada um tanto secreta e ousada.

Assim que abriu o armário, Lisa viu na primeira prateleira, acima das camisas penduradas, uma caixa de papelão. Já fazia alguns anos que ela não via aquela caixa, mas logo a identificou como o alvo de sua busca.

Subiu em uma cadeira e, assim que retirou a caixa do lugar, notou que embaixo dela havia uma pasta. Imaginando que poderia ser algo também relacionado à sua mãe, ela colocou a caixa no chão e voltou toda a sua atenção para a tal pasta. Em uma etiqueta colada bem na frente, ela leu o nome Eric Roberts. Aquele nome não lhe soou estranho, e ela ficou alguns segundos tentando buscar em sua memória quem seria o tal Eric Roberts. Como o passado de Anne não era um assunto muito debatido em família, Lisa pouquíssimas vezes havia ouvido referências a ele.

Quando viu a logomarca da empresa onde seu pai trabalhava impressa no canto superior esquerdo da pasta, logo imaginou que se tratava de alguém

do trabalho e perdeu imediatamente o interesse em abri-la. Recolocou a pasta na prateleira e se ateve ao que ela realmente tinha ido fazer no quarto do pai.

Assim que Lisa abriu a caixa, Peter começou a abanar o rabinho freneticamente e a latir para ela, o que chamou a atenção de dona Eleanor.

—O que você está fazendo no quarto do seu pai?
— perguntou a avó.

—Eu estou vendo a caixa da minha mãe.

Dona Eleanor demorou alguns segundos para formular as próximas perguntas:

—Que caixa? Que mãe?

—A caixa com as coisas da Claire. Aquela que o papai mostrava pra mim quando eu era pequena — respondeu Lisa como se aquela fosse uma resposta óbvia.

—Mas ele deixou você mexer no armário dele?

—Eu avisei pra ele — respondeu Lisa com uma meia-verdade.

Sem entender o repentino interesse da neta por aquela caixa e duvidando que ela estivesse realmente autorizada a mexer ali, dona Eleanor só fez uma última recomendação.

—Deixe tudo arrumado aí porque ele não gosta

de bagunça — disse, a avó, saindo e fechando a porta.

Então, Lisa voltou sua atenção para o conteúdo daquela caixa. Viu as fotografias do casamento de Ryan com Claire, algumas poucas fotografias da família, Claire na infância e juventude. Depois viu algumas poesias escritas pela mãe e cartões de amigos e familiares. Ficou por mais de uma hora olhando tudo com calma, tentando conhecer um pouco mais sobre a mãe naquelas imagens antigas, nas poesias que ela havia escrito e nas mensagens carinhosas contidas nos cartões de aniversário e Natal que ela havia recebido.

A cada minuto, Lisa ia se interessando cada vez mais pela mãe e pela ideia de saber mais sobre ela. Quanto mais percebia a semelhança da mãe com ela mesma, mais se culpava por não ter se interessado por sua história até então. Sentiu que havia deixado uma parte muito importante de sua vida passar.

Guardou a caixa de volta no armário e, quando saiu, deixou o quarto do pai intacto, sem qualquer vestígio que delatasse que ela e Peter haviam permanecido ali por quase uma hora naquele dia.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

12

A CARTA

Após surpreender Lisa no quarto de Ryan, dona Eleanor resolveu fazer algo que, segundo ela própria, ela já deveria ter feito há muito tempo.

Quase certa de que Lisa estava remexendo nas coisas do pai sem o consentimento dele, dona Eleanor temeu que a neta pudesse fazer algumas incursões não autorizadas ao seu armário também.

Decidiu que estava na hora de se livrar daquela carta que ela havia guardado dentro de uma caixinha no fundo de seu armário. Apesar de não ter se desfeito da tal carta reveladora, dona Eleanor nunca mais havia aberto aquele pequeno envelope e já nem pensava mais nele. Até aquele dia.

Após fechar a porta do quarto de Ryan e deixar Lisa lá com Peter em sua atividade extraoficial, dona Eleanor foi até seus próprios aposentos, abriu seu armário, buscou no fundo da prateleira uma

caixa de madeira e tirou de dentro dela o fatídico envelope.

Ao abrir o envelope, tirou de dentro dele a carta, que naquele momento lhe pareceu mais amassada do que ela se lembrava. Mesmo receosa de que a neta a surpreendesse, ela não conseguiu deixar de ler pela última vez aqueles condenáveis parágrafos antes de destruir a carta definitivamente.

“Meu querido Eric,

É com lágrimas nos olhos que escrevo esta carta porque não conseguiria te dizer de outra forma.

A culpa me consumiu (e ainda me consome) a cada dia, mas a dor por estar privada de seu amor é ainda sofrimento maior.

Os últimos dias foram muito difíceis para mim. Confesso que não foi nada fácil aceitar o seu afastamento e compreender a sua opção por manter este casamento sem amor.

Apesar da dor insuportável e do amor desmedido, que insistem em me tornar mesquinha e egoísta, hoje eu consigo entender a sua atitude. E posso dizer que concordo com ela. Não podemos negar que agora a situação é outra e que são muitas vidas envolvidas.

Quero que saiba que não tive nenhuma

influência sobre o pedido de Ryan para que permanecessem em casa conosco até o nascimento dos bebês. Sei que a sua aceitação em nada muda a decisão que você tomou com relação a nós. E não o culpo por isso, inclusive, hoje, concordo com ela, apesar de tudo.

Nosso futuro está nas mãos de Deus. E que ele nos perdoe, pois eu não posso mais me perdoar.

Eternamente sua,
Claire”

Então, a rasgou em vários pedaços, jogou tudo dentro de um saco plástico e colocou na lixeira que já estava fora da casa e seria retirada naquela mesma tarde. Após aquela atitude, ela se sentiu aliviada.

13

CEIA EM FAMÍLIA

Finalmente, a véspera de Natal, tão aguardada por Lisa durante todo o ano, havia chegado. Ambas as famílias dela se reuniriam na casa de Ryan para aquela data festiva, regada a muitos pratos saborosos que a avó Eleanor costumava preparar para a ocasião.

Na hora esperada, Anne e sua família apareceram. Como a anfitriã fazia questão de preparar, sozinha, todo o cardápio da ceia natalina, dona Laura e Anne tinham o educado costume de levar doces, vinho tinto e champanhe para a ocasião. Além dos presentes para Lisa. Naquele ano ela ganhou uma correntinha de ouro da Anne e do Bruce, roupas dos avós maternos, perfume da avó Eleanor e um televisor de 40 polegadas do pai.

As duas famílias reunidas, presentes, doces e salgados deliciosos e o clima festivo faziam do

Natal uma data muito especial para Lisa. Proporcionalmente à alegria de Lisa, mas com um sentimento completamente inverso, aquela data era sempre complicada para Ryan. Além de não gostar de Natal, primeiro, porque não era religioso e, segundo, porque não gostava de festa; ele ficava especialmente desconfortável quando os convidados eram a família americana da filha.

Nos dias que antecediavam a comemoração, ele já começava a ficar irritado. Porém, para não arruinar a data que era tão especial para Lisa, Ryan até tentava ser um bom anfitrião. Mas, sinceramente, nunca conseguia. Passava boa parte do tempo ao telefone cumprimentando amigos por aquela data que para ele não fazia o menor sentido, ou sentado na poltrona da sala vendo algo na televisão. Ele até tentava manter algumas conversas sobre assuntos aleatórios e desinteressantes com seus convidados, mas aquelas tentativas eram sempre um martírio.

Entre as mulheres, a situação era diferente. Dona Laura era sempre a que mais falava e chegava habitualmente cheia de histórias para contar. A maioria das histórias eram repetidas anualmente, como se fossem verdadeiras tradições natalinas. Todas ouviam com atenção e riam ao final de cada

PERIGOSAS NACIONAIS

narrativa engraçada, como se aquela reação também fizesse parte da tradição.

Peter também participava da celebração, mantendo-se sempre entre os convidados, distribuindo curtos saltos, lambidas, latidos estridentes e abanadas frenéticas de rabo. Mas a sua maior expectativa durante toda a noite era poder participar ativamente da ceia, o que só acontecia quando alguém deixava cair algo apetitoso no chão.

Além das famílias, era comum Lisa receber a visita de alguns amigos. Tinha amigo que nem entrava, aparecia apenas para desejar Feliz Natal, entregar um pote de geleia ou uma caixa de biscoitos e ia embora. Tinha amigo que não trazia nada e entrava. Teve ano que teve amigo que só foi embora depois da sobremesa. No ano anterior, um amigo em especial só saiu após a queima de fogos de artifício na televisão. Ryan ficou cismado com o atrevimento do rapaz e com receio de que ele estivesse esperando o melhor momento para pedir permissão para namorar sua filha. Quando Ryan percebeu que o único pedido dele foi levar um pouco de sobremesa para casa, Ryan respirou aliviado. Foi o momento mais natalino da noite.

Naquele ano, nenhum amigo ficou para a ceia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Uma preocupação a menos para Ryan. Tudo correu como o esperado. Nada além nem aquém do que ele já estava prevendo desde o Natal anterior.

Porém, chegava ao fim apenas o primeiro ato da tradição. No dia seguinte, todos retornariam para o almoço de Natal, uma extensão da mesma comemoração, o que para Ryan também não fazia sentido nenhum.

PERIGOSAS ACHERON

14

O AMIGO

No dia 25 a família americana apareceu para o almoço natalino com uma nova remessa de bebidas alcoólicas e doces.

Naquele dia, Ryan apareceu na sala mais animado. Cumprimentou todos gentilmente e deixou escapar até um sorriso. Não que ele tenha acordado mais religioso naquele dia, o motivo era que as férias dos americanos na Europa estavam chegando ao fim. Eles voltariam para a América naquele mesmo dia. Ryan sabia que precisava aguentar só mais um pouquinho.

Durante o almoço, não faltaram as histórias de dona Laura e os resmungos do senhor John. Não faltaram os elogios de Bruce aos pratos de dona Eleanor, nem as conversas paralelas de Anne e Lisa. Logicamente, também não faltaram as insistentes buscas de Peter por sua justa porção de PERIGOSAS ACHERON

comida. Estava tudo acontecendo conforme o esperado.

Mas, na hora da sobremesa, as coisas saíram um pouco do previsto. Foi quando Lisa pediu a Anne que lhe servisse um pedaço da torta de maçã que a mãe havia levado para a ocasião.

—Mãe, me dá uma fatia dessa torta. Está linda — disse com um sorriso, querendo agradá-la pela gentileza de ter levado aquele doce para o almoço.

—Linda é você, minha filha — retribuiu Anne, enquanto cortava um pedaço da torta.

Percebendo que o pai franzia o nariz ao ouvir aquela troca de elogios. Lisa resolveu irritá-lo ainda mais:

—Ainda bem que eu herdei a beleza das Miller, né, mãe? Assim como disse o seu amigo, lá em Paris.

Anne parou de cortar a torta no mesmo instante. Não queria que o assunto Ethan, Eric ou qualquer coisa relacionada ao seu passado se tornasse o assunto do almoço de Natal.

Ryan não pareceu demonstrar nenhum interesse em saber quem era o tal amigo que apreciava a beleza das Miller, mas dona Laura não deixou o assunto morrer. Como se o que estava para revelar

fosse algo muito importante, ela disse de forma ansiosa, quase atropelando as próprias palavras.

—Eu me lembrei. No outro dia eu me lembrei. Eu sabia que o conhecia de algum lugar — disse, batendo a mão fechada na mesa. E continuou:

—É o irmão do Eric. Não me lembro o nome dele, mas sei que é ele.

—Irmão do Eric? O Eric Richard? — perguntou Ryan para ter certeza de que falavam da mesma pessoa.

Ao ouvir aquele nome, Lisa entrou na conversa.

—Eric Richard? Tem uma pasta dele no seu armário, pai — disse, olhando para Ryan, já arrependida de ter confessado seu conhecimento sobre o que continha no armário do pai.

Imediatamente, Anne olhou para Ryan e perguntou, quase sussurrando:

—Pasta do Eric? No seu armário?

Ryan imediatamente desviou o olhar. E Anne preferiu não dar seguimento àquela conversa. Mas, dona Laura não era da mesma opinião.

—Ele estava em Paris. Na hora eu não o reconheci, mas minha memória tarda, mas não falha — disse, batendo novamente a mão cerrada na mesa.

—Tá bom Laura, tá bom — disse o senhor John tocando no braço da esposa.

—Quem quer mousse? — perguntou dona Eleanor, tratando de mudar o rumo da conversa.

—Eu aceito — disse Bruce, contribuindo para o retorno da normalidade.

O assunto só foi retomado quase na hora de irem embora, quando Ryan foi para o escritório com seu celular, e Anne foi atrás dele.

—Que pasta é essa? — perguntou Anne, quase cochichando.

—Talvez seja melhor você nem ver — disse, olhando para ela com um olhar desafiador.

—Como assim? O que você quer dizer com isso?

—Melhor mesmo é que a Lisa não tenha aberto essa pasta.

Ao perceber que sua intenção era deixá-la nervosa e irritada, Anne fez exatamente o que ele desejava que ela fizesse: ficou nervosa e irritada.

—Eu vou ficar com a pasta. Se era do Eric, é minha — falou de maneira firme, embora sua postura vacilante indicasse o contrário.

Surpreso com a atitude de Anne, Ryan perdeu a

graça. Foi até seu quarto, pegou a pasta no mesmo lugar onde havia deixado durante todos aqueles anos. A abriu com cuidado, procurou pelos dois pequenos bilhetes e, assim que os encontrou, os pegou, os amassou e os colocou no bolso. Então, fechou novamente a pasta e a entregou para Anne, que imediatamente a guardou na sacola que havia levado com as bebidas.

Às 16h, todos começaram a se despedir. Como Bruce voltaria ao trabalho ainda naquela semana que antecedia o Ano Novo, a família americana pegaria o voo para New Jersey naquela mesma noite de sábado.

Quando foi abraçar a filha, Anne colocou sua bolsa e as sacolas no chão, e Lisa pôde ver claramente a pasta na sacola aberta. Imaginando o porquê de o pai ter dado a ela aquela pasta, Lisa não demorou muito para se lembrar de que o ex-marido de Anne também se chamava Eric. Com a curiosidade aguçada, ela não deixaria aquele assunto morrer.

15

PRESENTE INDESEJADO

No domingo, depois de uma longa e cansativa viagem, cada casal foi para sua casa. Depois de quase um mês juntos, era chegada a hora de voltarem à rotina diária, pelo menos até as comemorações de Réveillon, que aconteceriam em poucos dias.

Bruce, que retornaria ao trabalho já no dia seguinte, nem cogitou qualquer opção que não fosse tomar um bom banho, descansar e assistir a programas esportivos na televisão.

Anne, que não havia pregado os olhos por um só segundo durante toda a viagem, era certamente a mais cansada. Mas, como de costume, não se rendeu. Começou a procurar nos armários da cozinha e na geladeira algo para o almoço.

PERIGOSAS NACIONAIS

Enquanto preparava a refeição, Anne não conseguia parar de pensar na tal pasta do Eric. Tinha uma enorme curiosidade, mas seu receio era ainda maior. As palavras de Ryan em tom jocoso, como se sugerisse um conteúdo indecoroso, e a declaração de que torcia para que Lisa não a tivesse aberto a deixavam apreensiva.

Mesmo sem saber do que se tratava o misterioso conteúdo da pasta, ela sabia que ele certamente traria a tona lembranças de um passado que ela lutava para esquecer. Fazia alguns anos que ela não dava sinais de depressão e não se descontrolava pensando em seu passado, na morte de Claire, de Eric e, principalmente, na perda de sua filha recém-nascida. Seu maior receio era que aquela pasta, um presente de Natal inesperado, trouxesse lembranças que ela não poderia suportar.

Apesar de toda a sua ansiedade, como Bruce voltaria ao trabalho no dia seguinte, Anne resistiu à tentação e somente tocou na pasta para colocá-la na gaveta do escritório, tomando todo o cuidado para que o marido não a flagrasse escondendo algo que nem mesmo ela sabia o que era. Sua curiosidade aguardaria até o dia seguinte.

PERIGOSAS ACHERON

Na segunda-feira, assim que Bruce saiu para o retorno ao trabalho, Anne foi até o escritório e pegou a pasta da gaveta. Foi até seu quarto e se sentou na cama. Assim que abriu a pasta, viu em cima de tudo um papel dobrado. Ao abri-lo identificou imediatamente o ultrassom que havia feito nos primeiros meses de gravidez.

Desde que soube da existência da tal pasta até aquele momento, ela havia imaginado encontrar ali inúmeras coisas que poderiam mexer com suas emoções, mas nada do que ela havia previsto a arrebataria tanto como aquele ultrassom.

Naquele momento, ela apertou o papel contra o peito e emitiu um grito mudo, prenunciando um choro seco, sem lágrimas. Deitou-se na cama ainda com o exame nas mãos e se encolheu. Ficou ali por alguns minutos, até que lágrimas silenciosas começaram a escorrer lentamente pelo seu rosto. E ela deu um grito sufocado.

Depois de alguns minutos, ela se sentou novamente e, com as mãos trêmulas e os olhos embaçados, colocou o exame na mesinha da cabeceira e foi até o banheiro. Lavou o rosto demoradamente e ficou se olhando no espelho. Teve dó de si mesma. E teve raiva de si mesma.

Voltou para o quarto e sentou-se novamente na cama. Olhou para a pasta e viu um pequeno envelope, mas não o abriu. Outra coisa chamou mais a sua atenção. Era outro papel dobrado, que ela identificou com a mesma rapidez com que havia identificado o exame de ultrassom. Abriu e era o que ela imaginava, o exame laboratorial que atestava a sua gravidez.

Sentiu como se estivesse sufocando. Sua respiração ficou suspensa por alguns segundos e ela se dobrou em si mesma. As lágrimas represadas há poucos instantes voltaram a molhar seu rosto. E ela começou a soluçar.

Aqueles dois exames haviam jogado violentamente no seu presente as lembranças mais duras de seu passado. Eles representavam uma mistura homogênea de tristeza e culpa. De autopiedade e desprezo de si mesma. Entre lágrimas e soluços, ela viu passar na sua frente mais uma vez toda a cena do acidente, em detalhes, por mais que o trauma a impedisse de se lembrar com exatidão de todos eles. A exibição daquela cena era algo recorrente em sua vida, mas naquele dia, 15 anos após o ocorrido, a lembrança tinha cores mais vivas, tinha cheiro, tinha gosto.

Logo após o acidente, anos atrás, sua preocupação com seus atos falhos, o seu medo de ser descoberta e sua obsessão para manter suas mentiras e sua falsa maternidade haviam, de certa forma, mascarado e sombreado o sentimento de culpa e o sofrimento pela perda de sua filha legítima. Tantos anos depois, quando ela já não se sentia tão vulnerável, o confronto com seu passado foi cruel e devastador.

Ficou por mais de uma hora deitada na cama, em silêncio. Já não chorava nem soluçava. Então, sentou-se novamente, colocou os exames de volta na pasta e a guardou em seu armário. Não tinha condições psicológicas para continuar.

Durante todo o dia, Anne permaneceu em silêncio, não ligou a televisão, o rádio ou o computador, não almoçou nem comeu nada, não tirou o pijama, não atendeu o telefone fixo nem o celular.

Quando Bruce voltou para casa, a encontrou sentada na sala com os olhos inchados. Logo percebeu que ela não havia tirado o pijama, que o jantar não estava pronto, que a televisão estava desligada. Aqueles não eram bons sinais. Rapidamente imaginou que uma nova crise a havia

derrubado mais uma vez. Mas não sabia o que a teria desencadeado daquela vez. Tentou conversar com a esposa, mas aquela tentativa só a fez cair no choro novamente.

Após muita insistência e muita paciência, ela finalmente falou. Mas o que ela disse não fez muito sentido para ele:

—Foi tudo culpa minha. Se eu não tivesse tirado ela de lá. Mas ela não parava.

Se de início aquelas palavras pareciam sem nexos, não demorou muito para Bruce entender exatamente o que a esposa estava querendo dizer. Então, ele a abraçou com força, tentando deixar claro que ela não estava sozinha. O soluço voltou com força, e Anne precisou se soltar dos braços de Bruce. De qualquer forma, ela já se sentia mais sozinha do que nunca.

A partir daquele dia, Anne voltou a se comportar de maneira depressiva. Ficava muito tempo calada e com o olhar distante. Suas noites se revezavam entre insônia e pesadelos. Passou a telefonar para Lisa diariamente, com preocupações e cuidados extremos. Bruce ficou preocupado e sugeriu que ela voltasse a buscar ajuda de um profissional, mas ela

se negou.

Na véspera de Ano Novo só aceitou passar na casa dos pais graças à insistência incessante de dona Laura. Mas não se mostrou muito animada para os festejos que marcavam o início do ano.

Menos animada ainda ela ficou no dia seguinte, quando os pais de Bruce, os magnatas do Vale do Silício, foram para Warren para compartilhar com eles o primeiro almoço do novo ano, talvez o único que compartilhariam naquele 2005. Para menos azar de Anne, eles não haviam aceito o convite prévio de Bruce para almoçarem na casa deles e reservaram, com dois meses de antecedência, uma mesa no restaurante mais chique da cidade.

Após as comemorações de Ano Novo, Bruce retornou ao trabalho, e Anne fez um esforço tremendo para retomar suas atividades no escritório de arquitetura depois de um mês de férias. Ainda com seu estado emocional abalado pelas recordações do passado, Anne teve dificuldade para voltar à sua rotina.

Becky, sócia de Anne no escritório, logo identificou as suas atitudes depressivas e sugeriu que ela permanecesse em casa até se reestabelecer.

Mas ambas sabiam que o trabalho seria um importante aliado na recuperação de Anne.

Becky não era apenas sua sócia, como também uma grande amiga. Elas se conheceram em 1990, após o retorno de Anne para Warren, e era a única pessoa fora da família e do círculo de amigos próximos e confiáveis que sabia da verdade sobre o passado da família.

16

TUDO BEM

Em Brentford, assim que teve uma oportunidade, Lisa falou com o pai sobre a incursão não autorizada ao seu armário.

Aparentemente ela queria apenas se desculpar por suas ações repreensíveis, apesar de Ryan nem esperar eu ela tivesse tal atitude. Mas, a verdadeira motivação de Lisa era a sua curiosidade. Desde que viu a pasta na sacola de Anne, quando se despediam na tarde de Natal, Lisa imaginou que aquela pasta contivesse algo muito mais interessante do que apenas papéis da empresa.

Ryan estava em seu quarto, arrumando uma pequena mala para uma viagem de trabalho que ele faria no dia seguinte, quando Lisa chegou de mansinho.

—Pai, o senhor ficou chateado comigo?

—Chateado?

—Por eu ter mexido no seu armário — disse, apontando para o móvel.

Ryan parou o que estava fazendo e olhou para ela, surpreso por ela ter tomado a iniciativa de tocar naquele assunto.

—Não gostei da sua atitude. Mas não estou chateado.

—Desculpa. Eu estava ansiosa, não quis esperar o senhor voltar do trabalho pra pegar a caixa.

—Tudo bem — respondeu, tentando encerrar logo o assunto.

Mas, para Lisa, a conversa não tinha terminado.

—Desculpa também por ter falado da pasta na mesa naquela hora.

—Tudo bem

—Mas, sobre a pasta.

—O que tem?

—Era do ex-marido da mamãe, né?

—Era.

—Vocês trabalharam juntos?

—Sim, trabalhamos.

Enquanto Lisa fazia suas perguntas, Ryan não tirava sua atenção do que estava fazendo. Respondia ao mesmo tempo em que dobrava camisas e guardava cuecas. Então, foi a vez dele

perguntar:

—Você abriu a pasta?

—Não. O que tinha?

—Papéis da empresa.

—Hum. E por que está no seu armário?

—Me esqueci que ela estava aí.

—Posso ver?

—Não.

—Por quê?

—Não está mais aqui.

—Onde está?

—Dei para a Anne.

—Papéis da empresa?

Silêncio.

Então, Ryan foi até seu armário, pegou a caixa com as coisas de Claire e a entregou a Lisa.

—Pronto, a caixa é toda sua. Não quero mais que mexa nas minhas coisas.

Lisa ficou ali em pé, segurando a caixa com as duas mãos, olhando para o pai, como se ainda houvesse algo a ser dito. Mas ninguém disse mais nada. Então, ela saiu e foi para o seu quarto.

Assim que se viu sozinho novamente, Ryan foi checar a integridade de sua cômoda. O repentino interesse da filha pelo passado, sua ousadia em

pegar coisas de seu armário sem permissão e suas insistentes perguntas fizeram Ryan temer que ela pudesse descobrir os outros segredos escondidos naquele quarto.

Abriu a cômoda e levantou todas as roupas até chegar a um envelope. Nele, Ryan guardava a fotografia da maternidade, o saquinho com os brincos e o laço, a certidão de óbito de Christie e o exame de DNA que comprovara a paternidade de Lisa. Estava tudo lá e parecia intacto.

Ryan não queria que aquilo permanecesse ao alcance de Lisa nem por mais um dia. Pegou o envelope e o colocou na mala, na primeira oportunidade, levaria para a empresa. Bem longe da curiosidade da filha.

17

AS SAUDADES

Parecia que daquela vez Lisa estava disposta a quebrar o silêncio que a família mantinha sobre o passado. Ela estava bastante decidida quando telefonou para sua mãe na primeira quarta-feira do novo ano.

Assim como havia feito nos contatos telefônicos anteriores, Anne se esforçou para não demonstrar seu estado emocional abalado e não preocupar a filha. Mas Lisa não parecia muito preocupada com o bem estar da mãe.

Após conversarem sobre o retorno de Anne ao trabalho naquela semana, sobre a volta às aulas e sobre outras banalidades, Lisa resolveu questionar a mãe sobre a pasta que ela havia recebido de Ryan no dia de Natal.

—Meu pai te deu aquela pasta do Eric, né?

Silêncio. Lisa só ouvia a respiração de Anne. Depois de alguns segundos, ela respondeu:

—Sim.

—A senhora ficou triste por ter se lembrado dele?

—Dele? — gaguejou.

—Do seu ex-marido. Era dele a pasta, não era?

—Era.

Mesmo percebendo que a mãe não queria falar no assunto, Lisa insistiu na conversa.

—Você pensa nele? No que aconteceu?

Surpresa com as perguntas, Anne cogitou desabar. Mas se segurou.

—Não. Faz muito tempo.

Percebendo que talvez tivesse pressionado demais, ela preferiu deixar o assunto para outra hora. Mas ainda incluiu um comentário:

—Se precisar desabafar. Falar sobre ele, o que aconteceu, pode me ligar.

Anne não compreendeu aquele interesse de Lisa, aquela repentina ousadia e intromissão em um assunto que nunca havia sido apresentado a ela de uma forma sincera e aberta.

Quando desligaram os telefones, nenhuma das duas estava satisfeita com aquela conversa.

Aqueles questionamentos de Lisa só aumentaram ainda mais a tristeza de Anne.

18

LEITURA

COMPARTILHADA

Quando Emily pediu, pela segunda vez, para ler o livro inacabado de Claire, Lisa decidiu que era hora de tirá-lo da armadilha que ela havia preparado para o seu pai. Mas ela queria conferir se ele havia lido o livro e o que ele tinha achado dele.

Quando tomavam café da manhã, no dia seguinte ao pedido de Emily, Lisa questionou o pai:

—O que o senhor achou do livro?

—Livro?

—O livro da minha mãe?

Sabendo que Lisa ficaria chateada se ele confessasse não ter lido o livro de Claire, Ryan respondeu, fazendo um grande esforço para parecer convincente:

—Ótimo. Achei ótimo. Pena que não tem fim.

Lisa aceitou aquela resposta um tanto vaga do pai e resolveu levar o livro para a escola para emprestá-lo à Emily, que desde o início havia pedido para ler a obra inacabada de sua mãe.

Após uma semana com o livro, Emily apareceu na escola ansiosa para falar com Lisa.

—Lili, adorei o livro. Agora eu quero que você me empreste os outros dois — disse, entregando a sacola para Lisa.

—Um é de poesia, não sei se você vai gostar, mas o outro romance é melhor do que esse. Você vai ver. Depois a gente pode conversar sobre os dois.

Ao ver as duas conversando, Robert se aproximou.

—O que tem na sacola?

—É o livro da minha mãe. A Em já acabou de ler.

—Ah tá.

—Quer ler?

Sem saber muito bem se queria ler aquele livro incompleto, mas também sem saber o que responder, Robert aceitou aquele convite à leitura.

—Quero sim — respondeu, sem muita

convicção.

—Tome cuidado, é o único exemplar — disse Lisa, entregando a sacola a ele.

No dia seguinte, na hora do intervalo, assim que os seis amigos se reuniram no local de sempre, Robert estalou os dedos, como se quisesse chamar a atenção de todos, se virou para Lisa e disse:

—Ontem quando minha mãe me viu com o livro ela ficou interessada. Ela sabe quem é sua mãe. Ela tem outro livro dela lá na estante.

Feliz com o reconhecimento de sua mãe, Lisa logo se prontificou a dar seguimento aos empréstimos.

—Eu empresto pra ela também. Eu deixo você ficar com ele mais tempo — respondeu, dando uma risadinha.

—Mas isso não é o melhor. Tem uma coisa engraçada que aconteceu.

Todos olharam para Robert, aguardando a piada.

—Ela ficou assustada quando eu disse que você era filha da escritora — disse, soltando uma breve gargalhada.

—Assustada? — perguntou Lisa.

Todos olharam para ele, aguardando uma

explicação plausível para aquela afirmação.

—Ela não sabia que você era o bebê daquele acidente.

Todos os olhos se voltaram para Lisa. Os olhos de Lisa continuavam fixos em Robert.

Até aquele momento, ninguém havia identificado a piada e nem estava muito certo de que em algum momento aquela conversa um tanto inconveniente se tornaria engraçada. Então, Robert continuou:

—Ela teimou comigo que a filha da escritora morreu no acidente. Ficou falando que o marido ficou sozinho. Ah, disse até que conheceu seu pai na época.

Lisa se mostrou interessada:

—O que mais ela falou?

—Ela disse que no rádio e no jornal falaram que o seu pai tinha perdido esposa e filha no acidente. Vou te dizer que ela quase chorou falando no assunto.

Finalmente, Robert parou de falar. E todos os demais se mantiveram em silêncio, em uma clara demonstração de que estavam de acordo em um ponto: Robert não deveria tratar de um assunto tão pessoal e delicado daquela maneira.

Diante do silêncio, Robert concluiu:

—Acho que vou ter que levar você lá pra ela ver que você tá viva.

Então, Lisa soltou uma gargalhada. E, de repente, como se todos tivessem entendido a piada, caíram na risada em uma espécie de coro.

—Sério que aconteceu isso? — perguntou Donald, um pouco cético.

—Sério. Acho que minha mãe pirou de vez.

As risadas só foram interrompidas pelo sinal de retorno às aulas. Mas, antes de se dirigirem para a classe, Lisa tentou dar uma justificativa razoável para aquele mal entendido:

—Foi um erro da imprensa, saiu no jornal que a filha da Claire tinha morrido mesmo. Ela deve ter visto esta matéria. Eu mesma vi um site que falava a mesma coisa.

Todos aceitaram a explicação de Lisa e caminharam juntos para a sala de aula. A sanidade da mãe de Robert foi imediatamente restituída.

À noite, na hora do jantar, Lisa transmitiu a piada infame ao pai e à avó.

Ryan deu apenas uma risadinha incômoda.

Dona Eleanor se mostrou horrorizada com o fato

de que eles comentassem sobre algo tão delicado daquela maneira.

—Eu não sabia que vocês falavam sobre o acidente de sua mãe na escola — disse a avó, claramente alarmada.

—Eu só falei da minha mãe porque emprestei o livro pra eles lerem. Aí o Robert veio com essa história.

Lisa tomou uma colherada de sopa e continuou:

—Eu falei pra ele que foi um erro do jornal. Você tem algum recorte de jornal daquela época? — perguntou, olhando para o pai.

—Eu? Lógico que não — respondeu Ryan, quase inconformado com a pergunta.

A avó mudou o foco da conversa:

—Mas você emprestou o último livro da Claire? Nem está finalizado.

—Emprestei pra Em e pro Robert. Não vou emprestar mais. Vou passar para o computador — disse Lisa, olhando para o pai, que comia com aparente tranquilidade.

Ryan olhou para ela e deu outra risadinha incômoda.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

19

AS FOTOGRAFIAS

Graças à ajuda de Bruce e Becky, às constantes consultas a um psicólogo amigo da família e às doses diárias de medicamentos, Anne foi retomando seu trabalho e sua rotina. Aos poucos, os pesadelos, a insônia, as crises de choro e as de total silêncio foram se tornando mais raros.

Três meses depois, Anne já se sentia melhor. As lembranças da filha que ela havia perdido já não eram tão constantes e intensas a ponto de atrapalhar o desempenho de suas atividades diárias. Assim como havia acontecido outras vezes no passado, ela se sentia em condições de dar seguimento à sua vida.

Mais confiante e segura, Anne não conseguiu mais represar a necessidade quase mórbida de conhecer todo o conteúdo da pasta que havia

pertencido a Eric.

Numa tarde, após a visita a uma obra, ela não retornou ao escritório. Mal entrou em casa, foi direto para o quarto. Ela tinha um objetivo bem definido para aquela tarde solitária. Abriu o armário e pegou a pasta no lugar onde havia guardado alguns meses antes. Hesitou em abri-la, mas sua curiosidade foi maior.

Sentou-se na cama, abriu a pasta e jogou todo o seu pouco conteúdo no colchão, afastando a pasta vazia. Talvez aquela atitude fosse uma tática inconsciente para evitar uma possível desistência antes da meta plenamente alcançada.

Logo viu os dois exames e evitou abri-los. Aquele doloroso conteúdo ela já conhecia. Os colocou de lado e pegou o envelope que estava logo na frente. Abriu e viu as três fotografias dela com Bruce. Sentiu uma tensão tomar conta de seu corpo todo. Olhou novamente as três fotografias, colocando freneticamente uma atrás da outra.

“O que isso faz aqui dentro desta pasta? Quem fez estas fotografias?”, pensou. Baixou as imagens, colocando-as sobre suas pernas cruzadas, e uma dor violenta apertou seu peito.

“Ele sabia de tudo, ele sabia. Alguém entregou

estas fotos pra ele”, disse para si mesma, com a voz sussurrada.

Então, olhou novamente as imagens e reconheceu o local onde haviam sido feitas. “Foi naquele evento do livro”, pensou, devorando aquela imagem com os olhos.

Ficou confusa. Eram várias as perguntas que invadiam sua cabeça: quem havia feito as fotografias, teria Eric a seguido naquela noite, teria pedido que alguém a seguisse, por que ele nunca tinha falado com ela sobre a sua descoberta, por que havia continuado com ela, calado?

Depois, pensou na forma como ela mesma havia chegado até aquela pasta e uma dúvida a aterrorizou: teria Lisa aberto a pasta? Mas logo tentou se tranquilizar, imaginando que se ela conhecesse o seu conteúdo, ela não falaria da pasta com tanta naturalidade e nem exporia a sua existência para todos, como havia feito.

Pensou em Ryan, em onde ele havia conseguido a pasta e no porquê de tê-la guardado por tanto tempo. Então, se lembrou daquele dia em sua casa, quando Ryan jogou em sua cara o fato de Eric saber de sua traição. Ela nunca tivera coragem nem curiosidade suficiente para dar continuidade àquele

assunto com o ex-cunhado. Mas naquele momento ela constatou que certamente aquelas imagens haviam sido o estopim para Ryan buscar a prova de sua paternidade.

Ávida por mais informações e possíveis respostas para suas perguntas, Anne continuou analisando o que havia tirado da tal pasta. Viu fotografias antigas de Eric e sentiu saudades do seu amigo de infância, do seu primeiro amor, do seu companheiro. As lágrimas começaram a cair dos seus olhos.

Depois, viu imagens que a tocaram ainda mais e a fizeram se lembrar de momentos importantes de seu passado, momentos felizes que ela imaginou que nunca acabariam. Eram fotografias de seu casamento com Eric, eram fotografias dos dois juntos, abraçados, sorrindo.

Então, o sentimento de saudades foi sendo rapidamente somado a uma dolorosa sensação de remorso e culpa por ter traído o ex-marido por tanto tempo. “Como eu pude fazer isso com ele?” perguntava a si mesma, insistentemente, enquanto as lágrimas molhavam as imagens em suas mãos.

Afastou os papéis e se encolheu na cama. Depois de alguns minutos, guardou tudo na pasta e

PERIGOSAS NACIONAIS

a escondeu no armário. Então, ficou o restante do dia se culpando pelos seus erros do passado e tentando encontrar respostas para as suas inúmeras perguntas. Alternava os momentos em que chorava de tristeza com aqueles em que chorava de raiva de si mesma.

Quando Bruce chegou em casa e a encontrou com os olhos inchados e o rosto fechado, imaginou logo que os remédios haviam parado de fazer efeito. Tentou conversar com ela, mas foi recebido com muita grosseria e impaciência.

O remorso e a culpa que Anne sentia envenenaram imediatamente sua relação com o marido. Por vários dias, ela sentiu raiva dele, rejeitou seu carinho, suas conversas e se esquivou de qualquer aproximação.

Bruce estranhou a forma como a crise havia se apresentado daquela vez. Já havia presenciado crises onde Anne só chorava e ficava em silêncio, se recusando a se abrir com ele. Crises em que o apoio dele era exigido, em que ela desabafava e solicitava constantemente seus carinhos. Mas uma crise como aquela, em que ela se mostrava hostil e até irritada com ele era algo inédito e assustador.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

20

CULPA MÚTUA

Uma noite, quando Bruce chegou em casa, Anne estava no quarto, deitada na cama. Ele acendeu a luz e se aproximou para lhe dar o habitual beijo nos lábios, mas ela foi arredia e se afastou. Naquele momento, Bruce deixou de lado toda a educação e a paciência que havia mantido até então e retribuiu a falta de gentileza com a mesma dose de irritação.

—O que foi, Anne? Acho que a gente precisa conversar.

Anne olhou para ele, sentindo-se intimidada por aquela reação. Ela continuou muda, e ele insistiu:

—Vamos, Anne, isso não é normal.

—Normal? O que é normal pra você?

Então, foi a vez de Bruce se sentir intimidado. E Anne continuou:

—Nossas atitudes são normais? O mais

interessante é que você não parece se sentir culpado — disse Anne, gesticulando e aumentando o tom da voz.

—Culpado? O que eu fiz?

—Nós fizemos, Bruce, nós fizemos.

—Do que você está falando? — perguntou Bruce, claramente confuso com aquelas afirmações.

—Do que eu fiz com o Eric. O nosso relacionamento. A traição — disse Anne, diminuindo a voz e substituindo a agressividade pela melancolia.

—Isso já faz muitos anos. Vamos discutir isso agora? — disse Bruce, tomando para si o tom agressivo.

Ainda sentada sobre a cama, Anne voltou a chorar, colocando o rosto entre as pernas dobradas, como se quisesse fugir daquela conversa.

—Nós erramos sim. E eu sinto muito também. Mas isso não pode acabar com o nosso casamento — esbravejou Bruce, deixando o quarto e dando a discussão por encerrada.

Daquela vez, ele não passou as mãos na cabeça de Anne, não se esforçou para convencê-la de que ele estava arrependido, nem pediu desculpas.

PERIGOSAS NACIONAIS

Retribuiu o tratamento frio da mesma forma, tornando-se mais distante e menos paciente.

Aquela reação de Bruce fez com que Anne percebesse que havia exagerado com aquele arrependimento tardio e sentisse medo de que ele a abandonasse e a deixasse sozinha com a sua crise de culpa. Nos dias que se seguiram, ela foi se reaproximando e eles acabaram fazendo as pazes. Mais uma vez, tudo voltou à aparente normalidade.

PERIGOSAS ACHERON

21

A PAIXÃO

O restante daquele ano de 2005 foi tranquilo, seguindo praticamente à risca o que havia sido previsto para aqueles próximos meses. Mas o mesmo não se pode dizer do ano seguinte, que já começou desobedecendo a ordem natural das coisas.

Foi exatamente no primeiro dia do novo ano que Ryan arrumou uma nova namorada. Já fazia mais de cinco anos que ele não se envolvia seriamente com alguém. Houve relacionamentos curtos, superficiais e sem importância. Mas eram tão curtos, superficiais e sem importância que alguns deles nem chegaram ao conhecimento de Lisa e de dona Eleanor. Porém, naquele primeiro de janeiro de 2006, quando ele não planejava se apaixonar, ele conheceu a bela Madeline.

Na ocasião, Ryan estava sozinho na Inglaterra.

Lisa e a avó haviam viajado para os Estados Unidos para passarem as festividades de final de ano com a família americana. Geralmente, quando o ano era encerrado em Warren, Ryan declinava do convite para acompanhá-las e ficava em Brentford, recluso em sua casa, tomando vinho na companhia de si mesmo. Mas, naquele ano, ele resolveu inovar. Apesar de ter passado um Natal tranquilo, em casa com Peter, no Réveillon ele aceitou o convite de um amigo para encerrarem o ano em um pub londrino.

Aquele convite inédito de Richard para curtirem a noite do dia 31 de dezembro em um bar agitado, mais do que uma demonstração de amizade, foi uma romântica emboscada. Richard apareceu ao encontrou acompanhado de sua esposa Olivia e de Madeline, a amiga divorciada.

Não foram necessários muitos drinks para Ryan se aproximar da bela amiga divorciada, advogada, mãe de duas meninas e muito mal intencionada.

O resultado é que quando Lisa e dona Eleanor voltaram para casa no sábado seguinte, não encontraram um pai quase solitário, dividindo o sofá com Peter. Encontraram Ryan, Peter, Madeline e suas filhas Jaclyn e Beverly, além de um

perfumado pernil saindo do forno.

A surpresa foi tão grande que Lisa e dona Eleanor ficaram alguns minutos paradas em frente à porta da casa antes de cumprimentarem as inesperadas visitas. Ryan não havia comentado nada sobre seu novo amor durante as ligações telefônicas daquela semana.

Apesar das duas sempre torcerem para que Ryan encontrasse uma nova companheira, elas não ficaram muito contentes com a novidade. Talvez porque não gostassem de ser surpreendidas ou talvez por não estarem mais acostumadas com a presença de outra mulher na família. Mas foi muito mais do que isso. Assim que Lisa viu nos olhos de Beverly o prazer por tê-la surpreendido, a guerra foi declarada. Naquele instante, Lisa sentiu como se os quatro tivessem passado dias juntos, arquitetando, felizes, aquela situação constrangedora.

Após as apresentações, todos sentaram-se à mesa para saborear o almoço que Madeline havia preparado deliberadamente ali mesmo na cozinha de dona Eleanor. Parecia até um Natal atrasado.

—Tomara que a senhora aprecie minhas receitas, dona Eleanor. Seu filho me disse que a

senhora cozinha muito bem — disse Madeline, tentando ser gentil e educada.

Lisa não conseguiu esconder o sorrisinho de canto de boca ao ouvi-la se referir ao tradicional pernil com arroz e salada como “suas receitas”. Dona Eleanor agradeceu com educação, apesar de estar completamente desconfortável com o elogio (e com a presença inesperada).

Ryan parecia muito à vontade naquela mesa cheia de mulheres que se olhavam desconfiadas e ressabiadas. Jaclyn, a mais nova, não parava de brincar com a comida, e Beverly, um ano mais nova do que Lisa, dizia a todo momento que aquela comida a engordaria horrores. Quanto mais ela repetia aquela frase desagradável, mais Lisa enchia seu prato com “as receitas” de Madeline.

Quando as convidadas foram embora, Lisa mal esperou o pai entrar em casa e começou uma espécie de interrogatório.

—Então vocês se conheceram num bar em Londres? Não sabia que frequentava esses lugares na nossa ausência — disse, em tom sarcástico.

—Esses lugares? Saiba que é um pub muito bem frequentado.

—Com certeza. Muito bem frequentado —

disse, com ironia.

—Então é sério? — continuou Lisa.

—Sério?

—O relacionamento de vocês.

—Estamos nos conhecendo, Lisa. Vocês vão se dar bem — disse Ryan, já se esquivando da conversa e indo para seu quarto.

A verdade é que Ryan estava errado. Elas não se deram bem naquele primeiro encontro e não se dariam bem no futuro.

Para felicidade de Lisa, como as três viviam em Londres, os encontros com elas não eram tão frequentes. Muitas vezes era Ryan que ia para Londres para se encontrar com a namorada e, geralmente, Madeline ia para Brentford sozinha, sem a companhia desagradável de suas filhas.

Lisa logo constatou três coisas: ela não gostava muito de Madeline, ela aceitava Jaclyn, mas não suportava Beverly.

22

A IRRITANTE

O que mais irritava Lisa eram as frases preconceituosas que Beverly proferia constantemente com relação a pessoas de cidades menores e menos importantes do que Londres, como ela mesma as classificava. Mas não era só isso. A sua extrema curiosidade sobre assuntos alheios e a sua língua afiada também tiravam Lisa do sério.

Um dia, Madeline chegou em Brentford acompanhada das duas filhas e de sua cachorrinha, uma Cavalier King Charles Spaniel de nome Charlote.

Sem que Lisa esperasse por aquela desagradável visita, Beverly entrou em seu quarto, sentou-se em sua cama e começou a puxar conversa. Sem rodeios, ela foi direto ao assunto que lhe interessava:

—Minha mãe disse que sua mãe morreu.

Lisa, que fechava o livro para dar atenção à visita indesejada, olhou para Beverly incomodada com a pergunta.

—Sim. Ela era uma escritora conhecida.

—Não conheço.

—Você não deve ler muito. Digo, livros bons.

—Os bons, eu leio.

—Meu avô também é escritor. Mas você também não deve conhecer. Percebi que não conhece muitos escritores. Nem muitos livros.

Beverly ficou olhando fixamente para Lisa, alisando a colcha da cama com a mão. Então, resolveu mudar o assunto, mas não sua atitude inconveniente.

—Deve ser chato não ter mãe nem irmãos.

Mesmo ciente da capacidade de Beverly de ser irritante, Lisa se surpreendeu com aquele comentário maldoso.

—Não se preocupe comigo. Minha tia é como uma mãe pra mim.

—Onde ela está?

—Ela mora nos Estados Unidos.

—Hum. Longe.

Beverly e Lisa estavam prestes a partir para o

ataque físico quando Jaclyn entrou no quarto com sua cachorrinha no colo. Ela chorava desesperadamente porque Peter pulava ao seu lado dela tentando alcançar a cadelinha.

Olhando aquela cena, Lisa soltou um grito indignado:

—Vocês trouxeram um cachorro? Agora a família está completa.

Pegando Charlotte dos braços da irmã mais nova, Beverly ironizou mais uma vez:

—Cadela. O nome dela é Charlotte.

—Charlotte?

—Sim. É uma cadela com nome de cadela — disse rindo, referindo ao fato de Lisa ter nomeado sua cadela como Peter.

O rosto de Lisa ficou vermelho na hora e ela teve vontade de partir para cima de Beverly e arrancar cada fio de cabelo da sua cabeça.

—É melhor voltarmos pra sala — disse Jaclyn, prevendo que faltava pouco para que o ataque se tornasse físico e violento.

Lisa bufava de raiva.

Jaclyn foi saindo na frente, e Beverly foi atrás, com a cadela no colo. Já na porta do quarto, olhou para Lisa e completou o seu repertório de maldades

para aquele dia:

—Segure sua cadela aí porque ela está assustando a pobre Charlote.

O desejo de Lisa naquela hora era que Peter saísse do quarto e atacasse Charlote, Beverly e Jaclyn como um cão feroz e raivoso. Mas Peter apenas olhava para ela com o olhar inocente de sempre. Então, Lisa se controlou e continuou rezando para que o pai percebesse logo que Madeline e sua família não eram companhias muito agradáveis.

23

AS FLORES

No final de semana seguinte, foi a vez de Ryan visitar a namorada em Londres. Na sexta-feira à noite, Lisa e a avó estavam na cozinha preparando o jantar quando ele apareceu todo arrumado, perfumado e animado.

—Hoje é o aniversário da Madeline. Vamos sair para jantar.

—Pelo jeito será algo muito chique — disse dona Eleanor.

Então, a campainha tocou. Ryan foi atender e, poucos minutos depois, voltou com um lindo bouquet de rosas vermelhas.

—Não sabia que o senhor era romântico — disse Lisa, com clara ironia.

Ryan olhou para ela, deu uma risadinha e não respondeu.

—O senhor costumava dar flores para a minha mãe?

Ryan olhou para a filha novamente, mas não sorriu. Nem respondeu.

—Ele não é romântico nada, Lili. Está enganando a Madeline — disse a avó, enquanto picava uma cebola para o preparo do jantar.

—Sou romântico sim — respondeu Ryan, sem muita convicção.

—Então qual era a flor preferida da minha mãe Claire?

Ele nem imaginava a resposta correta e nem ao menos se lembrava de quais eram as flores do bouquet que ela segurava no casamento deles, o que seria uma boa dica. Eliminando a rosa, por parecer uma resposta muito óbvia naquele momento, ele falou a primeira flor que veio à sua cabeça:

—Narcisos. Ela amava narcisos.

Mas ele não se livrou tão fácil.

—De que cor? —desafiou Lisa.

—Brancos. Narcisos brancos — respondeu, sem titubear.

Lisa ficou olhando para ele, pronta para dar continuidade à enquete, mas ele escapou da

sabatina, dizendo que precisa ir, pois não poderia se atrasar.

Naquela noite, Madeline ganhou flores, os dois jantaram em um restaurante chique, conversaram por horas e fizeram amor quase selvagem. Mas foi a última vez que Ryan comprou flores para ela.

Com o tempo, ele foi se cansando de Madeline, de Beverly, de Jaclyn e até de Charlote. As idas a Londres foram se tornando mais cansativas, as conversas com Madeline foram se tornando mais chatas, as suas receitas sem sabor e o sexo sem amor. Até que, seis meses depois de ter começado, o namoro acabou.

Lisa ficou radiante com o término do relacionamento, mais pelo afastamento de Madeline e de sua família do que pela reaproximação de seu pai. Já com 16 anos de idade, Lisa estava cada vez mais interessada em sua privacidade, em seus próprios amigos e em suas próprias vontades.

Quando o pai se viu livre da namorada e voltou a planejar os passeios familiares para os finais de semana, Lisa precisou mostrar para ele que muita coisa havia mudado naqueles quase seis meses. Ela

PERIGOSAS NACIONAIS

havia estabelecido uma nova e intensa rotina com os seus amigos, e os passeios com a turma, que aconteciam mensalmente, passaram a ser bem mais frequentes.

Teve dias em que Ryan sentiu saudades da Madeline, da Jaclyn, da Beverly e até da Charlote.

PERIGOSAS ACHERON

24

O PIQUENIQUE

Naquele verão de 2006, Lisa foi passar todo o mês de agosto na casa dos avós de Emily, em Oxfordshire, juntamente com outras duas amigas, Carolyn e Daisy. Decisão que deu sequência aos acontecimentos atípicos daquele ano de 2006.

Durante a viagem, não faltaram os refrescantes banhos de rio, os quentes banhos de sol, as caminhadas no final da tarde, as refeições caseiras, as conversas na varanda, os lanches calóricos, além de diversas atividades ao ar livre que exigiram muito fôlego e disposição.

Certa manhã, dona Ellen, mãe de Emily, decidiu que aquele era um bom dia para realizarem um piquenique. Não fazia muito sol, nem chuva, nem vento. O clima era propício para aquela atividade da qual sua família tanto gostava.

PERIGOSAS NACIONAIS

Dona Ellen era tão adepta ao piquenique que ela possuía todo o aparato necessário para que a atividade parecesse coisa de profissional. Eram louças especiais para a ocasião, talheres, sacolas, garrafas térmicas, cadeiras, toalha xadrez, guardanapos decorados e cesta de vime.

Naquela manhã, ela e sua mãe, dona Mabel, prepararam bolos, tortas, lanches, chás e sucos. Separaram frutas e dividiram tudo na cesta de vime e nas sacolas térmicas.

Tudo pronto, partiram todos para um parque não muito distante dali. Quando chegaram, sem vacilar, desviar os olhos ou a atenção, dona Ellen foi caminhando certa em direção ao lugar onde ela e a família costumavam se reunir para o tradicional piquenique.

Todos a seguiram sem questionar sua autoridade. Até que chegaram a um enorme carvalho, onde ela finalmente parou. Os demais também pararam diante daquela majestosa árvore e começaram a acomodar as coisas no gramado.

A primeira coisa que saiu de uma das sacolas foi uma enorme toalha xadrez, esticada bem embaixo da árvore. Enquanto os avós de Emily se acomodavam nas cadeiras de montar que foram

PERIGOSAS ACHERON

levadas especialmente para eles, os demais começaram a tirar das sacolas e cestas uma quantidade enorme de deliciosas guloseimas.

Lisa ficou parada diante daquela cena, apenas olhando. Por algum motivo, que ela desconhecia, algo a incomodava naquela cena pitoresca.

—Venha se sentar, Lili. O que foi? Não está bem? — perguntou Carolyn, notando que havia algo de estranho no comportamento da amiga.

—Não sei, acho que caiu a pressão — respondeu, dirigindo-se ao grupo e arrumando um espaço para se sentar perto da toalha xadrez.

Enquanto todos se serviam e conversavam sobre assuntos banais, Lisa contemplava aquela estrondosa árvore, o gramado recém-aparado, a cesta de vime sobre a toalha xadrez nas cores vermelho e branco, tentando se lembrar de quando havia realizado um piquenique como aquele. Então, ela se virou para Emily que estava ao seu lado.

—Eu achei que nunca tivesse feito piquenique, mas hoje eu tenho certeza de que já participei de um. Essa toalha, esta árvore, esta cesta.

—Lili, com certeza você já esteve em algum piquenique. Toalha xadrez e cesta de vime não são nenhuma novidade nessas ocasiões — disse Emily,

claramente zombando da amiga.

—Mas acho que não é uma lembrança boa — disse Lisa com a voz tão baixa que a amiga nem a ouviu.

Lisa ficou com aquele sentimento desagradável durante todo o piquenique, tentando dissimular sua insatisfação para não atrapalhar a diversão dos demais. Quando chegou de volta à casa da família de Emily, Lisa continuou forçando sua memória para tentar desvendar o porquê de seu desconforto em um ambiente tão agradável. Mas foi em vão.

Felizmente, no dia seguinte Lisa já não pensava mais naquele assunto. Curtiu o restante das férias na companhia das amigas e da família de Emily e voltou para Brentford prometendo à senhora Ellen que retornaria para lá em outra ocasião.

Quando chegou em casa, Lisa estava cansada, mas o cansaço não a impediu de começar a contar para a avó o que havia acontecido naqueles seus 30 dias em Oxfordshire. Logicamente, dona Eleanor foi sendo inteirada dos acontecimentos aos poucos. Como já era esperado, aquela viagem rendeu conversa para vários dias.

No café da manhã do dia seguinte, o assunto

piquenique veio à tona.

—Vó, quando nós fizemos um piquenique? Com toalha xadrez e cesta de vime?

—Piquenique? Acho que nunca fizemos piquenique juntas. É uma boa ideia.

—Nunca? —perguntou Lisa.

Ryan, que comia seu pedaço de pão em silêncio, se manteve calado, com receio de que o assunto virasse para o seu lado. Mas ele não escapou.

—O senhor se lembra, pai?

—Eu? — respondeu Ryan, quase engasgando com o pedaço de pão.

Lisa ficou olhando para ele, aguardando uma resposta.

—Eu nunca gostei de piquenique — disse Ryan, de forma concisa.

—Por quê? — perguntou dona Eleanor.

—Nós fizemos um piquenique lá nos avós da Emily, mas eu não gostei.

—Podemos fazer um piquenique se você quiser — sugeriu a avó.

—Não sei. Acho que não gosto de toalha xadrez. Nem de cestas de vime — disse Lisa, levando sua xícara para a pia.

—Eu também não acho uma boa ideia. Tem

muitos insetos — disse Ryan, dando uma desculpa um tanto questionável para justificar a sua recusa à sugestão de dona Eleanor.

Votação encerrada, sugestão negada. Restou à dona Eleanor desistir da ideia.

Porém, não demorou muito para que Lisa se lembrasse daquele fatídico piquenique em Warren e descobrisse o porquê de sua repulsa a tolhas xadrezes e cestas de vime.

25

A PERDA

No dia 3 de setembro, dando sequência aos acontecimentos inesperados daquele ano, ocorreu o mais triste deles.

Lisa, Ryan e dona Eleanor fizeram as malas às pressas naquela tarde de domingo. Enquanto Ryan andava pela casa falando em voz alta tudo o que deveriam fazer ainda antes da partida, dona Eleanor tentava consolar a neta, que não conseguia parar de chorar. Mas as tentativas da avó eram em vão. Ela não conseguia encontrar as palavras certas para aliviar a imensa dor de Lisa.

A ideia inicial de Ryan era desembarcar em New Jersey apenas no dia do enterro ou, no máximo, no dia anterior ao evento fúnebre. Ele sabia que seriam pelo menos 6 dias de espera e preparação até o velório. Mas Lisa não queria esperar mais um

minuto sequer na Inglaterra.

Com receio de que ela e a avó dessem um jeito de viajarem sozinhas se ele não concordasse, tratou logo de comprar as três passagens para aquela mesma noite. Caso contrário, suspeitava que voltaria do trabalho no dia seguinte e encontraria a casa vazia.

Dois minutos após Ryan finalizar a sua habitual contagem regressiva para a partida, as duas apareceram na sala, sorumbáticas e zangadas. Este último por desaprovarem a forma inapropriada como o pai manteve a sua tradição naquele momento tão doloroso.

Após deixarem Peter com uma vizinha, os três partiram para o aeroporto, calados. O único som que se ouvia naquele carro era o dos incontrolláveis soluços de Lisa. Após várias horas de viagem, eles desembarcaram em New Jersey, certos de que aquela visita a Warren não seria nada agradável.

Enquanto isso, na casa de dona Laura, Anne e a mãe realizavam uma tarefa bastante delicada: a escolha da roupa que o senhor John usaria em seu próprio velório, que ocorreria apenas no sábado seguinte.

—Este. Era o terno preferido dele. Ele usava só

em ocasiões muito importantes — disse dona Laura, tirando o terno do armário.

Anne pegou o cabide das mãos da mãe e olhou atentamente para o terno para ver se estava em ordem para a ocasião. Ao apalpar os bolsos do paletó, percebeu que havia algo ali. Enfiou a mão no bolso e tirou uma pequena chave.

Colocando a chave em cima da mesinha de cabeceira, ela avisou a mãe sobre seu achado:

—Mãe, achei essa chave aqui no bolso, depois a senhora vê de onde é.

—Coisas do seu pai, filha. Vai saber de onde é isso — respondeu, sem demonstrar surpresa ou curiosidade.

Após alguns minutos, estava tudo decidido. Elas haviam escolhido com esmero a última vestimenta completa do senhor John. Após a difícil tarefa cumprida, as duas ficaram sentadas na cama em silêncio, até que tocou a campainha. Eram Lisa, Ryan e dona Eleanor.

Enquanto Lisa e a avó choravam abraçadas, Bruce explicava para Ryan em detalhes o infarto fulminante que havia vitimado o sogro na manhã do dia anterior.

As horas seguintes foram difíceis para todos.

PERIGOSAS NACIONAIS

Dona Laura mal conseguia sair do telefone. Ou era ela quem ligava para parentes e amigos ou eram eles que ligavam para obter mais informações sobre a morte e os preparativos para o enterro. Anne tentava ajudar a mãe naquela complicada tarefa, enquanto Ryan e Bruce tentavam lidar com aquela situação inusitada. Dona Eleanor assumiu a cozinha e se dispôs a preparar as refeições daquele dia.

Lisa permaneceu um pouco na casa da avó, mas logo saiu com algumas amigas que já aguardavam por ela desde que souberam da morte do senhor John.

Já era noite quando Ryan, dona Eleanor e Lisa foram para um hotel. Anne insistiu para que a mãe fosse dormir em sua casa, mas dona Laura não aceitou, fazendo questão de permanecer ali naquela casa que por tantos anos foi dela e do marido falecido.

Nos dias que se seguiram, Lisa, dona Eleanor e Anne visitaram dona Laura diariamente. Contrariando a sua natureza expansiva e inquieta, naqueles dias que sucederam a morte do marido, dona Laura perdeu o assunto, perdeu o sorriso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

26

A GAVETA

Na véspera do enterro, Anne chegou à casa da mãe e a encontrou sentada na poltrona do escritório, o lugar preferido do senhor John.

—A senhora conseguiu dormir melhor esta noite? — perguntou, sentando-se na cadeira.

—Eu gosto de ficar aqui olhando para todos esses livros. Eu me sinto mais perto dele.

—Ele gostava daqui — respondeu Anne, enquanto abria as gavetas da mesa à sua frente.

—Ele passava horas aqui dentro.

—Tem uma gaveta trancada.

—Seu pai tinha mania de esconder os livros que estava escrevendo.

Enquanto a mãe se referia ao marido falecido com uma boa dose de melancolia, Anne começou a procurar pela chave.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Ele escondia o que estava escrevendo porque achava que eu fosse ler antes da hora. Ele dizia que eu gostava de dar palpite — disse dona Laura, enxugando as lágrimas do rosto.

—Será que tem algum livro que ele estava escrevendo?

Dona Laura ficou olhando para Anne sem saber a resposta.

—Aquela chave que eu achei no paletó ainda está no seu quarto?

Mesmo antes de a mãe responder, Anne se levantou decidida e foi até o quarto, voltando para o escritório com a chave nas mãos.

A pequena chave entrou facilmente na fechadura e, com dois giros de 360 graus, destrancou a gaveta. Anne, a abriu com cuidado e retirou de dentro dela um pequeno bloco de notas e um envelope pardo.

—É um bloco de anotações. Parece bem velho — disse Anne, mostrando-o para sua mãe.

—Ele tinha mania de bloquinhos. Mesmo depois que comprou o computador, ele sempre tinha um bloquinho perto dele.

—Mas esse deve ser especial, pra estar dentro dessa gaveta trancada.

PERIGOSAS ACHERON

—Acho que ele já nem se lembrava que tinha isso aí dentro.

—O papai? Duvido. A senhora sabe como ele era organizado com as coisas dele.

—Às vezes eu não entendia seu pai — disse dona Laura, intensificando o choro sentido.

—E este envelope? — disse Anne, enquanto o abria e retirava de dentro dele um pequeno maço de papel.

Sem dar atenção às lágrimas da mãe, Anne continuou interessada no conteúdo do envelope.

—Este também deve ser alguma coisa antiga. Foi datilografado na máquina de escrever — disse Anne, passando os olhos pelas folhas.

Dona Laura deu só uma olhada de rabo de olho e suspirou:

—Ele não gostava quando eu entrava aqui. Agora estamos remexendo nas coisas dele.

—Posso levar? Não tenho muitas recordações dele.

Dona Laura olhou para a filha com o olhar de reprovação, mas consentiu.

—Leve o que quiser — disse, levantando-se da poltrona e indo até a cozinha.

Anne não foi atrás da mãe imediatamente.

Guardou o envelope e o bloquinho em uma sacola e preferiu ficar mais alguns minutos ali, sozinha, rodeada pelos livros, objetos e pelas lembranças do pai. Naquele lugar, o preferido do senhor John, Anne se sentiu angustiada, com o peito apertado, menos por tê-lo perdido fisicamente, mas mais por ter perdido a chance de fazê-lo amá-la de verdade.

A relação dela com o pai sempre foi insuficiente e superficial. Quando Claire estava viva, ela sentia como se faltasse espaço na vida e no coração dele para ela. Com os anos, ela foi se conformando com aquela quase rejeição. Quando Claire morreu, Anne teve a sensação de que, de alguma forma, o pai a culpava por ter sido ela a sobrevivente. Anne acabou aceitando aquela sensação também e, muitas vezes, chegou até a concordar com ela. Quando percebeu que Lisa havia ocupado o lugar de Claire na vida do senhor John, Anne teve a certeza de que não havia mais chance para ela. Apesar de acreditar que aquele espaço antes habitado por Claire nunca tivesse sido ocupado por quem que quer que seja.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

27

O ÚLTIMO ADEUS

No sábado, dia do velório, todos acordaram ainda mais tristes e com o coração ainda mais apertado. Menos Ryan, que já estava ansioso para se despedir do sogro, deixar suas condolências e voltar para a Europa com sua mãe e sua filha. Para ele, aqueles dias hospedado em um hotel em Warren estavam sendo uma inestimável perda de tempo.

O velório, como era de se esperar, foi triste e, de certa forma, concorrido. Amigos, parentes, fãs e até a imprensa local compareceram à cerimônia para dar o último adeus ao querido escritor.

Além dos amigos do senhor John, alguns deles companheiros de uma vida inteira, foram muitos os amigos de dona Laura, Anne e Bruce que compareceram ao evento fúnebre. Muitos parentes e amigos levaram algo para comer ou beber. Outros

cumpriram com uma antiga tradição e levaram pequenas lembranças para serem colocadas dentro do caixão. Rezaram, abraçaram a família, choraram. Os mais próximos fizeram discursos breves e emocionados. Alguns mais breves que outros, alguns mais emocionados que outros.

Entre os amigos e parentes, estava a repórter e o fotógrafo de um jornal local. Munidos de bloquinho, caneta e máquina fotográfica, eles planejavam sair de lá com material suficiente para uma linda e emocionante reportagem sobre o escritor americano.

A jornalista, uma mulher bastante observadora, de cerca de 40 anos, ficou até o final da cerimônia, assumindo uma postura discreta e respeitosa. Mas talvez Áquila atitude fosse somente parte de sua estratégia. Quando o caixão recebeu sua última pá de terra, ela deixou a descrição de lado. O respeito também. Aproximou-se de dona Laura, se apresentou como Jane, repórter do Jornal Warren News e começou um interrogatório absolutamente inoportuno.

Jane iniciou a conversa enaltecendo o defunto como sendo uma celebridade local muito estimada na cidade e dizendo que, por aquele motivo, o

jornal estava empenhado em publicar uma matéria especial sobre ele. Dando sequência à sua atitude inconveniente, ela justificou que como a matéria seria publicada já no dia seguinte, ela precisaria conversar um pouco com a viúva, se possível, naquele exato momento.

Dona Laura, que sempre tinha o que falar, ficou sem palavras. Olhou para Anne e Lisa que estavam ao seu lado, transferindo a elas a solução para aquela situação inusitada. Mas as reações das duas foram completamente opostas. Anne logo se mostrou contra a concessão de qualquer entrevista, naquele momento ou em qualquer outro. Já Lisa se colocou absolutamente a favor da ideia.

—Ótima oportunidade de homenagear o vovô. Ele merece.

Anne olhou para a filha com aquele olhar de censura que ela conheci muito bem. Mas Lisa nem se importou. E reiterou sua opinião:

—Ele merece que sua história seja impressa e divulgada.

Percebendo que tinha conquistado apoio para sua iniciativa, Jane aproveitou a oportunidade e foi logo sugerindo que se sentassem em um banco mais à frente. Dona Laura, sem saber como se

livrar da jornalista, a acompanhou, sendo seguida por Anne e Lisa.

—Sobre as obras do senhor John eu já tenho bastante material. Eu mesma já li todos os seus livros e já escrevi vários textos sobre seu trabalho.

Anne engoliu seco, já prevendo o rumo daquela conversa.

—Sempre que ele lançava um livro novo eu o procurava. Mas ele era muito reservado quanto aos assuntos pessoais. Desta vez eu queria fazer um texto mais emocional, mais pessoal, sabe?

Anne sentiu um frio percorrer sua espinha, enquanto uma onda de calor ruborizava o seu rosto.

—Realmente nós somos muito reservados. Não gostamos de falar de assuntos pessoais — disse Anne, tentando ser persuasiva.

Mas Jane fingiu não perceber a intenção clara de Anne de encerrar com aquela entrevista antes mesmo de seu início.

—Eu sei. Nós já conversamos uma vez. Acho que você nem se lembra — disse Jane, olhando para Anne.

—Nós? — perguntou Anne, confusa.

Mas a confusão durou muito pouco. Anne imediatamente se lembrou da repórter que tinha ido

até a casa de sua mãe logo após seu retorno da Inglaterra, interessada em obter informações sobre o acidente.

Anne sentiu o coração acelerar. O rubor de seu rosto desceu pelo pescoço. Diante do silêncio de Anne, Jane continuou:

—Há uns 16 anos — disse, tentando fazer com que Anne se lembrasse da ocasião sem ter que citar o acidente. Julgou que era um assunto delicado para aquele momento já delicado demais.

—Sim. Eu me lembro — gaguejou, sem encarar a interlocutora.

A jornalista, então, se virou para dona Laura e fez menção de iniciar um longo e curioso interrogatório. Mas, antes que ela pudesse formular sua primeira pergunta, dona Laura desandou a falar e deu as respostas que julgou pertinentes, antes mesmo de ouvir as perguntas de Jane:

—Coloque na sua matéria que ele era um homem muito bom e que amava muito sua família. Gostaria que citasse que ele foi o meu primeiro amor. E eu fui o dele — disse, enxugando as lágrimas que voltaram a escorrer pelo seu rosto.

—Vocês tiveram duas filhas? — perguntou Jane, aproveitando a repentina vontade de dona

Laura de falar da família.

Mas dona Laura não parecia exatamente disposta a responder as perguntas da jornalista com precisão.

—Escreva aí que nós sempre nos demos muito bem durante todos estes anos. Foram quase 50 anos. E criamos juntos uma linda família. Coloque também que ele era muito inteligente. Seus livros provam isso.

Parou, enxugou as lágrimas. Sem ser interrompida, continuou:

—E se quiser incluir algo que ninguém saiba, diga que ele pisava no meu pé sempre que nós dançávamos. Mas que já fazia muitos anos que ele não me tirava pra dançar. Escreva que ele odiava pasta de amendoim e que só comia pipoca com vinagre. Que chorava todo dia 4 de julho. Que fazia o sinal da cruz toda vez que se levantava da cama, mas não gostava de rezar. E coloca também que ele tinha o péssimo hábito de passar a geleia só no meio do pão. E que aquilo me irritava porque eu acho que a geleia tem que cobrir o pão inteiro.

Quando terminou de falar, dona Laura estava quase em prantos, e sua voz já era quase inaudível. Jane, logicamente, não tinha anotado nada e não

conseguiu impedir que a entrevista fosse rapidamente encerrada.

Anne ficou quase contente com a dramática reação de dona Laura. Pediu desculpas a Jane, ajudou a mãe a se levantar e foram se afastando sem olhar para trás.

Assim que deixaram o cemitério, todos se reuniram na casa de Anne para as despedidas. Assim que entrou na sala, Lisa teve seu coração ainda mais apertado do que já estava. Aquela era a primeira vez que ela entrava ali sem a presença da gatinha Marie, que havia morrido de falência dos rins no mês de outubro do ano anterior. Era comum Lisa entrar na casa da mãe e Marie aparecer para recepcioná-la com aquela espécie de dança que os felinos fazem, passando repetidas vezes por entre as pernas das pessoas amadas.

Percebendo que a tristeza de Lisa pela recente morte do avô havia ganhado ainda mais vulto com a lembrança da perda de Marie, dona Eleanor quis apressar as despedidas, que foram, mais naquela vez do que nas anteriores, cobertas de lágrimas e lamentos.

Naquele início de noite, Ryan, Lisa e dona Eleanor voltaram para casa. Lisa estava com o

coração apertado, era a primeira vez que deixava Warren com a certeza de que na próxima visita seu avô não estaria esperando por ela, com seu jeito austero e, ao mesmo tempo, tão carinhoso. Aquela perda seria algo muito difícil de aceitar.

28

CONVITE INUSITADO

No domingo, Lisa permaneceu reclusa em seu quarto durante quase todo o dia. Aquele comportamento era comum sempre que ela retornava de suas viagens a Warren, mas, naquele domingo, outro motivo justificava a sua reclusão quase absoluta.

Além do almoço, a única coisa que a fez abrir a porta de seu quarto foi a rápida visita de seus melhores amigos, que estavam aguardando o seu retorno a Brentford para registrarem o apoio naquele momento difícil. Emily, Robert, Daisy e Carolyn chegaram pouco depois do almoço, com caixas de chocolate e palavras de afeto. Após cerca de uma hora, os quatro amigos se despediram e se colocaram à disposição caso ela precisasse de alguma coisa. E parece que Lisa realmente precisava de algo quando telefonou para Emily naquela mesma noite:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Oi Em. Posso te pedir um favor?

—Lógico que pode. Você está bem?

—Estou sim. Eu fiquei pensando no enterro do meu avô.

—Não fique pensando nisso, Lili. Você quer que eu vá aí?

—Eu nunca fui visitar o túmulo da minha mãe.

—Eu sei.

—Você iria comigo?

—No túmulo da sua mãe?

—Sim.

—Iria — disse Emily, sem muita convicção.

—Tudo bem amanhã?

—Amanhã?

—Sim, depois da aula.

—Você acha que é uma boa ideia?

—Não sei. Só acho que preciso fazer isso pelo menos uma vez na vida.

—Você vai avisar sua avó?

—Vou dar uma desculpa qualquer. Eles nunca quiseram que eu fosse lá.

—Tá bom. Amanhã depois da aula eu vou com você.

—Obrigada, Em.

—Boa noite, Lili.

PERIGOSAS ACHERON

Após desligar o telefone, Lisa continuou sozinha em seu quarto como havia feito durante quase todo o dia. Ficou deitada em sua cama, olhando para o teto, pensando na repentina morte de seu avô, no enterro cheio de gente, na jornalista interessada em escrever uma matéria comovente sobre ele, no quanto o avô lhe fazia falta. Mas outra coisa que não estava relacionada diretamente com a morte do senhor John também roubou os seus pensamentos naquela noite: a visita que ela e Emily fariam ao túmulo de Claire no dia seguinte.

Imersa em tantos pensamentos e sentimentos, Lisa adormeceu naquela noite num misto de tristeza e ansiedade.

Na segunda-feira, ela acordou mais triste do que ansiosa. Porém, como ela já havia perdido uma semana de aula justamente no início do ano letivo, não teve argumento que convencesse Ryan a livrá-la das obrigações escolares.

Ao chegar à escola, os amigos mais próximos evitaram entrar em detalhes sobre o assunto e tentaram fazer com que aquele dia fosse o mais normal possível. Mas, suas melhores intenções foram repetidamente frustradas pela aparição de alunos e professores interessados em dar os

pêsames e se mostrar solidários à dor de Lisa.

Quando as aulas acabaram, Emily percebeu o desânimo de Lisa e tentou desmarcar a excursão ao cemitério. Mas Lisa não queria voltar atrás. Naquele dia, ela visitaria pela primeira vez o túmulo de sua mãe.

29

O BLOQUINHO

Em Warren, Anne também tentou iniciar a semana da maneira mais normal possível, mas estava difícil não pensar na morte de seu pai a todo instante.

Bruce estava vigilante, com receio de que a esposa voltasse a ter aquelas costumeiras crises. Mas Anne não parecia dar sinais de que a depressão a acometeria novamente.

Apesar da insistência de Becky e de Bruce para que ela permanecesse em casa naquela semana, Anne decidiu retomar logo suas atividades no trabalho. Não queria que sobrasse muito tempo para pensamentos depressivos. Parecia que finalmente ela tinha aprendido a se preservar melhor das tais crises.

Na segunda-feira, assim que chegou em casa, Anne foi para o escritório guardar sua pasta e

PERIGOSAS ACHERON

alguns projetos que precisariam ser analisados ainda naquele dia. Assim que colocou os papéis sobre a mesa, olhou para a estante e viu o envelope e a caderneta que ela havia encontrado na gaveta do pai.

Pegou os dois e os levou para o quarto. Sentou-se na cama e pegou a pequena caderneta, a qual folheou com extremo cuidado, imaginando que ela pudesse se desfazer em partes caso não fosse manuseada com cuidado.

As anotações registradas ali, os nomes das personagens, as ideias, os trechos curtos, os diálogos e até alguns desenhos foram rapidamente identificados por Anne. Aquele bloquinho havia sido utilizado pelo senhor John durante a criação de sua primeira trama, que tornou-se o seu primeiro sucesso literário.

Anne leu cada uma daquelas páginas com o coração apertado. Ela nunca havia tido contato com as obras do pai durante o processo criativo. Ele nunca havia mostrado aqueles bloquinhos para ela, nem havia dividido com ela as ideias para suas tramas. Ela só entrava em contato com seus livros quando eles já estavam impressos, talvez poucas horas antes deles chegarem às prateleiras das

livrarias.

Ao ver aquelas anotações cruas, aqueles fragmentos desconexos, alguns rabiscos sem capricho e parágrafos soltos Anne sentiu como se finalmente o conhecesse na intimidade.

30

O CEMITÉRIO

Antes de irem ao cemitério, Lisa e Emily passaram em uma floricultura, onde compraram um lindo ramalhete de narcisos brancos, flores que Lisa acreditava, graças ao relato de seu pai, serem as preferidas de Claire. Depois, seguiram para o cemitério da cidade. Emily estava um pouco arrependida por ter aceito aquele convite inédito e inesperado, mas não conseguiu negar o pedido da melhor amiga, principalmente naquele momento.

Quando chegaram, foi a vez de Lisa presenciar uma certa agitação e um ligeiro arrependimento, mas percebeu que era tarde demais para reconsiderações. Ela sabia que estava prestes a visitar o túmulo de sua mãe pela primeira vez, e aquela certeza lhe dava arrepios.

Caminharam lado a lado a passos curtos e

contidos até o local onde haviam indicado estar a sepultura de Claire. Ao depararem com uma lápide de pedra, Lisa ficou alguns segundos em silêncio, talvez um pouco decepcionada por ser aquela a imagem que guardaria de seu primeiro encontro com sua mãe de sangue. Colocou o bouquet de narcisos brancos sobre o túmulo e ficou observando a inscrição em uma grande placa de bronze, que ocupava quase toda a lápide. Nela, os nomes de Claire e Christie e a datas de nascimento e falecimento de ambas.

Percebendo que Lisa estava tão pálida quanto as flores que ela havia levado, Emily se aproximou e colocou a mão em seu ombro.

—Podia ser eu enterrada aqui — disse Lisa, em tom sombrio.

—Ai credo — disse Emily, tirando a mão do ombro da amiga e se afastando um pouco.

Enquanto Emily se distanciava timidamente, em um claro sinal de que queria ir embora, Lisa começou a observar atentamente cada detalhe daquela lápide, em um claro sinal de que sua intenção era oposta à de sua acompanhante.

Quando passou a mão sobre a placa de bronze para limpar a sujeira que dificultava a sua leitura,

Lisa percebeu que uma das presilhas que a prendiam à lápide estava solta. Ao se aproximar, percebeu que atrás da placa havia outra inscrição, entalhada na própria pedra.

—Tem outra coisa escrita aqui, Em.

—Deixa ai. Vamos embora — disse Emily, já aflita.

Mas Lisa não obedeceu. Com um pequeno esforço, ela destacou a placa da pedra e pôde ler a inscrição original, que havia sido coberta pela placa de bronze, pregada ali mais recentemente.

“Descansem em paz. Claire Miller Green e seu pequeno grande tesouro, sua filha Christie Miller Green.”

Lisa olhou para Emily, confusa. Emily retribuiu o olhar, tão confusa quanto ela.

—Christie é o nome da minha prima — disse Lisa tentando entender o que havia acabado de ler.

—Mas aí tá escrito que era a filha da Claire — disse Emily, apontando para a lápide.

—Então.

As duas se olharam e permaneceram em silêncio, tentando encontrar uma explicação

plausível.

—Lembra o que a mãe do Robert falou? — perguntou Lisa, com os olhos aflitos.

—Que você tinha morrido?

—Sim. Que quem tinha morrido era a filha do Ryan e da Claire.

Emily ficou olhando para ela.

—O jornal também. Lembra que eu achei aquela matéria que dizia exatamente isso? — disse Lisa, com os olhos ainda mais aflitos e arregalados.

—Melhor perguntar pro seu pai.

—Meu pai vai dizer que erraram. Como ele já disse antes.

—Vamos embora, Lisa. Não adianta ficarmos aqui.

Confusas e desorientadas, as duas começaram a se distanciar do túmulo. Lisa olhava insistentemente para trás, como se não quisesse sair dali sem uma resposta. Iniciaram o caminho de volta lado a lado, em absoluto silêncio.

Já no metrô, Lisa se virou para Emily e falou:

—E se a filha da Claire estiver mesmo morta. Se a Christie for mesmo a filha da Claire?

—Como assim?

—E se eu for filha da Anne.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Mas por que a Anne não diria que é sua mãe verdadeira?

Lisa ficou pensando numa resposta.

—Não sei.

—Mas você acha que o seu pai é mesmo seu pai?

—Não sei.

Silêncio.

Quando desceram do metrô, Anne fez outra suposição:

—E se meu pai traiu minha mãe com a Anne e, para encobrir a traição, inventaram que sou filha da Claire.

—Nossa. Estranho.

—Mas então, qual a explicação? — perguntou Lisa, irritada.

—Não sei. Mas você acha que seu pai e a Anne já? — perguntou Emily, sem concluir a frase.

—Na verdade eu sempre achei que eles se odiavam. Agora não sei.

Quando precisaram se separar, as duas se despediram incrédulas e confusas. Estavam certas de que nenhuma das duas tinha as respostas para aqueles questionamentos. Mas Lisa não sossegaría enquanto não encontrasse uma explicação plausível

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para toda aquela confusão.

PERIGOSAS ACHERON

31

UMA TENTATIVA

Justamente naquele dia Ryan chegaria tarde em casa, mas Lisa estava decidida a conversar com ele naquela mesma noite, qualquer que fosse a hora e o cansaço dele. Ela queria dar ao pai mais uma chance de se abrir com ela e contar sobre o seu passado um tanto secreto.

Quando Ryan chegou em casa, perto das 23 horas, dona Eleanor já estava em seu quarto, mas Lisa estava esperando por ele na sala.

—Oi, pai.

—Oi, Lisa. Tudo bem?

—Eu fui ver o túmulo da minha mãe hoje. Pela primeira vez — disse, numa tacada só, sem perder tempo com enrolação.

Ryan olhou assustado para ela e começou a se dirigir para a cozinha. Sem saber o que dizer, ele

disse algo bem aleatório.

—Não sabia.

—Na lápide estava escrito que Claire estava enterrada lá com sua amada filha — continuou Lisa, sem abrir mão da forma direta e objetiva.

Ryan abriu a geladeira e começou a fingir que estava procurando algo ali dentro. Mas o que ele procurava mesmo era uma forma de sair daquela conversa ileso.

—Estranho, né? — continuou Lisa.

—Muito estranho mesmo.

Silêncio.

Então, Lisa foi para o tudo ou nada:

—Eu sou mesmo filha da Claire?

Ryan fechou a porta da geladeira, olhou para ela assustado e respondeu com a voz vacilante:

—Lógico que é. Que pergunta é essa?

—Se eu sou a filha dela, por que estava escrito aquilo na lápide?

—Não me lembro muito bem. Acho que erraram.

—Erraram?

—Erros acontecem. Erraram e depois consertaram. Vai entender.

—Hum. Um erro grave.

—Só posso te dizer que você é minha filha e da Claire. Esqueça isso — concluiu Ryan, dizendo tecnicamente a verdade.

Lisa ficou olhando para ele, aguardando uma explicação mais convincente, mas ele não ficou diante dela por muito tempo. Como se o assunto estivesse definitivamente encerrado para sempre, Ryan foi saindo da cozinha, sem olhar para trás.

Lisa foi para o seu quarto irritada. Sabia que de seu pai não obteria nenhuma informação sincera.

32

OUTRA TENTATIVA

No dia seguinte, quando voltou na escola, Lisa ligou para Anne na esperança de conseguir convencê-la a dizer a verdade sobre aquela estranha confusão.

Sabendo que Anne estaria em casa na hora do almoço, Lisa ligou para ela:

—Oi, mãe.

—Oi Lisa, você está bem? — perguntou, imaginando que aquela ligação fosse um desabafo sobre a morte do avô.

—Estou sim.

E foi direto ao assunto.

—Ontem eu fui no cemitério.

—Cemitério?

—Onde está a Claire, o Eric e a sua filha.

—Por quê? — perguntou Anne, sem saber o que perguntar.

—Porque ela é minha mãe. Ou não é?

Surpresa com a pergunta e com o tom de voz de Lisa, Anne ficou sem reação.

—O engraçado é que na lápide estava escrito que a Christie, amada filha da Claire, tava lá enterrada também.

Anne continuou muda. O suor já cobria sua testa.

—Eu sou sua filha?

—Como assim? — falou Anne, finalmente.

—Se a filha da Claire morreu — disse, em tom de suspense.

—Não dê atenção pra isso. É lógico que você é a filha da Claire — disse, tentando forçar uma risada para que aquela suposição fosse tida como absurda e engraçada. E continuou:

—Foi tudo muito confuso logo após o acidente. Quando avisamos sobre a falha, o próprio cemitério se encarregou que colocar a placa em cima com as informações corretas.

Ainda mais irritada com o jeito dissimuladamente irônico de Anne, Lisa foi mais fundo:

—A senhora tem certeza? Porque teve também aquele jornal que falou a mesma coisa. Um amigo meu disse que a mãe também achou estranho eu

PERIGOSAS NACIONAIS

estar viva.

—Tenho certeza absoluta. E chega dessa conversa estranha. Não faz uma semana que enterramos seu avô. Nem consigo pensar direito.

Mas Lisa não se intimidou com aquela espécie de chantagem emocional.

—A senhora tem certeza de que não teve um caso com meu pai?

—Com o Ryan? — gaguejou Anne.

—Sim.

—Nossa, que ideia. Lógico que nunca tive um caso com o Ryan.

—Tá bom, então. Eu vou te deixar em paz.

Naquele mesmo dia, após aqueles questionamentos de Lisa, Anne ligou para o celular de Ryan e eles discutiram como não faziam há muito tempo.

—A Lisa foi no cemitério e viu a inscrição original da lápide — disse Anne, quase atropelando as palavras nervosas.

—Eu sei.

—E o que você falou pra ela?

—Falei que erraram no cemitério. E você?

—Falei mais ou menos isso também.

PERIGOSAS ACHERON

—Mas eu devia ter contado a verdade — disse Ryan, em tom ameaçador.

—Não. Não pode fazer isso.

—Por que não?

—Porque ela não sabe de nada.

—Será? Eu deveria ter contado — esbravejou.

Irritada, Anne arriscou:

—Então por que não contou?

—Porque eu não tive coragem de confessar que engano ela há tantos anos — disse Ryan, aumentando o tom da voz.

—É justamente por isso que não vamos contar nada. Ela aceitou minha explicação. E nós dois falamos a mesma coisa — disse Anne, ocultando o fato de que Lisa desconfiava de um caso extraconjugal entre eles.

Ryan desligou o telefone e deu dois socos rápidos na mesa. O colega de trabalho que passava pela porta de sua sala se assustou, mas Ryan nem se importou. Ninguém poderia estar mais assustado do que ele.

Sua vontade era a de chegar cedo em casa e ter uma conversa séria e sincera com a filha, a conversa que ele havia adiado por tantos anos. Mas não demorou muito para ele voltar atrás naquela

decisão aparentemente sensata. Com medo de revelar que havia mentido para ela por tantos anos, Ryan acabou aceitando a decisão de Anne, mais uma vez.

33

A PRIMEIRA PÁGINA

Anne chegou mais cedo em casa naquela tarde. Ela estava angustiada. A lembrança da conversa que havia tido com Lisa naquele dia havia colocado seus nervos novamente à flor da pele. Quando suas unhas já estavam todas roídas e ela já não aguentava mais andar pela casa, falando sozinha, ela resolveu fazer algo que desviasse a sua atenção daquele assunto. Algo que havia começado no dia anterior e que tinha programado para continuar naquela noite.

Pegou o envelope que havia encontrado na gaveta do pai e sentou-se na cama. Ao retirar de dentro dele o maço de papéis, Anne sentiu uma estranha sensação de ansiedade. Segurando a primeira página com as duas mãos, ela leu a primeira página:

“Eu não deveria colocar o que sinto no papel. Deveria esconder tudo dentro de mim.

E implodir. Para que não sobrasse nada. Nem segredos, nem remorso, nem sofrimento.

Nem amor.

Nem eu mesma.

Mas preciso desabafar. Se não me permito pronunciá-las, que sejam palavras escritas.

Palavras que escreverei para você. Como cartas que jamais serão enviadas. Lerei apenas para mim, numa leitura silenciosa e solitária.

Quem sabe, lendo meus sentimentos, eu consiga entendê-los e aceitá-los.

Talvez, ouvindo minhas próprias palavras mudas, eu consiga perdoar a mim mesma.”

Quando chegou ao final, Anne estava tão entretida com aquelas frases em tom confessional que nem percebeu a chegada de Bruce, que já estava dentro do quarto.

—O que você está lendo de tão interessante?

Anne levou um susto.

—Já chegou? Nem te ouvi.

—Vim mais cedo hoje. Você está bem?

Colocando os papéis de lado, Anne olhou para

Bruce que se aproximava dela para lhe dar um beijo nos lábios.

—Tudo bem — mentiu, não querendo preocupá-lo com a conversa que havia tido com Lisa a respeito da visita ao cemitério.

Tirando a gravata, Bruce questionou novamente sobre a leitura interessante que estava distraindo a esposa quando ele chegou.

—O que é isso que está lendo?

—Não sei. Peguei no escritório do meu pai. Acho que eram para aquele livro de adultério que ele escreveu faz tempo.

—Deve ser velho mesmo — disse Bruce olhando para o papel e identificando os tipos da máquina de escrever.

—Me lembro que na época eu não gostei do livro. Acho que não vou gostar dessas anotações também— respondeu Anne, sem citar que o desconforto se devia ao fato dela ter se identificado com a protagonista arrependida e sofredora daquela página datilografada.

—Enquanto você toma banho eu vou preparar o jantar — disse Anne, guardando os papéis de volta no envelope.

Suspeitando de que aquele não seria um bom

PERIGOSAS NACIONAIS

momento para ler algo que a lembraria de seus deslizes do passado, Anne guardou o envelope e se esqueceu dele por um tempo.

PERIGOSAS ACHERON

34

A JORNALISTA

Apesar de triste pela perda inesperada de seu querido avô, Lisa estava preenchendo seus dias com outra preocupação. Embora tivesse fingido ter aceitado as explicações insuficientes dos pais e não ter mais tocado no assunto com eles, sua investigação estava indo de vento em popa.

Ainda naquela semana, após conversar com sua parceira de investigação, Emily, Lisa pesquisou na internet o e-mail da jornalista do Warren News que havia aparecido no enterro do avô interessada em fazer uma matéria sobre ele. Assim que encontrou o endereço eletrônico, ela digitou uma mensagem para ela.

“Senhora Jane,

Aqui é Lisa Miller Green, neta do escritor John

PERIGOSAS NACIONAIS

Miller. Nós nos falamos no enterro do meu amado avô.

Peço desculpas pelo estado emocional de minha avó. Ela está sofrendo muito com a perda repentina.

Sei que já deve ser tarde para oferecer minha ajuda para o desenvolvimento da matéria que a senhora gostaria de escrever sobre ele.

Nem sei se publicou algo sobre a morte dele. Em caso afirmativo, a senhora pode, por favor, me enviar uma cópia por este e-mail?

Obrigada

Lisa”

Desligou o computador, deitou-se em sua cama e esperou o sono chegar.

PERIGOSAS ACHERON

35

AS RESPOSTAS

Demorou quase uma semana para Lisa receber a resposta da jornalista do Warren News. Quando o e-mail chegou à sua caixa de mensagens, Lisa ficou apreensiva e irrequieta. Ao abri-lo, leu:

“Bom dia Lisa,

Desculpe a demora em responder. Desejo que você e sua família estejam bem.

Eu fiz uma matéria sobre seu avô e desejo que seja do seu agrado e de todos aqueles que gostavam do senhor John e admiravam o seu trabalho.

A matéria foi divulgada na edição segunda-feira do jornal. Envio uma cópia em anexo.

Abrço

Jane”

Ao abrir o anexo, Lisa viu uma pequena matéria sobre o avô, falando em especial sobre suas obras e sobre sua morte repentina. Como aquele primeiro e-mail era apenas um pretexto para iniciar o contato com a jornalista, Lisa redigiu uma nova mensagem naquela mesma noite:

“Querida senhora Jane,
Gostei bastante da matéria. Muito obrigada.

A senhora disse no cemitério que conversou com a minha mãe anos atrás. A senhora fez uma matéria sobre o acidente aqui na Inglaterra?

Se a senhora tiver esta matéria, pode me enviar, por favor? Procurei na internet, mas não encontrei nenhum registro.

Muito obrigada.
Lisa”

A resposta a este segundo e-mail chegou no dia seguinte.

“Bom dia Lisa,

Eu conversei com sua mãe assim que ela voltou da Inglaterra, sim. Eu estive na casa de sua avó na época, quando amigos e familiares enchiam a casa

dela para consolar sua família.

Consegui falar com a Anne muito rapidamente, ela segurava você no colo e estava muito abalada. Foram poucas palavras porque ela disse que precisava amamentar você.

Não tenho mais nenhuma lembrança para te contar. Apenas a matéria que fiz na época.

Um forte abraço, Jane”

Anexada ao e-mail, a jornalista mandou uma cópia de um recorte de jornal com a matéria que ela havia feito no início de 1990 e à qual Lisa nunca tivera acesso. Na matéria, Anne aparecia com o bebê no colo. No texto, havia uma citação em que ela dizia: “O que importa agora é que minha filha está viva.”

Diante daquele e-mail, Lisa se sentiu ainda mais perdida, ainda mais traída, ainda mais sozinha. Nos minutos que se seguiram à leitura daquele e-mail, ela teve a sensação de estar se dissolvendo.

36

AS CERTIDÕES

Lisa não parecia duvidar muito da intuição que aos poucos estava sendo confirmada, mas restavam ainda muitas dúvidas. Muitas perguntas ainda a atormentavam: por que em algum momento resolveram dizer que ela era filha de Claire, desmentindo os jornais, a memória de algumas pessoas e até a lápide no cemitério? Por que haviam mentido para ela? E a pergunta que mais deixava seu peito apertado: por que, sendo sua mãe legítima, Anne havia aberto mão de sua guarda e permitido que Ryan a levasse para morar com ele na Inglaterra?

Mesmo sabendo que suas investigações não responderiam a todas as suas perguntas satisfatoriamente nem definitivamente, Lisa

determinou o passo seguinte: ir ao cartório onde ela e Christie haviam sido registradas.

Por telefone, Lisa informou a Emily a sua nova intenção:

—Em, nós precisamos ir no cartório.

—Cartório?

—Vou pedir a minha certidão de nascimento.

—Mas você não tem a sua certidão?

—Tenho, Em. Mas é aquela simples, não traz muitas informações. Pesquisei e sei que existe outra, mais completa.

—E quais informações você acha que vai ter nessa aí?

—Meu pai disse que a Anne assumiu a minha maternidade depois da morte da minha mãe. Se isso for verdade, o nome da Claire deve aparecer nessa certidão completa.

—Sim. Deve ter essa alteração sim. Lisa, você é um gênio.

—E vou pedir a da minha prima também. A de óbito.

Após a aula, as amigas foram juntas até o cartório onde a certidão de Lisa havia sido emitida quase 17 anos antes. Lisa fez o requerimento de sua certidão em inteiro teor e da certidão de óbito de

sua prima Christie. Dentro de poucos dias, elas poderiam retornar para buscar as certidões.

Lisa e Emily aguardaram ansiosas pelo dia do retorno. Quando finalmente voltaram ao cartório, elas nem esperaram chegar até a rua para lerem os documentos recém-conquistados.

Rapidamente, as provas que elas buscavam se tornaram evidentes. Na certidão de Lisa, alguns trechos deixaram claro que quando Lisa estava prestes a completar 5 anos, Ryan assumiu sua paternidade:

“No dia 15 de novembro de 1994, o requerente senhor Ryan Green compareceu a este cartório munido de documento judicial que atesta a paternidade de Lisa Miller Richard.

Lisa passa a assinar como Lisa Miller Green.

Lisa e Emily se entreolharam em silêncio. Mas o silêncio durou pouco.

—Não foi a Anne que assumiu minha maternidade depois do acidente. Ela é minha mãe legítima desde o meu nascimento.

Lisa engoliu saliva, respirou e continuou:

—Foi o meu pai que assumiu a minha paternidade só alguns anos depois. Mas por quê? Que documentos judiciais são esses?

Sem que Emily pronunciasse uma só palavra, Lisa continuou despejando seu repertório de forma ansiosa e inquieta:

—Na verdade eu sempre achei estranha aquela história da Anne ter assumido minha maternidade legalmente depois da morte da minha mãe, quer dizer, da Claire — disse Lisa, balançando nervosamente os papéis que estavam em sua mão.

—É — disse Emily, saindo timidamente do silêncio.

Não havia mais dúvida, elas tinham a certeza de que Ryan e Anne haviam tido um caso extraconjugal e de que Lisa era fruto daquela terrível traição.

Ainda dentro do cartório, leram a certidão de óbito que atestava a morte de Christie Miller Green, filha de Claire Miller Green e Ryan Green no dia 1 de dezembro de 1989.

Quando saíram, elas caminharam por algumas quadras tão distraídas com seus pensamentos que acabaram passando o ponto onde pegariam a condução para suas casas. Mas nenhuma das duas

PERIGOSAS NACIONAIS

se importou em caminhar um pouco mais. Em total silêncio. Eram tantas as coisas que passavam por suas cabeças que não havia espaço para conversa.

Quando se despediram, Lisa deu um forte abraço na amiga como se com aquele gesto encerrasse a missão que as havia unido ainda mais.

Naquela noite, Lisa não precisou de sonhos ou pesadelos reveladores. Ainda acordada, tentando juntar os fragmentos de sua vida despedaçada, ela se lembrou, quase nitidamente, do dia em que Anne e Ryan a levaram para aquele piquenique no parque em Warren com o objetivo de revelarem a ela a paternidade de Ryan e convencê-la a fazer uma viagem com ele para um lugar bonito e desconhecido. Ela teve a certeza de aquela experiência não havia sido um pesadelo, como o pai a fizera acreditar. Como se sua memória a transportasse no tempo, Lisa pôde vivenciar novamente a sensação de medo e insegurança que aquelas palavras ditas de maneira desajeitada e ansiosa causaram nela quando ela ainda era uma criança. Lisa chorou como se tivesse novamente quatro anos de idade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

37

OS NOVOS VIZINHOS

Desde que descobriu a primeira pista de que algo estava muito errado, durante a visita ao cemitério onde Claire estava enterrada, até a descoberta da pista final, quando teve em suas mãos a sua própria certidão de nascimento, Lisa enfrentou um período muito complicado, cheio de ansiedade, mágoa, tristeza e raiva.

A cada nova descoberta que confirmava suas suspeitas, Lisa se sentia enganada por seus parentes dissimulados e infiéis. E quando os questionava e percebia que eles continuavam mentindo para ela, Lisa se sentia duplamente traída. Como sabia que ninguém estava disposto a se abrir com ela e a confessar seus deslizes e mentiras, Lisa se fechou em si mesma.

Foram tantos acontecimentos, revelações e emoções concentrados em um curto espaço de

tempo que Lisa repentinamente sentiu como se o chão sob seus pés tivesse desaparecido. De uma hora para outra, ela já não sabia mais quem ela era.

Providencialmente, um acontecimento a ajudou a desviar um pouco a sua atenção de seus problemas e de suas mágoas familiares.

Um dia, quando estava voltando da escola, ela percebeu uma movimentação anormal na residência que ficava a duas casas de distância da sua. Eram os novos vizinhos recebendo a mudança.

Lisa passou em frente à casa com o passo vagaroso e esticou o pescoço para dentro para ver se obtinha alguma informação sobre os novos moradores. Viu apenas várias caixas jogadas no centro da sala e ouviu a voz de uma mulher que dava instruções a alguns homens na cozinha. Continuou caminhando.

Quando começou a abrir a porta de sua casa, ouviu uma voz vindo da casa recém-comprada.

—Olá, vizinha.

—Olá — respondeu Lisa, com um breve aceno de mão.

Antes que Lisa entrasse em casa, o rapaz começou a se aproximar. Assim que chegou perto, ela pôde reparar bem os dois *piercings* de argola

PERIGOSAS NACIONAIS

que ele trazia na sobrancelha direita e o cabelo loiro repuxado para trás. Ele estendeu a mão para ela e se apresentou:

—Sou o Connor.

—Lisa, meu nome é Lisa. Vocês serão nossos vizinhos, certo?

—Sim. Estamos trazendo nossas coisas. No final de semana a gente se muda de vez.

—Então sejam bem-vindos — disse Lisa, encantada com o jeito despojado e interessante do novo vizinho.

Ela achou tudo ainda mais interessante quando ele arregaçou uma das mangas e ela pôde ver uma colorida tatuagem de serpente subindo pelo seu pulso e indo parar sabe-se lá onde.

—No outro sábado vou dar uma festa para inaugurar a casa. Você vem? — disse, dando uma piscadinha para ela.

—Sim. Vou sim — respondeu, com um sorrisinho e um leve balançar de cabeça.

Naquele instante, a mãe de Connor, saiu de dentro da casa e, ao ver os dois conversando, se aproximou. Agitada, ela se apresentou como Grace, chamou o filho para ajudá-la e se despediu apressada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas Connor não parecia interessado em atender ao chamado da mãe.

—Você mora com seus pais?

—Meu pai e minha avó. E minha cadela.

—Meu pai você não deve conhecer tão cedo. Estão separados. Ele mora na Alemanha. Família, sabe?

—Sei. Família. Sei bem.

Grace, que esperava que o filho estivesse vindo atrás dela, se virou para trás e o chamou mais uma vez, ainda mais agitada, ainda mais ansiosa. Connor e Lisa preferiram deixar a conversa para outro dia.

Quando Lisa entrou em casa, a avó perguntou com quem ela estava conversando, e ela contou brevemente sobre seu encontro com os novos moradores da casa amarela.

—E sobre o que vocês tanto conversavam? — perguntou dona Eleanor.

—Sobre família. A dele também é complicada.

A avó olhou para ela, confusa, sem entender nada. Mas já soube na hora que o tal vizinho da casa amarela não seria boa companhia.

PERIGOSAS ACHERON

38

A FESTA

Faltavam poucos minutos para Lisa sair para a festa na casa amarela, quando o pai apareceu em seu quarto.

—Não está frio pra essa roupa?

—Não, vai estar quente lá.

—Hum.

—Você vem que hora?

—Não começa, pai. Já tenho quase 17 anos.

—Por falar nisso, falta menos de um mês pro seu aniversário. O que você vai fazer?

—Nada.

—Nada?

—Ninguém está com cabeça pra festa.

Olhando para a filha que estava prestes a ir a uma festa de alguém que ela mal conhecia, foi difícil não julgar que aquela afirmação não fazia sentido algum.

—Não vai chamar a Anne?

PERIGOSAS NACIONAIS

—Já vou viajar com eles no Natal. No meu aniversário não vou fazer festa — disse, pegando seu estojo de maquiagem e se direcionando a um espelho.

—Precisa avisar logo pra eles — disse Ryan, provavelmente com receio de que eles comprassem as passagens e aparecessem de qualquer maneira, com festa ou sem festa.

—Já avisei.

—Você que sabe. Sua avó vai fazer o bolo de nozes.

Lisa continuou fazendo sua maquiagem e, talvez por estar passando batom naquele momento, ela nem respondeu.

—Não volte pra casa tarde — alertou o pai novamente enquanto deixava o quarto da filha.

Apesar de não terem sido convidados para a tal festa, Ryan e dona Eleanor puderam acompanhar, a duas casas de distância, todo o repertório musical do agitado encontro juvenil.

O rock pesado que ressoou por quase toda a noite, foi deixando Ryan cada vez mais irritado. Mas nada o enfurecia mais do que as baladinhas românticas que, vez ou outra, interrompiam o som

PERIGOSAS ACHERON

agitado.

Pouco antes da meia-noite, dona Eleanor foi para o seu quarto, suspeitando que o filho não suportaria aquela festa por muito tempo. E ela estava certa. Às duas horas da madrugada, ele colocou seu casaco e deu alguns passos apressados e firmes até a casa amarela.

Tocou a campainha insistentemente, até que um jovem abriu a porta.

—Connor? — perguntou Ryan, quase bufando.

—Frank.

—Você pode me chamar a Lisa? Lisa Miller.

O rapaz, que segurava uma garrafa de cerveja, deu um gole longo na bebida, olhou para dentro e voltou a olhar para Ryan.

—Vai ter que procurar.

Ryan afastou o rapaz sem muita delicadeza e aceitou rapidamente a sua sugestão. Além do som ensurdecador, do qual Ryan já tinha conhecimento, ele percebeu que ali havia jovens demais, bebida demais e cigarro demais. E Lisa, que fazia parte de todo aquele assombroso contexto, logo surgiu do meio da fumaça em sua direção.

—O que o senhor faz aqui? — perguntou, irritada.

—Fazíamos, porque estamos indo embora.

—Eu não vou sem antes me despedir do Connor.

—Estou lá fora. Vou esperar um minuto.

Lisa não precisou vasculhar pela casa à procura de Connor. Ele estava logo atrás dela, fumando e questionando a sua pressa em ir para casa.

—Seu pai não quer ficar?

Lisa deu uma risada quase escandalosa, um beijo no rosto do novo vizinho e saiu.

Ryan estava furioso. Lisa também. Enquanto davam os poucos passos que separavam uma casa da outra, se agrediram verbalmente.

—Precisava vir me buscar? Que vergonha.

—Você deveria estar com vergonha de outras coisas — disse Ryan, aumentando o tom de voz.

—Por exemplo?

—De suas amizades. De suas atitudes.

—Minhas atitudes? — gritou Lisa, se segurando para não cobrar dele explicações plausíveis para as suas próprias atitudes.

Já em casa, a discussão continuou.

—Não gostei muito do jeito desse Connor.

—Eu também não tenho gostado de muita coisa.

—O que você quer dizer com isso? Sempre fizemos tudo o que você quis — continuou Ryan,

PERIGOSAS NACIONAIS

em tom ainda mais agressivo.

—Talvez devessem ter me perguntado o que eu realmente queria — gritou Lisa, entrando em seu quarto e batendo a porta com força.

Ryan cogitou abrir a porta e dar continuidade à discussão, mas achou melhor ir para seu quarto.

Naquela noite, ninguém dormiu. E a culpa não foi do rock and roll que rolou quase a madrugada inteira.

PERIGOSAS ACHERON

39

AS PAZES

Na manhã seguinte, Lisa demorou para sair do quarto. Quando finalmente apareceu na cozinha, estava toda arrumada para sair. Mal tomou seu café, quando tocou a campainha. Era Emily, sua melhor amiga.

Ryan, que estava na poltrona da sala lendo seu jornal, nem ousou questionar seus planos para aquele dia. Na verdade, ao ver que era Emily à porta, ele ficou até aliviado.

Durante o dia, Lisa e Emily foram ao shopping, ao cinema, almoçaram numa lanchonete e jantaram na casa da amiga. Já eram quase 21 horas quando Lisa voltou para casa. A avó já estava em seu quarto e lá permaneceu. Queria que Ryan estivesse sozinho para conversar com a filha e, na melhor das hipóteses, fazer as pazes com ela.

Assim que Lisa entrou em casa, o pai se ajeitou

PERIGOSAS NACIONAIS

no sofá e olhou para ela. Então, ela se sentou na poltrona e ficou em silêncio.

—Não gosto de discutir com você — disse Ryan.

—Também não.

—Você sabe que errou.

—Não fiz nada de errado naquela festa.

—Eu sei. Confio em você.

—Nós somos uma família. Precisamos confiar uns nos outros. Quem confia não mente — disse Lisa, olhando diretamente nos olhos do pai.

Ryan desviou o olhar. Surpreso com aquela afirmação, sentiu como se ela estivesse aproveitando a oportunidade para cobrar dele toda a sinceridade que ele havia negado a ela durante todos aqueles anos. Levantando-se da poltrona, ele tentou se justificar, apesar de não saber exatamente do que ela o acusava:

—Nem sempre a vida é fácil.

Silêncio.

—Concordo.

—Ótimo.

—Ótimo.

—Boa noite, filha.

—Boa noite, pai.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

40

A DESCOBERTA

Já era início de outubro quando Anne sentiu vontade de retomar a leitura dos papéis que ela havia encontrado na gaveta trancada de seu pai. Talvez porque não quisesse pensar na morte dele ou talvez por suspeitar que aquelas anotações a lembrariam de seus próprios deslizes, Anne passou alguns meses sem tocar naquele envelope.

Mas naquele dia, quando foi guardar na gaveta de seu criado-mudo um livro que havia acabado de ler, Anne se deparou novamente com aquele envelope pardo. Diferentemente das vezes anteriores, ela não refreou o seu desejo de dar seguimento à leitura daquela espécie de ensaio que seu pai teria escrito muitos anos antes. Pegou o envelope e retirou de dentro dele o fino maço de papéis datilografados.

Após reler a primeira página, que trazia uma espécie de confissão desesperada, Anne virou a folha e começou a ler a página seguinte que parecia mais uma carta escrita pela personagem traidora ao seu amante.

Aqueles primeiros parágrafos reiteraram a suspeita de Anne de que aquelas páginas seriam realmente um tipo de estudo para a criação do tal livro baseado em uma relação adúltera. Mesmo sem muito interesse, ela continuou lendo.

Enquanto avançava os parágrafos, Anne foi sentindo um incômodo inexplicável, que aumentava a cada página que ela virava. Era uma sensação estranha que ela ainda não conseguia decifrar muito bem. Em muitos momentos, Anne cogitou abandonar aquelas folhas, em outros, o ritmo de sua leitura aumentou juntamente com o ritmo das batidas de seu coração. Quando chegou ao final, ela já não conseguia negar que aquelas anotações tinham muito mais relação com a vida real do que com a ficção.

Releu cada página uma, duas, três vezes. Passou os olhos freneticamente por cada parágrafo. Releu cada palavra em voz baixa e em voz alta. Grifou os principais trechos daquela quase dezena de páginas.

PERIGOSAS NACIONAIS

De repente, as palavras ganharam voz. E foi como se cada fragmento começasse a dançar na sua frente.

“No início, eu imaginei que fosse coisa de criança. Criança mimada. Confesso.”

“Eu sempre fui acostumada a ter tudo. E todos. Como eu poderia não ter a sua atenção? Por que ela e não eu?”

“Quando ela se afastou, eu sabia que você se aproximaria de mim. Não posso dizer que planejei. Mas preciso confessar que desejei. Desejei muito que você a trocasse por mim.”

“Hoje eu me culpo por ter roubado aquele beijo. Mas aquilo pareceu tão natural que eu não me senti culpada.”

“O retorno de vocês me provou o quanto na verdade nós estávamos distantes um do outro. E aquilo me fez sentir raiva de vocês.”

“O casamento de vocês foi um sofrimento muito

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

grande para mim. Eu queria impor minha vontade e contar tudo. Ir até o fim.”

“Confesso que quando pensei em trazer vocês comigo eu não pensei nas consequências. Eu fui impulsiva.”

“Aqueles dias que você passou conosco por conta daquela entrevista não saem da minha memória.”

“Eu não tinha me dado conta do quanto eu te amava até ter você morando ali, junto comigo.”

“Só eu sei o quanto foi difícil para mim. O quanto eu tentei evitar. E sei que você também tentou.”

“Quando ela engravidou meu mundo caiu. Não entendi porque quis ir embora. Porque optou por ela.”

“Quando eu descobri minha gravidez. E eu sabia que não era sua, eu entendi sua posição e concordei.

Não sei se você leu aquela carta. Nunca falou nada.”

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

“Quando descobri que ela estava tendo um caso eu cometi um dos meus maiores erros. É uma das coisas das quais eu mais me arrependo. Te mandar aquelas fotografias, foi cruel demais. Como eu me arrependo.”

“Hoje, prestes a dar à luz um ser tão inocente. Prestes a me tornar mãe. Eu percebo o quanto errei. Como eu queria voltar no tempo. Como eu queria que nada disso tivesse acontecido.”

PERIGOSAS ACHERON

41

A RAIVA

Quando finalmente conseguiu tirar os olhos daquelas páginas, Anne estava transtornada. Sua respiração estava ofegante, seu corpo todo tremia, seu olhar era de desespero. Mas ela não chorava.

Então, ela se levantou da cama e foi até seu armário. Enfiou a mão atrás de algumas caixas e pegou a pasta do Eric que Ryan havia dado a ela no dia de Natal. Abriu a pasta e buscou com os olhos arregalados e as mãos trêmulas o pequeno envelope que continha as fotografias dela com Bruce. Olhou para aquelas poucas imagens diversas vezes. Ela sabia que haviam sido feitas no evento do Clube do Livro, no dia em que Claire havia descoberto a relação adúltera que ela mantinha com Bruce.

Voltou sua atenção novamente para os textos e leu novamente, lentamente, como se quisesse ter a certeza absoluta do que estava diante de seus olhos:

“Quando descobri que ela estava tendo um caso eu cometi um dos meus maiores erros. É uma das coisas das quais eu mais me arrependo. Te mandar aquelas fotografias, foi cruel demais. Como eu me arrependo.”

Então, as lágrimas que estavam represadas vieram à tona. E Anne chorou desesperadamente por vários minutos. Primeiro sentiu raiva, depois sentiu ódio.

Ao ver suas fotografias ao lado de Eric, ela começou a rasgar uma a uma. Rasgou as fotografias dela com Eric, rasgou as fotografias de Eric com a família, rasgou o exame de gravidez, rasgou o exame de ultrassom, rasgou as fotografias dela com Bruce, rasgou a pasta.

Sentiu raiva de Claire, sentiu raiva de Eric, sentiu raiva do pai por ter omitido aquela traição, sentiu raiva de si mesma.

Depois rasgou aquela dezena de páginas, uma a uma. Rasgou também a caderneta velha do pai, arrancando cada página costurada com violência. Quando sobrou somente a capa dura, ela precisou de uma tesoura. Quando já não tinha mais nada ali

no quarto para rasgar, ela foi até o escritório e rasgou os dois livros que tinham sido escritos por Claire e que ela guardava com orgulho na estante. Pegando cerca de dez folhas por vez, ela as puxou com força e as rasgou ao meio e depois ao meio de novo. Então, rasgou os livros do pai. Um a um, utilizando a mesma técnica destrutiva. Ao final, estava com as mãos marcadas e os dedos doloridos. Mas nada doía mais do que seu coração, completamente despedaçado.

Jogou tudo no lixo antes de Bruce chegar. Lavou o rosto. Arrumou o quarto. Tomou um banho e fez o jantar com capricho.

Quando Bruce chegou em casa, Anne estava na cozinha, terminando de colocar os pratos na mesa. Não fossem os olhos ainda inchados e as mãos um pouco vermelhas, Bruce poderia até crer que ela estava aceitando muito bem a perda do pai. Mas, graças às evidências que ela não pôde camuflar, foi inevitável que ele se preocupasse com a aproximação de uma nova crise.

Mas a crise que ele previa não chegou naquele dia, nem naquela semana, nem naquele mês. Na verdade, ela nunca mais apareceu. A depressão baseada na culpa e na tristeza não se encaixava

naquele novo cenário. A sua reação daquela vez foi de raiva e agressividade.

Durante o dia, Anne parecia forte, segura e confiante. Evitava ao máximo pensar no assunto, renegando tudo que a fizesse se lembrar da irmã, do ex-marido, do pai e daquela terrível descoberta. Algumas vezes a sua indiferença a assuntos familiares era tanta que dona Laura chegava a imaginar que ela tivesse tido uma amnésia repentina. Talvez a mesma amnésia que a havia acometido logo após o acidente.

Mas a verdade é que durante o sono, Anne perdia o controle de seus pensamentos e de suas emoções. Não foram poucas as noites em que ela teve pesadelos terríveis que traziam à tona os tais acontecimentos que ela se esforçava tanto para negar e esquecer durante o dia.

Em alguns pesadelos ela se via sozinha dentro de um quarto escuro, quase nua. Ela enxergava a porta aberta e uma luz fraca na parte externa, mas não conseguia sair dali. Não havia correntes em suas pernas, nem mordaca em sua boca. Mas ela não conseguia se mover, nem gritar.

Outro pesadelo frequente a remetia àquela mesma praia da infância, onde costumava passar as

PERIGOSAS NACIONAIS

férias com a irmã. Mas nos sonhos recentes, após afogar Claire da mesma forma como ela já fazia nos sonhos pretéritos, quem aparecia deitada na areia, sendo coberta pelas ondas do mar era Lisa. Estes pesadelos eram os que mais desafiavam a força e a segurança de Anne no dia seguinte.

Eric também se fazia presente com frequência enquanto Anne dormia. Mas não eram pesadelos. Ela sempre os via felizes, correndo de mãos dadas por lindos campos floridos, nos quais eles nunca estiverem. Compartilhando uma sensação de felicidade intensa, muito superior à que eles realmente tiveram.

Mas, assim que colocava os pés para fora da cama era como se ela se esquecesse instantaneamente de todas aquelas imagens e sentimentos que haviam agitado a sua noite de sono.

E a Anne, forte e segura, iniciava um novo dia.

PERIGOSAS ACHERON

42

QUEM NÃO SABIA

Anne demorou algumas semanas para contar sobre sua terrível descoberta ao marido. Nem ela mesma sabia explicar o porquê de não ter sido sincera desde o início, o porquê de não ter desabafado com ele e não ter pedido ajuda para superar aquela trágica realidade.

Mas o silêncio um dia acabou. E acabou de uma maneira bastante inusitada. Eles estavam prestes a entrar em uma sessão de cinema, já com os bilhetes em mãos, se dirigindo ao acesso às salas de projeção, quando Anne apertou mais forte a mão do marido e falou de supetão:

—Eles estavam tendo um caso.

—Quem? Do que você está falando?

Anne olhou para ele com os olhos molhados. Bruce a levou para um canto onde havia alguns bancos e lá se sentaram.

—O que foi, Anne? — perguntou Bruce, assustado.

—A Claire e o Eric — disse Anne, com a voz e os olhos baixos.

Bruce só a observava.

—Eles estavam tendo um caso — ao pronunciar aquela frase pela primeira vez em voz alta, Anne sentiu um aperto no peito.

—Como assim? — perguntou Bruce, tentando encontrar os olhos da esposa.

Anne deu um suspiro profundo, como se pegasse fôlego para contar tudo de uma só vez. Olhou para Bruce e contou tudo o que sabia. Falou sobre sua descoberta, sobre sua reação violenta, sobre seus pesadelos, sobre o que estava sentindo.

Já Bruce, não falou nada. Só abraçou a esposa e a deixou chorar.

Após se abrir com o marido, Anne cogitou contar tudo para Ryan também. Talvez por querer compartilhar com ele a sua dor, talvez por querer que ele sentisse raiva de Claire, talvez por querer que ele a visse como uma pessoa melhor do que a irmã. Mas, desistiu da ideia. Sabia que já havia sido responsável por muito sofrimento na vida de Ryan

e não queria ser a portadora de mais aquela terrível notícia.

Porém, não era preciso que ela lhe contasse nada. Ele havia descoberto aquela sórdida traição muito antes dela.

43

QUEM JÁ SABIA

Ryan não precisou ouvir da boca de Anne sobre o imoral relacionamento entre Claire e Eric. Ele já havia descoberto sobre a traição muitos anos antes, no dia seguinte à festa de aniversário de 5 anos de Lisa.

Naquele domingo de 1994, quando dona Eleanor foi para seu quarto ansiosa para esconder em seu armário a carta recém-descoberta, Ryan apareceu na sala e encontrou Lisa chorando e Peter latindo. Sem entender o que estava acontecendo, ele se ajoelhou à sua frente e perguntou:

—O que foi, filha? Por que está chorando?

—A bolinha caiu aqui embaixo de novo — respondeu Lisa, apontando para o pé da estante.

Chorando, talvez mais pela atitude desinteressada da avó do que por não ter

recuperado seu bolinha, ela continuou:

—Eu pedi pra vovó, mas ela não me ouviu.

—Cadê a sua avó?

—Não sei, ela tava lendo uma carta que tava aí embaixo e nem me ajudou a pegar a bolinha — respondeu a pequena Lisa, enxugando as próprias lágrimas.

Ryan, então, pegou a vassoura que estava encostada no móvel e recuperou a bolinha de Lisa.

—Pronto, aqui está.

Lisa pegou a bolinha e jogou para Peter, que saiu correndo atrás da esfera, latindo e abanando o rabo.

—Agora vá tomar seu banho que a Anne já vai chegar — disse Ryan.

Naquele momento, dona Eleanor entrou na sala e tentou disfarçar a surpresa por ter encontrado Ryan ali com Lisa. Mas foi impossível Ryan não notar que ela estava pálida e desconfortável com alguma coisa.

Ryan pensou em questioná-la sobre a carta à qual Lisa havia se referido, mas mudou de ideia. Suspeitando que havia algo de estranho no comportamento da mãe, ele preferiu deixar para averiguar mais tarde que carta seria aquela.

Quando a mãe foi tomar banho naquela tarde, Ryan entrou em seu quarto e vasculhou nervosamente seu armário. Não demorou muito para encontrar o envelope escondido em uma caixinha de madeira.

Ryan o abriu e leu a carta, descobrindo o relacionamento extraconjugal de sua ex-esposa com o próprio cunhado. Uma onda de calor envolvendo todo o seu corpo foi a primeira reação involuntária que ele presenciou após ler aquele conteúdo indecoroso. Sua segunda reação, bastante voluntária, foi a de amassar a carta entre os dedos. Porém, antes que ela se transformasse em uma bola de papel, Ryan percebeu que sua mãe havia desligado o chuveiro e que entraria no quarto muito em breve.

Recobrou a sanidade, desamassou a carta, colocou-a no envelope e a devolveu na caixa de madeira, dentro do armário. Quando dona Eleanor voltou para o quarto, tudo estava em seu devido lugar.

Após sua descoberta, Ryan foi para o quarto, onde permaneceu até o dia seguinte, dizendo estar indisposto para o jantar. A mãe, que também não estava preparada para encarar o filho naquele dia,

achou aquela indisposição bastante providencial e afortunada.

Ryan nunca comentou sobre aquela carta com ninguém, nem mesmo com sua mãe. Guardou para si aquele cruel segredo e escondeu de todos a raiva que sentia todas as vezes em que ouvia falar de Claire ou de Eric.

Foram muitos os dias em que ele se pegou imaginando tórridas cenas de sexo entre os dois traidores. Imaginava-os entre carícias e gemidos, ora na cama dele, ora na cama do quarto ao lado. Mas quando a sua raiva chegava ao extremo, ele se imaginava indo até o cemitério, desenterrando o casal de amantes e chacoalhando seus corpos inertes no ar, cobrando deles explicações para seus atos.

Chegou a pensar em contar a verdade para Anne, talvez para vê-la sofrer, talvez para dividir com ela o peso de ter sido enganado. Mas desistiu. Não queria que ela sentisse pena dele ou acreditasse que aquele episódio finalmente os aproximaria. Chegou a imaginar que ela pudesse, apesar da sua própria dor, jogar na cara dele que a traição de Claire era finalmente um fato

confirmado. Decidiu, então, nunca revelar a ela nem a ninguém aquele doloroso e embaraçoso acontecimento.

Justamente para evitar que Anne tomasse consciência daquela traição sórdida, Ryan se preocupou em retirar da pasta do Eric os dois bilhetes que haviam sido enviados por Claire a Eric secretamente. Sabia que aquelas eram pistas que provavelmente levariam Anne a descobrir a verdade.

Ele mesmo não se conformava por não percebido a traição de Claire ao ver aqueles bilhetes pela primeira vez. Graças às fotografias de Anne com Bruce que ele havia encontrado naquela mesma pasta, Ryan rapidamente supôs que aqueles bilhetes também estivessem relacionados aos deslizes da cunhada.

Porém, poucos dias após encontrar a tal carta no armário de dona Eleanor, Ryan se lembrou dos bilhetes e os buscou na pasta, entendendo enfim o que lhe pareceu muito óbvio. Assim como a carta, aquelas notas rápidas também eram recados de Claire para Eric. Sentiu-se duplamente paspalho.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

44

ENTRE AMIGOS

Naquele aniversário de 2006, Lisa abriu mão das tradicionais festas grandes, cheias de amigos e familiares. Não teria festa na casa dela, nem no salão de festas no centro da cidade, nem em um restaurante. Finalizando o ano atípico, ela decidiu comemorar seus 17 anos com poucos amigos em um bar em Londres.

No dia do aniversário, a avó, apesar de chateada por não ter sido convidada para a festa daquele ano, fez o tradicional bolo de nozes. E os três cantaram parabéns para Lisa, que não escapou de apagar as velinhas e sorrir para as fotografias.

A família americana estranhou a opção de Lisa pela festa restrita, mas tentou se mostrar compreensiva. Como no final de dezembro ela iria para os Estados Unidos para passarem o Natal e o Réveillon juntos, eles acabaram se contentando

com os poucos dias que couberam a eles naquele final de ano.

Mesmo desagradando a alguns, o aniversário quase exclusivo de Lisa foi um sucesso, pelo menos para ela. Connor estava na pequena lista de convidados e não desgrudou da aniversariante por um minuto sequer. Dançaram, beberam, se abraçaram e se beijaram.

Apesar de não se dizerem oficialmente namorados, os dois começaram a se encontrar com certa regularidade. Aquela aproximação agradou alguns amigos de Lisa, que gostaram do jeito despojado de Connor. Outros amigos se mostraram indiferentes à presença dele ao lado de Lisa. Mas houve gente que odiou aquela nova companhia. Emily logo se encaixou nesta terceira turma, a dos contrários à aproximação dos dois.

Mas Lisa não parecia muito preocupada com a opinião dos amigos e, muito menos, dos familiares. Aparentemente apaixonada por aquele rapaz que se vestia, falava e se comportava de uma maneira um tanto fora do convencional, ela acreditava que aquela nova amizade intensa era uma forma de contrariar as expectativas e burlar as regras

restritamente determinadas pela sua família.

Ryan se encontrou com Connor pouquíssimas vezes e fazia um esforço tremendo para se convencer de que aquela espécie de namoro moderno duraria pouco. Mas parecia estar durando bem mais do que ele desejava.

Já a família americana, até então nem sabia da existência de Connor. Mas eles estavam prestes a sair da ignorância.

45

EM ASPEN

No Natal daquele ano, Lisa viajou com Anne, Bruce e a avó Laura para Aspen, no estado americano do Colorado. Como aquele era o primeiro final de ano sem o senhor John, eles resolveram que seria uma boa ideia saírem de Warren e fazerem uma viagem completamente diferente do que eles estavam acostumados a fazer.

Mas parece que a ideia de se afastarem de Warren para afastarem também as lembranças do senhor John não surtiu o efeito desejado. Dona Laura falou do marido falecido durante toda a viagem. Apesar do senhor John nunca ter estado naquela cidade, apesar de ele não gostar de neve, de ele nunca ter pisado em uma estação de esqui, de ele nunca ter comido fondue, para ela tudo naquele lugar lembrava o marido.

Pelo menos para Lisa, a viagem estava sendo bastante agradável, principalmente quando eles passavam o dia nas estações de esqui. E a sua alegria aumentou consideravelmente no quinto dia, quando ela encontrou um amigo, aparentemente, por acaso.

Bruce e Anne até gostaram da tal coincidência, pois reconheciam que não eram propriamente as melhores companhias para as atividades que uma estação de esqui propunha aos seus visitantes. Logo julgaram que seria bom para Lisa poder se distrair com alguém mais jovem e disposto a enfrentar os dias na neve com ela.

Porém, a aceitação do novo companheiro de viagem não durou muito. Já no segundo dia de interação, Anne, Bruce e a avó Laura perceberam que o nível de intimidade entre os dois jovens estava bem além do natural entre dois simples amigos que se encontram ao acaso a milhas e milhas de suas casas.

No carro, na volta para o hotel, Bruce iniciou um interrogatório:

—Quem é o seu amigo, Lili?

—Já apresentei para vocês. É o Connor.

—Sim, mas é da escola?

—Lá da rua.

—Mora na mesma rua que você? — perguntou Bruce, olhando para ela pelo retrovisor do carro.

Antes que ela respondesse, Anne entrou no interrogatório:

—Em qual casa?

—Naquela amarela que estava vazia há anos.

—Ele mora com os pais? — perguntou Anne.

—Com a mãe. Ela é separada.

Então, a avó, que estava estranhamente quieta até então, resolveu entrar na conversa e perguntar o que realmente interessava:

—E vocês são namorados?

Durante cerca de dois segundos, todos aguardaram ansiosos pela resposta.

—Não sei — respondeu Lisa balançando os ombros.

Anne olhou para Bruce, que retribuiu o olhar, estarecido.

Então, a avó se colocou novamente:

—Então foi uma bela coincidência vocês se encontrarem aqui.

—Não falei que foi coincidência. Ele soube que eu estaria aqui e veio.

—E ele está aqui com a família? — perguntou

Anne.

—Sozinho.

—Sozinho? — perguntou Bruce, olhando novamente pelo retrovisor.

—Sim, ele já tem 21 anos. Não viaja mais com os pais.

—O Ryan conhece ele?

—Viu algumas vezes.

Então, Lisa se irritou.

—Nossa, que interrogatório. Eu já tenho 17 anos. Vocês precisam entender que eu cresci.

Todos ficaram em silêncio e não perguntaram mais nada sobre o rapaz que talvez fosse namorado de Lisa.

No jantar, quando todos já estavam sentados à mesa no restaurante do hotel, uma ingrata surpresa: Connor estava hospedado no mesmo hotel.

Bruce não se conformava com a presença imposta pelo rapaz de cabelo estranho, modos ousados e conversa mole. Nem se conformava com o fato de que Ryan o conhecia e que provavelmente estava ciente da presença dele naquela viagem.

Logo no segundo dia, Bruce disse a Anne que ligaria para Ryan para obter mais informações sobre o tal vizinho da casa amarela que havia

PERIGOSAS NACIONAIS

aparecido em Aspen e grudado em Lisa durante a viagem em família. Mas Anne pediu que não incomodasse Ryan e que eles saberiam como lidar com aquela situação.

Porém a presença de Connor em Aspen seria mais breve do que o esperado por todos. No dia de Natal, Connor e Lisa tiveram uma discussão acalorada e o vizinho da casa amarela, possivelmente seu namorado, sumiu de repente.

Para a família, aquele sumiço foi providencial e afortunado, mas Lisa reagiu de forma intensa à partida inesperada de Connor. Anne tentou acalmar e consolar a filha, mas ela permaneceu emburrada o restante da viagem.

Quando Lisa voltou para casa, no segundo dia do novo ano, encontrou seu pai estressado e um bouquet de flores no lixo.

PERIGOSAS ACHERON

46

O PEDIDO

Pouco mais de uma hora antes de Lisa chegar do aeroporto, tocou a campainha na casa de Ryan. Ele foi logo atender, imaginando que a filha tivesse chegado um pouco antes do horário previsto. Porém, quando Ryan abriu a porta, não foi Lisa que ele viu, foi Connor, com um bouquet de rosas na mão.

—A Lili chegou? — perguntou o rapaz, claramente ansioso.

—Ainda não — respondeu Ryan, irritado com a pressa do rapaz.

—Acho que é até melhor. Talvez seja melhor eu falar com o senhor antes.

Ryan ficou ainda mais irritado.

Ali da porta mesmo, Connor continuou:

—Eu queria pedir a mão da Lili em casamento

hoje. Talvez o senhor até me ajude a me preparar melhor.

Ryan não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

—Casamento?

—Sim. Pensei que seria melhor a gente se casar antes dela entrar na universidade.

Ryan nem respondeu, pegou o bouquet da mão do rapaz e jogou dentro da lixeira que estava na calçada.

Connor sentiu-se ultrajado com a reação de Ryan e perdeu a classe momentânea na hora, gritando improperios, enquanto caminhava para sua casa.

Quando Lisa chegou, a avó se aproximou meio sem jeito, deu um rápido beijo na neta e foi se afastando. Não queria estar perto quando pai e filha conversassem sobre o repentino pedido de casamento.

Ryan nem a cumprimentou e já foi falando o que estava engasgado em sua garganta fazia quase uma hora.

—Que história é essa do Connor?

—A mamãe já te contou, então?

—A Anne? Ela sabia?

PERIGOSAS NACIONAIS

—Lógico, ela tava lá.

—Lá onde?

—Em Aspen.

—O que Aspen tem a ver com o Connor?

—Ele também estava lá. Não é disso que o senhor tá falando?

—Em Aspen? O Connor foi para Aspen?

—Foi, mas voltou antes.

—Ele foi até Aspen te pedir em casamento?

—Em casamento?

—Sim. Ele veio aqui hoje com flores para te pedir em casamento.

Lisa ficou olhando para o pai.

—O senhor tá falando sério?

—Sim. E quando eu falei que não ele saiu falando barbaridades. Eu não aprovo. Primeiro você vai estudar.

—Sim, eu vou estudar primeiro. Fique tranquilo.

Ryan ficou mais tranquilo

—Mas talvez a gente se case depois — completou Lisa, indo para o quarto com sua mala.

Ryan ficou agitado.

Mas a verdade é que Lisa nem considerou aquele estranho pedido de casamento que de fato nunca aconteceu. Cansada das atitudes infantis de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Connor e magoada com o repentino sumiço dele em Aspen, Lisa decidiu que não queria ter que administrar mais aquele problema em sua vida.

Connor demorou um pouco para aceitar a decisão de Lisa. Apareceu algumas vezes em sua casa, a seguiu até a escola, a surpreendeu no shopping, na praça e em restaurantes com amigos. Mas, Lisa nem cogitou voltar atrás. Enfim, ele acabou aceitando o distanciamento e não sobrou nem namoro, nem casamento, nem amizade.

Ryan, Anne e Bruce ficaram bem mais tranquilos com aquele novo (e aparentemente definitivo) sumiço do rapaz.

PERIGOSAS ACHERON

47

MUDANÇA DE PLANOS

Até aquele ano de 2007 todos acreditavam que Lisa estivesse se preparando para ingressar em uma boa faculdade de Arquitetura, seguindo os passos de Anne. Mas, nas férias de verão, ela revelou que seus planos já não eram bem aqueles.

Diferentemente do verão anterior, quando Lisa optou por passar o mês de agosto em Oxfordshire com os amigos, naquele ano Lisa manteve a previsibilidade e foi para os Estados Unidos passar as férias com a família americana.

Faltando poucos dias para a chegada de Lisa, Anne começou a preparar a casa com a antecedência necessária e o capricho indispensável, como ela costumava fazer todas as vezes em que a

PERIGOSAS ACHERON

filha permanecia em Warren.

Para que Lisa nunca duvidasse de que aquele era também o seu lar e para que se sentisse confortável e bem acolhida naquela casa, Anne mantinha um quarto exclusivamente para ela, com suas roupas e objetos pessoais.

Anne também costumava pegar as revistas que havia comprado nos meses anteriores e colocá-las na mesinha de cabeceira de Lisa. Eram geralmente revistas de arquitetura e decoração, já que Lisa afirmava que cursaria Arquitetura, assim como Anne havia feito anos atrás.

Como, a partir de setembro, Lisa iniciaria o último ano letivo antes do ingresso na universidade, Anne aproveitaria aquela oportunidade para dar dicas sobre o curso de Arquitetura e até, quem sabe, com sorte, convencê-la a ir estudar nos Estados Unidos no ano seguinte.

Já no primeiro dia, Anne tratou de iniciar seu plano de preparação para a universidade de Arquitetura. Porém, naquela visita, Lisa chegou com uma notícia completamente conflitante com a alta expectativa de Anne.

—Filha, vamos até o escritório que eu quero te mostrar alguns materiais da faculdade, meus

PERIGOSAS NACIONAIS

desenhos, projetos. Tenho muitas coisas que você pode usar, como réguas, canetas, lápis — disse Anne, sem esconder sua empolgação.

Quando Anne abriu o armário e começou a tirar de dentro dele livros, revistas, manuais e desenhos, Lisa finalmente deu a notícia que Anne nunca esperaria ouvir:

—Eu não vou mais fazer Arquitetura — disse, sem hesitar.

Anne parou o que estava fazendo e olhou para a filha:

—Como assim? — perguntou Anne, claramente desolada com a revelação.

—Não acho que daria certo.

Anne engoliu a saliva, olhou para a filha e tentou mostrar tranquilidade.

—Você pode escolher outra carreira, filha. Não precisa estudar o que eu estudei.

—Vou estudar Literatura.

Ao ouvir aquela frase, que foi recebida como um soco em seu estômago, Anne tentou se controlar. Mas a forma inquieta com que mexia nas revistas e livros, colocando-os de um lado para o outro sem uma razão coerente, denunciavam sua real situação emocional.

PERIGOSAS ACHERON

—Literatura?

—Eu acho que o vovô tinha razão. Eu gosto de escrever.

Anne continuou mudando as coisas de lugar sem nenhuma lógica.

—Eu acho que eu herdei o talento da minha mãe — disse Lisa, dando o golpe de misericórdia.

Anne se segurava para não desmoronar. Enquanto a filha pronunciava aquelas frases, sua vontade era a de rasgar todos aqueles projetos, aquelas revistas e aqueles livros de arquitetura. Segurar a filha pelos ombros e chacoalhá-la com força, gritando que a Claire não era exatamente a mãe perfeita que ela imaginava e que aquelas histórias de contos de fadas nas quais a fizeram acreditar não passavam de fantasias.

Mas ela não fez nada daquilo. E as lágrimas represadas por meses começaram a escorrer pelo seu rosto. Sentada no chão entre todas aquelas revistas, livros, réguas e aquarelas, Anne não conseguiu mais manter a pose de mulher forte que ela havia criado há alguns meses. Com as mãos cobrindo o rosto, ela começou a chorar.

Lisa se assustou com aquela reação e se aproximou, tentando fazê-la se acalmar.

—O que foi mãe? Por que a senhora está chorando tanto? Não sabia que seria tão difícil para a senhora.

Quando finalmente se tranquilizou, Anne olhou para a filha e deu uma falsa explicação para a sua reação descontrolada.

—Não se preocupe, filha. Acho que eu me lembrei do seu avô. Ele sempre quis que você seguisse essa carreira. Eu acho que ele estava certo. Quero que você seja feliz.

Assim que finalizaram aquela difícil conversa, Anne sentiu mais uma vez que o destino estava arremessando em sua cara o fato de que Claire era a verdadeira mãe de Lisa. Era como se a natureza novamente colocasse as coisas nos seus devidos lugares e confirmasse, mais uma vez, o seu já comprovado fracasso.

48

A CALOURA

Conforme havia revelado para a mãe e para toda a família naquele verão de 2007, Lisa realmente optou pelo curso de Literatura e se dedicou para conquistar uma vaga em uma universidade conceituada. E foi o que aconteceu. Em setembro de 2008, ela ingressou na Universidade de Manchester, na Inglaterra.

Como a universidade ficava a mais de 200 milhas de Brentford, Lisa permaneceu os três anos seguintes em uma acomodação estudantil na cidade de Manchester.

No início, Lisa manteve uma visita a Brentford por mês. Mas, com o tempo, graças às novas amizades e aos estudos, as visitas foram reduzidas. Nas épocas de exames, ela ficava até dois meses sem aparecer. Quando arrumou um novo namorado, sumiu por mais de três meses.

Ryan e dona Eleanor conheceram o namorado de Lisa na única vez em que Lisa esteve em Brentford no meio da semana, às pressas. O motivo da visita repentina foi a cadelinha Peter que precisou passar por uma cirurgia de emergência graças a um tumor no útero. Quando foi avisada da piora de Peter e da necessidade de uma cirurgia, Lisa não pensou duas vezes. Pegou um trem e apareceu em Brentford com o outro Peter, o seu novo namorado que, coincidentemente, tinha o mesmo nome de sua cadelinha.

Peter conheceu Ryan e dona Eleanor algumas horas depois de chegar à Brentford, quando voltou com Lisa e a Peter canina do veterinário. A cirurgia havia sido um sucesso e Peter estava bem.

Observando o cuidado e atenção que o novo namorado dispensava à Lisa, Ryan e a avó logo o considerarem o homem perfeito para ela. Além de britânico, atencioso e apaixonado, Peter era bonito, inteligente e muito educado.

Porém, aquela rápida aceitação não estava prevista. Graças à desastrosa experiência com o primeiro romance de Lisa, Ryan e dona Eleanor receberam Peter cheios de cismas e reticências. Felizmente, Peter em nada lembrava o desastrado

Connor.

Os familiares americanos também pareceram aprovar o novo namorado de Lisa, apesar de não terem tido muito tempo para conhecê-lo profundamente. Eles foram apresentados a Peter na única vez em que Lisa esteve em Warren durante os três anos de universidade. Foi no verão de 2009, quando ela foi para os Estados Unidos na companhia de Peter e de duas amigas.

Aquela visita não foi bem o que os parentes americanos esperavam. Dispostos a conhecer Peter e a matar as saudades de Lisa, Bruce e Anne até tiraram alguns dias de férias do trabalho. Mas aquela decisão não contribuiu para que ficassem mais tempo junto da filha.

Assim que chegou, Lisa avisou que não ficaria na casa dos pais porque faria companhia ao namorado e às amigas em um hotel no centro da cidade. Decisão que foi recebida com muita tristeza e surpresa por Anne e Bruce.

Apesar dos esforços empreendidos para permanecerem o maior tempo possível ao lado de Lisa e para conhecerem melhor seu novo namorado, ao final daquelas duas semanas de

PERIGOSAS NACIONAIS

visita, Anne, Bruce e a avó Laura tiveram a impressão de que aquela viagem havia sido muito mais para apresentar os Estados Unidos aos amigos do que para matar as saudades e ficar ao lado deles.

PERIGOSAS ACHERON

49

A VOLTA PARA CASA

Em julho de 2010, após cursar os três anos na Universidade de Manchester, Lisa voltou para casa cheia de novidades.

A primeira grande notícia era uma dupla novidade: ela e Peter haviam ficado noivos naquele ano e se casariam no ano seguinte. A primeira parte da notícia não foi muito bem recebida pelos familiares, pois não imaginavam que ela tivesse realizado um noivado confidencial, restrito e à distância. Porém, a outra parte, a do casamento, foi bem aceita por todos, que já imaginavam que os dois não demorariam muito tempo para subirem ao altar e trocarem alianças.

A segunda novidade envolvia sua promissora carreira de escritora. Após escrever um livro como parte de um projeto do seu curso de Literatura, Lisa havia enviado o original à editora que publicara o

PERIGOSAS ACHERON

primeiro romance de Claire e algumas obras do avô. A editora havia aprovado a sua edição e o lançamento ocorreria no final daquele ano.

Contentes com a notícia e orgulhosos pela conquista de Lisa, os familiares iniciaram um interrogatório sem fim a respeito de sua primeira obra literária. Ansiosos para conhecerem a trama e serem apresentados antecipadamente às personagens, eles precisaram aceitar o silêncio. Lisa fez suspense absoluto. Não deu nenhuma informação sobre o livro, não disse se seria um romance ou uma não-ficção. Nem o nome da obra ela revelou.

Apesar das especulações constantes, nada foi revelado antes do livro chegar à casa de Ryan, poucos dias antes do Natal de 2010.

Anne, Bruce e a avó Laura souberam das novidades por telefone. Anne ficou tão contente e emocionada com as notícias que logo sugeriu a Bruce que eles tirassem ao menos uma semana de férias com urgência e fossem para Brentford. Ela queria abraçar a filha, parabenizá-la e poder ouvir de sua própria boca, pessoalmente, os detalhes sobre aquelas novidades.

Bruce até gostou da ideia, e dona Laura ficou tão contente com a sugestão que já fez menção de começar a preparar a mala. Mas Lisa logo arruinou qualquer possibilidade daquela ideia se concretizar. Disse que estava atarefada com o lançamento do livro, que viajaria com o noivo e pediu que aguardassem até o final do ano.

Logicamente, a família americana não aceitou muito bem a maneira rápida e precisa com que Lisa destruiu seus planos e suas expectativas. Anne ficou amargurada e teve que engolir, mais uma vez, as suas frustrações. Como já vinha fazendo há alguns anos, tentou justificar aquela atitude inesperada de Lisa. Se antes era culpa da adolescência, agora o seu distanciamento era culpa da maturidade.

50

A VISITA

Toda a família estava ansiosa naquele final de ano. O livro de Lisa chegaria às livrarias no dia 18

de dezembro e ela faria um pequeno lançamento para familiares e amigos no dia anterior, uma sexta-feira, em um espaço reservado dentro de um restaurante londrino.

Os parentes americanos também estavam ansiosos para o lançamento. Como sabiam que Lisa receberia alguns exemplares antecipadamente, no dia 17, eles fizeram questão de desembarcar nos Estados Unidos no dia 16.

Assim que chegaram, Bruce, Anne e dona Laura foram para o hotel onde costumavam se hospedar todas as vezes que iam para Warren. Descansariam até o final da tarde e jantariam na casa de Ryan.

Como ela sabia que o lançamento do livro de Lisa tomaria muito de seu tempo e de sua atenção nos próximos dias, Anne resolveu fazer logo naquele primeiro dia algo que ela não fazia há alguns anos: uma visita ao cemitério. Mas, daquela vez, a primeira após a descoberta do relacionamento secreto entre Claire e Eric, seria diferente.

Como de costume, Anne chegou ao cemitério com um bichinho de pelúcia novo para colocar sobre a sepultura de sua filha. Contrariando o costume, não levou flores para Claire nem para

Eric. E nem tinha a intenção de chorar e rezar por eles.

Quando chegou perto do túmulo, Anne notou de longe que alguém havia feito o que ela se negou a fazer naquele dia: levado flores para Claire. Ela foi se aproximando, olhando insistentemente para os lados para ver se a pessoa que havia deixado aqueles narcisos brancos na sepultura de sua família ainda estava por ali. Não viu ninguém.

Quando as lágrimas já começavam a cair, ela colocou delicadamente o ursinho bem próximo da lápide e notou que a placa de bronze não estava mais lá e que a mensagem entalhada na pedra, que Lisa afirmou ter lido, estava descoberta, à mostra. Sem dar muita atenção àquele fato, Anne permaneceu ali por mais de uma hora, chorando pela morte da filha e por todo o passado que ainda estava tão presente em sua vida.

Antes de ir para casa, Anne passou na administração do cemitério e perguntou sobre os registros de visitas daquele dia ao túmulo da irmã, mas ninguém havia deixado nenhum registro referente a uma visita àquela sepultura.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

51

OUTRO LIVRO

Como sempre acontecia quando realizava aquela visita, Anne deixou o cemitério, arrasada. Seus olhos estavam inchados de chorar, sua cabeça latejava, suas mãos tremiam. Mas ela tinha pouco tempo para se recuperar. Em poucas horas ela iria para a casa de Ryan para se encontrar com a filha que ela não via fazia cerca de um ano e meio.

Quando chegou ao hotel, Anne comentou com Bruce sobre os narcisos brancos ainda frescos sobre a sepultura. Mas Bruce não deu muita atenção para aquela história, ele estava mais preocupado com os olhos inchados e as mãos trêmulas da esposa.

Pouco antes de irem para a casa de Ryan, Anne já havia se recuperado e caprichado na maquiagem para disfarçar qualquer indício de que havia passado horas chorando naquela tarde. Sua preocupação naquele momento era se encontrar

PERIGOSAS ACHERON

com sua filha, parabenizá-la por sua conquista e comemorar com ela aquele momento tão importante.

Perto das 19h, eles chegaram à casa de Ryan. Anne e dona Laura apareceram com presentes para Lisa, e Bruce, com um lindo ramalhete de flores coloridas.

Quando tocaram a campainha da casa, todos estavam ansiosos para encontrarem a nova escritora da família. Mas, para decepção de todos, Lisa não estava em casa.

Após poucos minutos, dona Eleanor abriu a porta um pouco sem graça e não os cumprimentou da maneira sorridente como sempre fazia. Até Peter, que sempre os recepcionava já na porta, latindo e abanando o rabinho não apareceu. Permaneceu em seu colchãozinho no canto da sala.

Ao entrarem na casa, eles se depararam com Ryan sentado no sofá da sala, em silêncio, olhando para baixo, batendo o pé no chão de forma compassada.

Estranhando o clima pesado daquela casa, a incomum atitude dos anfitriões e a ausência de Lisa, os três ficaram apreensivos.

—O que aconteceu dona Eleanor? — perguntou

Anne com a voz trêmula, imaginando que algo de ruim tivesse acontecido com a filha.

Dona Eleanor desviou o olhar. Ryan continuou olhando para baixo.

—Onde está a Lisa? — perguntou Bruce, já aflito, olhando para Ryan.

Ryan, que segurava um livro em suas mãos, não respondeu. Sem olhar para eles, jogou sobre a pequena mesa à sua frente um exemplar da primeira obra literária de Lisa, que havia chegado naquela tarde, um dia antes do esperado.

Se aproximando da mesa, Anne pôde ler o título escrito em azul, se destacando da imagem de narcisos brancos que tomava toda a capa: O Recomeço.

Abaixo do título, no pé da capa, o nome da autora: Christie Miller Green.

PERIGOSAS NACIONAIS

FIM
(leia o Epílogo)

PERIGOSAS ACHERON

EPÍLOGO

Ao publicar a obra com o pseudônimo de Christie Miller Green, Lisa, obviamente, já estava ciente de que aquele era o seu nome real.

A responsável por contar toda a verdade a Lisa foi sua avó Eleanor, em uma das visitas que Lisa fez a Brentford no final do primeiro ano da universidade.

Sozinhas em casa, Lisa e dona Eleanor iniciaram uma conversa sem nenhuma pretensão de que ela se tornasse tão reveladora.

—Eu sinto sua falta, Lili. Você tem vindo pouco nos ver.

—Eu também sinto falta da senhora.

—E do seu pai? — perguntou, suspeitando que houvesse algum outro motivo, além da falta de tempo, que justificasse o distanciamento entre ela e Ryan.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Também.

—Ele também sente muito a sua falta.

Lisa ficou em silêncio, olhou para baixo, suspirou e tornou a olhar para a avó.

—Eu descobri sobre a traição.

Dona Eleanor ficou olhando para ela, confusa.

—Então foi você que leu a carta?

—Carta?

—Sim. A carta no meu armário. Não foi assim que você descobriu? — disse dona Eleanor, mantendo a calma.

—Foram várias coisas na verdade. Mas não vi carta nenhuma.

A avó se aproximou da neta e pegou em sua mão.

—Você contou pro seu pai?

—O quê? Que eu sei?

—Não. Você contou sobre a traição pra ele?

Lisa olhou confusa para a avó, soltou a mão que ela segurava e aumentou um pouco o tom da voz.

—Acho que ele sabe que traiu a Claire com minha mãe. Isso eu não preciso contar pra ele.

—Traiu a Claire?

—Sim, vó. Com a Anne. Do que a senhora está falando?

PERIGOSAS ACHERON

A partir daquele ponto da conversa, ambas perceberam que não estavam falando da mesma traição. Lisa foi a primeira a contar a sua parte da história, aquela que, até então, ela julgava ser a verdadeira. Contou tudo o que havia descoberto e as evidências que a fizeram acreditar que Ryan houvesse traído Claire em um relacionamento escuso com Anne. E, para piorar ainda mais o caráter cafajeste do pai, segundo as descobertas de Lisa, ele a havia levado para a Inglaterra, separando mãe e filha. Sem contar nas mentiras que ele e Anne haviam contado a ela durante todos aqueles anos.

Depois de ouvir toda aquela história e a maneira controversa como o destino havia levado Lisa àquelas conclusões que até pareciam óbvias, foi a vez de dona Eleanor falar. Diante daquela imagem horrível que Lisa havia criado de seu pai, não restou à avó outra opção a não ser contar a ela toda a verdade. Pacientemente e sem fazer alarde, dona Eleanor contou sobre a traição de Claire e Eric, contou sobre a troca de bebês, sobre as descobertas de Ryan, sobre o exame de DNA, sobre como decidiram manter as mentiras. Enfim, contou tudo, sem poupar os detalhes.

PERIGOSAS NACIONAIS

Com depoimentos tendenciosos, mas verdadeiros, dona Eleanor deixou claro que Ryan também era uma vítima em toda aquela história e que seu único grande erro havia sido o fato de ter mantido aquelas mentiras por tantos anos.

Daquela maneira, dona Eleanor evitou, mais uma vez, que o passado de seu filho fosse manchado e que seu futuro fosse injustamente roubado.

Na terceira página do livro de Lisa, O Recomeço, havia uma dedicatória a Ryan:

“Pai,
O senhor lutou por mim com persistência, mesmo sem saber o que representaria vencer.
Talvez o senhor nem soubesse porque lutava tanto.

O senhor cuidou de mim com aptidão, mesmo sem saber o significado de cuidar.
Talvez o senhor nem soubesse que me desejava tanto.

Hoje eu o convido a um recomeço. Mesmo que a gente não saiba como.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Certamente, eu nem sabia que o amava tanto.”

PERIGOSAS ACHERON